



BEATRIZ BRITO MENDES

AS MULHERES PELA CIDADE:

USOS E PERCEPÇÕES FEMININAS
SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS
NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA



Universidade Federal Da Paraíba | UFPB

Centro de Tecnologia | CT

Programa De Pós Graduação Em Arquitetura E Urbanismo | PPGAU

AS MULHERES PELA CIDADE:

USOS E PERCEPÇÕES FEMININAS SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS NO
CENTRO DE CAMPINA GRANDE – PB.

BEATRIZ BRITO MENDES

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal da
Paraíba para obtenção do título de Mestre.

Orientação da Prof. Dra. Marcele Trigueiro de
Araújo Moraes.

João Pessoa, dezembro de 2021

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862m Brito, Beatriz Mendes.

As mulheres pela cidade: usos e percepções femininas sobre os espaços públicos no Centro de Campina Grande - PB / Beatriz Brito Mendes. - João Pessoa, 2021.
276 f. : il.

Orientação: Marcele Trigueiro de Araújo Moraes.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT.

1. Arquitetura. 2. Mulheres. 3. Espaços públicos. 4. Percepções. 5. Experiências urbanas. I. Moraes, Marcele Trigueiro de Araújo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 72-055.2(043)

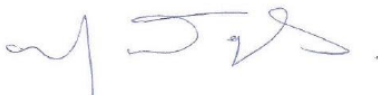
BEATRIZ BRITO MENDES

AS MULHERES PELA CIDADE:

USOS E PERCEPÇÕES FEMININAS SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS NO
CENTRO DE CAMPINA GRANDE - PB.

Data da defesa: 16 de dezembro de 2021

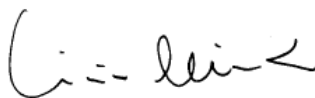
Membros da banca:



Orientadora (UFPB): Marcele Trigueiro de Araújo Moraes.



Examinador interno (UFPB): Francisco de Assis da Costa



Examinadora externa (UFCG): Livia Izabel Bezerra de Miranda

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil finalizar um trabalho acadêmico em um período tão sombrio de desvalorização da vida, descrença na educação e de muitos retrocessos. Talvez, por esse motivo, se faça ainda mais necessário retribuir todo afeto que recebi no caminho. Concluir essa dissertação só foi possível graças a uma ampla rede de apoio formada por familiares e pessoas amigas que, desde o início, deram todo o suporte emocional e teórico para chegar até aqui. Neste sentido, meu sincero agradecimento:

À minha família, pai (Luiz), mãe (Ofélia) e irmão (Levi). Por tudo. Obrigada por toda a dedicação com minha formação, pelo imensurável apoio e pelos ensinamentos sobre tolerância, amor e afeto, que fizeram toda a diferença ao longo da minha vida.

Aos tios, tias, primas e primos, pela proximidade, alegria de sempre e aconchego cratense. Principalmente Tia Diana, José, Ledinha, Fernando, Tia Liana, Daniel, Fia (Maria), Gui e Sara, pelas conversas, costuras, receitas, brincadeiras, passeios, confiança e trocas intelectuais. A generosidade, simplicidade e afeto de vocês são inspiração.

À Aída, pela amizade e por mostrar e abrir tantos caminhos. Por ser essa pessoa que acredita tanto que mudar a cidade é possível e contagia tanta gente com sua esperança e conhecimento. Pela oportunidade no LabRua, lugar onde conheci tanta gente

maravilhosa, que fez me apaixonar por pesquisa e me guiou até o mestrado.

À toda equipe do laboratório, por todos os momentos na casinha azul, das trocas intelectuais à descontração com café e bolo: vocês fizeram meus dias em Campina mais felizes. Agradeço aos queridos Allysson e Naza, por todas as ajudas e compartilhamentos. E, especialmente, às amigas-mulheres-pesquisadoras Sam, Yona, Bea Souza, Renata, Bia Moura e Bruna, por toda a dedicação, contribuição e suporte nos levantamentos (“eu sozinha ando bem, mas com vocês ando melhor”). Que possamos continuar compartilhando cantos, caminhadas, boas experiências e risadas.

Aos professores que contribuíram na minha formação, em especial a professora Lívia Miranda, que esteve presente desde a graduação em arquitetura e urbanismo até o mestrado, mostrando-se sempre disponível em partilhar ensinamentos e lutas. E ao professor Xico Costa, por aceitar participar da banca e pela sensibilidade de suas contribuições.

Ao Programa de Arquitetura e Urbanismo da UFPB e seu corpo de estudantes e professores. Em especial, meu agradecimento à Jovanka Scocuglia, que me acompanhou no início de forma tão animadora, possibilitando os primeiros passos dessa pesquisa; às professoras Doralice Maia, Nirvana de Sá, Angelina Costa, Lucy Donegan e Mariana Bonates, e às colegas Brunielly, Ana Júlia, Hélen e Flávia, pelos preciosos encontros e contribuições dentro e fora da sala de aula.

À professora Marcelle Trigueiro, pelo acolhimento e dedicação. Não teria sido possível realizar essa dissertação sem a sua orientação. Obrigada pela motivação e pelas trocas com extrema calma, generosidade e alegria. E por me ensinar e inspirar, como pessoa e profissional, através da prática de uma docência com tamanha empatia e sensibilidade.

Aos amigos que participaram desses anos intensos e, quando necessário, me fizeram esquecer deste trabalho. Em especial, meu agradecimento à Raíza, Aída, Lucas e Carlos, por muita coisa, e sobretudo pela constante companhia, carinho, escuta, incentivo, ajudas e valiosos momentos de distração. Alberto, que mesmo de longe está pertinho e foi ponte para bibliografias importantes. Pedro, Breno, Julieta, Alessandra, Artur e Pc, pela recepção amorosa na chegada em João Pessoa. E aos queridos Lucas, Iale e Érico, pelas trocas, companheirismo e afeto, compartilhando rotinas em uma morada tão bonita. Vocês foram minha família fora de casa e essenciais para manter a alegria de continuar.

À todas as mulheres que aceitaram participar desse trabalho. Muito obrigada pela disponibilidade e pela generosidade em compartilhar suas rotinas, alegrias e medos, essenciais para as reflexões e análises aqui apresentadas. Espero ter conseguido dar visibilidade a esse ato político diário, tão constantemente silenciado, que é ser mulher e se fazer presente na cidade.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

RESUMO

A formação histórica de nossas cidades e, em particular, do Nordeste brasileiro, contribuiu para a consolidação de espaços públicos que possuem forte tendência de gênero. A divisão sexual do trabalho e a objetificação dos corpos são alguns dos fatores sociais que exercem influência na forma segundo a qual as mulheres utilizam a cidade, e que, atrelados a alguns aspectos da morfologia urbana, contribuem para que elas sejam constantemente desmotivadas a vivenciar o meio urbano ou que tenham suas experiências marcadas pela mobilização de táticas, aptas a lhes conferir um mínimo de segurança e de conforto em suas atividades sociais urbanas. Com o objetivo de investigar as práticas socioespaciais das mulheres e sua percepção em relação aos atributos morfológicos dos espaços públicos do Centro de Campina Grande, na Paraíba, foram realizados levantamentos de campo e entrevistas com as usuárias do bairro. A metodologia permitiu apreender e debater sobre como os aspectos, objetivos ou subjetivos, ligados aos atributos físicos do espaço e à individualidade da mulher, respectivamente, são importantes e exercem influência no modo com o qual elas circulam pelos espaços, na criação do medo ou da sensação de segurança. Dessa forma, elementos

da morfologia urbana, como a iluminação, infraestrutura das calçadas, usos das edificações, configuração das fachadas, ausência de pessoas nas ruas, presença de homens ou de mulheres circulando; e os relacionados à vivência da mulher na cidade, da familiaridade ou afeição com locais do bairro, assim como a estigmatização de gênero, incorporada nos discursos femininos aqui apreendidos, aparecem como fatores que, associados, possibilitam diferentes experiências urbanas. Os resultados apontam para a necessidade de repensar a divisão sexual, tanto do trabalho, quanto social nos espaços públicos, e para importância de valorizar a pluralidade da experiência feminina no processo de planejamento urbano, utilizando-a como elemento-guia das modificações urbanas que miram na busca pelo direito democrático à cidade. Além disso, ao considerar as diversas experiências, usos e relações que acontecem no espaço, com a acumulação e sobreposição de conceitos que bebem em fontes filosóficas e sociológicas, a pesquisa abre margem para evoluir no debate e nas problemáticas que envolvem a experimentação e a cidade, formulando reflexões a respeito da “subjetividade urbana”.

Palavras Chave: Mulheres; Espaços públicos; Percepções; Experiências urbanas.

ABSTRACT

The historic formation of our cities and, particularly, of Brazil's Northeast, has contributed to the consolidation of public spaces that possess a strong gender tendency. The sexual division of labor and the objectification of bodies are some of the social factors that influence the way women utilize the city and when linked to some aspects of urban morphology, contribute to constantly demotivating them to undergo the urban environment or having their experiences impacted by tactics able to provide them minimum security and comfort in their urban social activities. To investigate socio-spatial practices of women and their perception concerning the morphological attributes of public spaces from Campina Grande's Centre, in Paraíba, field surveys and interviews with women who utilized the neighborhood were made. The methodology allowed the learning and debating of how the objective or subjective aspects, linked to the physical attributes of space and the individuality of the woman, respectively, are important and have influence in the way they move around in the spaces, in the creation of fear or the feeling of security. Therefore, elements of the urban morphology, as the lighting, infrastructure of the sidewalks, use of the buildings, facades structure, absence of people in

the street, presence of men or women circulating; and the elements related to the woman's experience of the city, the familiarity or affection with places in the neighborhood, as the gender stigmatization incorporated in the women's narratives perceived here, appear as factors that, when together, enable different urban experiences. The results point to the need of rethinking the division, both sexual and social, in the public spaces, and to the importance of valuing the plurality of the feminine experience in the process of urban planning, utilizing it as a guide element in the urban modifications that aim the search for the democratic right to the city. Besides that, when considering the different experiences, uses, and relationships that happen in the space, with accumulation and overlap of concepts from philosophical and sociological sources, the research opens the way to evolve in the debate and problematics that surround the experimentation and the city, presenting reflections about the "urban subjectivity"

Keywords: Women; Public spaces; Perceptions; Urban experiences.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1: Diagrama metodológico.....	79
Imagem 2: Zonas de análise	82
Imagem 3: Cartazes com os mapas das zonas para serem levados a campo.	83
Imagem 4: Levantamentos de campo na zona 1 e 2, respectivamente.	84
Imagem 5: Cartaz teste de levantamento.....	85
Imagem 6: Fotografia dos cartazes preenchidos das zonas 1 e 2, respectivamente.....	85
Imagem 7: Mapas com a marcação das cinco ruas selecionadas.....	88
Imagem 8: Ficha de aspectos físicos gerais das ruas – frente	90
Imagem 9: Ficha de aspectos físicos gerais das ruas – verso	91
Imagem 10: Ficha por turno – frente	92
Imagem 11: Ficha de por turno – verso	93
Imagem 12: Foto de satélite do Centro, com a malha urbana e localização do Centro	96
Imagem 13: Mapa do Centro apresentado nas entrevistas com pontos de referência no bairro	97

Imagem 14: Roteiro entrevista Semiestruturada	
– Frente	98
Imagem 15: Roteiro entrevista Semiestruturada - Verso.....	99
Imagem 16: Localização Centro em relação à Campina Grande e à Paraíba.	105
Imagem 17: Identificação das mulheres no evento público para inauguração da Luz Elétrica na Rua Maciel Pinheiro em 1920.	106
Imagem 18: Intervenções nas calçadas e na iluminação públicas feitas no programa Campina Decó	108
Imagem 19: Mapa de bairros de Campina Grande	109
Imagem 20: Açude Velho e Parque do Povo, respectivamente.	110
Imagem 21: Mapa de espaços públicos e de avenidas importantes que passam pelo Centro de Campina Grande.....	111
Imagem 22: Quantificação das tipologias de uso identificadas no Centro de Campina Grande	112
Imagem 23: Mapa de uso do solo do Centro de Campina Grande	113
Imagem 24: Contagens realizadas pelo Laboratório de Rua	115
Imagem 25: Rua Maciel Pinheiro	117
Imagem 26: Avenida Floriano Peixoto.	117
Imagem 27: Localização das cinco ruas selecionadas	119

Imagem 28: Usos nas ruas selecionadas.....	121
Imagem 29: Predominância de usos por rua estudada	122
Imagem 30: Rodoviária Velha – Fachada da via Praça Lauritzen	123
Imagem 31: Fachadas na Rua Cardoso Vieira e vista do Calçadão.....	125
Imagem 32: Fachadas na Rua Treze de Maio	126
Imagem 33: Fachadas na Rua Vila Nova da Rainha	126
Imagem 34: Fachadas na Rua Índios Cariris.....	127
Imagem 35: Fachadas na Rua Des. Trindade	127
Imagem 36: Rua Treze de Maio à noite.....	129
Imagem 37: Quiosque da Rua Cardoso Vieira à noite, esquina com Maciel Pinheiro	130
Imagem 38: Bar da Rua Desembargador à noite	130
Imagem 39: Conflito entre arborização e iluminação pública na Rua Desembargador Trindade.....	131
Imagem 40: Escassez de iluminação pública na lateral da Rodoviária Velha, na Rua Cardoso Vieira	131
Imagem 41: Mobiliário urbano no Calçadão da Rua Cardoso Vieira.....	133
Imagem 42: Mobiliário urbano improvisado por ambulantes na Rua Índios Cariris.....	134
Imagem 43: Mobiliário urbano improvisado na Rua Treze de Maio	134

Imagem 44: Utilização dos canteiros para sentar no Calçadão da Cardoso Vieira.	134
Imagem 45: Mobiliário urbano improvisado nos quiosques na Rua Cardoso Vieira	134
Imagem 46: Mobiliário urbano improvisado por Mototaxistas na Rua Cardoso Vieira.....	134
Imagem 47: Insolação na Rua Treze de Maio	135
Imagem 48: Presença de árvores na calçada da Rua Desembargador Trindade, sem canteiro delimitado, danificando o piso.....	136
Imagem 49: Interrupções nas calçadas, dificultando o passeio na Rua Índios Cariris.....	137
Imagem 50: Interrupções nas calçadas, dificultando o passeio na Rua Desembargador Trindade	137
Imagem 51: Topografia da Rua Índios Cariris	138
Imagem 52: Topografia da Rua Vila Nova da Rainha	139
Imagem 53: Acúmulo de vans na Rua Cardoso Vieira, na fachada da Rodoviária Velha.....	140
Imagem 54: Concentração de caminhões na Rua Vila Nova da Rainha	140
Imagem 55: Comportamento dos pedestres nas ruas selecionadas – dia.....	145
Imagem 56: Mulheres esperando e trabalhando, registro da Rua Maciel Pinheiro.....	147

Imagem 57: Mulheres na frente das lojas na Rua Cardoso Vieira	147
Imagem 58: Mulheres paradas no ponto de ônibus da Rua Vila Nova da Rainha	148
Imagem 59: Contraste de mulheres e homens parados, usando o espaço, na Praça da Clementino Prócópio	148
Imagem 60: Contraste de mulheres e homens parados, usando o espaço, na Praça da Bandeira.....	149
Imagem 61: Contraste de mulheres e homens parados, usando o café da Praça da Bandeira.....	149
Imagem 62: Comportamento dos pedestres nas ruas selecionadas – noite	151
Imagem 63: Mulheres saindo da loja onde trabalham na Rua Cardoso Vieira e esperando na frente de um estabelecimento comercial na esquina da Rua Maciel Pinheiro, respectivamente.	152
Imagem 64: Mulher entrando em prédio residencial na Rua Desembargador Trindade	152
Imagem 65: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Cardoso Vieira, nas proximidades da Rodoviária Velha – dia.....	155
Imagem 66: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Cardoso Vieira, nas proximidades da Rodoviária Velha – noite	155

Imagem 67: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Treze de Maio, perto do Açude Novo (dia)	156
Imagem 68: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Treze de Maio, nas proximidades da Praça Clementino Procópio (noite)	156
Imagem 69: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Desembargador Trindade, nas proximidades do Parque do Povo – dia	157
Imagem 70: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Desembargador Trindade – nas proximidades do Parque do Povo – noite	157
Imagem 71: Características e dados das entrevistadas.....	162
Imagem 72: Organização das barracas nas ruas da Feira Central	176
Imagem 73: Entrada da Feira Central pela Rua Afonso Campos	176
Imagem 74: Fachadas “cegas” e ausência de pessoas circulando na Rua José Bonifácio, conhecida como “Rua das Castanholas”.	185
Imagem 75: Fachadas “cegas” e ausência de pessoas circulando na Rua Cel. Salvino Figueiredo.....	185
Imagem 76: Calçada com bastante movimento de pessoas – vista da entrada na Rua Marquês do Herval. ...	186

Imagem 77: Calçadão com bastante movimento de pessoas – vista do interior.	186
Imagem 78: Posto policial no canteiro da Rua Marquês do Herval, ao lado da Praça da Bandeira.	189
Imagem 79: Mapa dos lugares que vão com mais frequência.....	190
Imagem 80: Mapa dos lugares que evitam de ir	191
Imagem 81: Parque do Povo - Rua Sebastião Donato	191
Imagem 82: Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), trecho da Rua Sebastião Donato.....	192
Imagem 83: Interior do Parque Evaldo Cruz	192
Imagem 84: Rua Pedro Álvares Cabral, esquina do prédio principal da Feira Central	193
Imagem 85: Avenida Canal (Janúncio Ferreira) com vista para o Viaduto Elpídio de Almeida.	193
Imagem 86: Evento OcupAçude e cartaz de divulgação da ação.....	196
Imagem 87: Pedal do Bike anjas, parada no Parque da Liberdade e cartaz de divulgação de ação.....	196
Imagem 88: Ponto de mototaxistas na Rua Monsenhor Sales.	197
Imagem 89: Ponto de mototaxistas na Tavares Cavalcanti.	198
Imagem 90: Mulher sendo alvo olhares masculinos no Calçadão	201

Imagem 91: Ambulantes na Rua João Pessoa, ocupação da calçada	203
Imagem 92: Ambulantes na Rua João Pessoa, e espaço interno	203
Imagem 93: Ambulantes na Praça Clementino Procópio ..	204
Imagem 94: Mulheres andando pelo canteiro na Avenida Floriano Peixoto	206
Imagem 95: Fachadas rua Maciel Pinheiro	207
Imagem 96: <i>Parklets</i> da Rua Maciel Pinheiro	207
Imagem 97: Alargamento das esquinas na Rua Maciel Pinheiro	208
Imagem 98: Importância dos critérios físicos urbanos	209
Imagem 99: Pessoas usando o mobiliário da Rua Maciel Pinheiro	210
Imagem 100: Áreas residenciais de casas na Rua Desembargador Trindade	214
Imagem 101: Áreas residenciais de prédios na Rua Desembargador Trindade	214
Imagem 102: Rua Venâncio Neiva no fim de semana	215
Imagem 103: Relação entre quantidade de homens e mulheres no Calçadão da rua Cardoso Vieira.	223
Imagem 104: Pontos de prostituição na calçada da rua João Pessoa, próximo à rua Índios Cariris.....	235
Imagem 105: Espaços que geram sensação de insegurança nas ruas recortadas.....	238

SUMÁRIO

1. CIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO?	33
1.1. Cidades: <i>loci</i> de transformação	33
1.2. Os espaços públicos: somatório de processos e conflitos	39
1.3. A mulher e “seu lugar” na cidade.....	45
2. O ESPAÇO E AS EXPERIÊNCIAS URBANAS	58
2.1. Da casa à rua: a construção de uma experiência	58
2.2. O medo da/na cidade: perpetuação do domínio masculino	67
3. MÉTODOS	75
3.1. Levantamentos de campo.....	79
Etapa 1 - Compreensão dos fatores morfológicos do Centro	79
Etapa 2 - Subdivisão do bairro em zonas de análise....	80
Etapa 3 - Caracterização das ruas.....	88
3.2. Entrevistas (Etapa 4).....	93
3.3. Exploração do <i>corpus</i> (Etapa 5).....	101
4. CAMPINA GRANDE E BAIRRO DO CENTRO: HISTÓRIA E USOS	104
4.1. Formação histórica da cidade e bairro	104
4.2. Ruas do centro e seus modos de usar	118
4.3. Usos e comportamentos urbanos.....	141

5. PERCEPÇÕES FEMININAS SOBRE O CENTRO	159
5.1. Quem são essas mulheres	160
5.2. Como as mulheres experienciam os Centros	164
Deslocamentos das mulheres: realidade e alternativas possíveis	168
Inseguranças femininas e táticas de mobilização dos espaços.....	172
O Centro como opção: critérios de escolha ou evitamento por parte das entrevistadas	183
5.3. Estigmatização e o uso do Centro por gênero	216
A estigmatização dos corpos femininos: entreve à autonomia urbana das mulheres.....	218
Copresença feminina: um convite à resistência das mulheres nos espaços da cidade	226
5.4. “Se essas ruas fossem delas...”: a percepção das mulheres sobre os espaços públicos do centro ...	229
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 241
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 253
 APÊNDICES	 268
Apêndice 1: Ficha de campo – Análise geral da rua	268
Apêndice 2: Ficha de campo – Análise da rua por turno.....	271
Apêndice 3: Roteiro entrevista semiestruturada	274
Apêndice 4: Tabela resumo – dados das entrevistadas.....	277

INTRODUÇÃO

A pesquisa surgiu a partir de reflexões de cunho pessoal da pesquisadora enquanto mulher e usuária dos espaços públicos. A observação das experiências e percepções acerca da cidade por diversos usuários chamavam atenção por aparecerem muitas vezes de forma distinta, remetendo à questão de que homens e mulheres possuem diferentes práticas cotidianas ao desenvolverem suas atividades sociais urbanas nos espaços públicos. Parte-se do pressuposto segundo o qual a maneira com que as mulheres usam e se apropriam da cidade tem forte ligação com o acúmulo de responsabilidades ligadas ao cuidado da casa e da família ficar, majoritariamente, a cargo das mulheres; e com exigência masculina de acesso irrestrito aos seus corpos (SILVA, 2007), contribuindo para a supressão da liberdade feminina.

As diferenças sociais têm forte impacto na maneira com que as cidades são construídas ao longo do tempo, contribuindo, muitas vezes para segregação de alguns grupos (como raça, classe e gênero, por exemplo) (SILVA et. al., 2017). Acredita-se que a histórica divisão sexual de papéis sociais atribuída a

mulheres e homens¹ condicionam a diferentes utilizações dos espaços públicos na cidade de acordo com o gênero. De fato, historicamente, foi mais permitido aos homens a chance de ter plena vida social, usufruir livremente dos espaços públicos das cidades e das trocas e vivências que eles oferecem (SILVA *et al.*, 2017; TARDIN *et al.*, 2015; CALIÓ, 2017). Por sua vez, a mulher, ao longo do tempo, foi constantemente excluída da vida pública e teve sua liberdade de circulação tolhida, fazendo-se presente na cidade, para além dos deslocamentos envolvendo trabalho, muitas vezes, apenas para complementar as atividades do lar, como fazer compras, deixar e buscar os filhos na escola, ajudar no cuidado de entes familiares, entre outros. As restrições evoluíram, modificaram-se, mas perduram. Além das funções que devem exercer socialmente, em casa e com a família, às mulheres, cabe ainda o aprendizado de táticas para driblar o medo de percorrer espaços públicos, as quais lhes são transmitidas desde muito cedo.

O corpo feminino ainda é mais vulnerável à circulação quando comparado ao masculino, estando as mulheres sujeitas a violências de diferentes níveis, sendo o medo uma companhia constante no cotidiano². Assédios, estupros e

¹ Aqui entende-se por “os homens” pessoas do sexo masculino e “as mulheres” como pessoas do sexo feminino.

² Uma pesquisa realizada pelo Instituto YouGov e divulgada pelo Actionaid (2016) mostrou que o Brasil é um dos países que lidera o número de

importunações são algumas experiências vivenciadas constantemente por mulheres nas cidades, muitas vezes reforçado pela falta ou descaso com alguns serviços, tornando-as mais vulneráveis (ACTIONAID, 2016). Em vez de as cidades se adequarem às necessidades da mulher, é ela que acaba mudando, com maior frequência, seus hábitos, caminhos, horários e roupas, para driblar a chance de sofrer alguma violência.

Tais constatações levam à formulação de alguns questionamentos: Que fatores geram medo nas mulheres? Seriam eles apenas de ordem cultural, simbólica, ou estariam eles impressos no espaço físico de nossas cidades? Considerando que as relações de poder estão notadamente presentes em nossa sociedade e, conseqüentemente, na arquitetura, enquanto materialização de uma ordem sociocultural, de que maneira as características físico-espaciais dos espaços públicos poderiam interferir no comportamento das mulheres e na sua liberdade de usufruí-los? Neste sentido, que fatores morfológicos poderiam contribuir para que elas não se sintam bem ao estar, ao circular na cidade, ou as fazem desviar sua rota por sentirem

assédio nos espaços públicos, apesar desse ser um problema global. Os resultados apontam que 86% das brasileiras entrevistadas já sofreram assédio nas ruas, e 79% afirmam que a má qualidade dos serviços públicos dificulta o acesso à educação e ao trabalho, além de contribuir para os casos de assédio, assalto e estupro.

medo ou insegurança? E em que medida as questões de gênero repercutem nesta dinâmica?

Segundo o último levantamento do IBGE (2018), mais da metade da população brasileira é composta por mulheres (51,7%). Se observamos também os indicadores sociais que contabilizam a distribuição de funções, os acessos à serviços como educação e saúde, de vida pública e econômica, e os índices de violência nas cidades, percebemos que as diferenças entre as taxas femininas e masculinas confirmam uma forte desigualdade de gênero no país (IBGE, 2018). Na pesquisa realizada pelo YouGov, há dados sobre a sensação de segurança e medo das mulheres ao percorrer espaços públicos das cidades. Cerca de 70% das entrevistadas responderam que sentem mais medo ao andar pelas ruas, assim como ao usar o transporte público (68%) e ao chegar e sair de casa à noite (69%) (ACTIONAID, 2016).

Esses índices acontecem em um contexto em que mais de 80% da população brasileira vive em cidades, sendo evidente que o ambiente construído exerce influência nesse problema social. De fato, não há como refletir sobre o combate à violência ou desigualdade de gênero sem levar em consideração as relações sociais existentes assim como também o cenário onde as relações e conflitos acontecem: o espaço urbano. É necessário, portanto, discutir e avançar em questões como o desenho e o planejamento urbano das

cidades para combater as diferenças sociais de gênero existentes.

Acredita-se que a cultura do domínio do homem sobre o corpo da mulher é um fator determinante para entender o medo das mulheres de circular pelo espaço público. Mesmo com muitos avanços, as conquistas por direitos humanos e a cidade quase não estão expressas na configuração do espaço público, e o debate sobre o modelo de construção de cidade que inclua a questão de gênero ainda é recente. Discutir essas diferentes percepções no espaço urbano envolve tanto o entendimento das características desse espaço, a forma segundo a qual nossa sociedade está estruturada, com suas relações de poder, quanto também como esses aspectos estão interconectados e se retroalimentam.

26

Trata-se de relacionar e de discutir como as desigualdades de gênero se manifestam no urbano, como o nosso modelo de organização social influencia e é influenciado na forma como nossas cidades são estruturadas, e que gênero (aliado a raça, classe, etc.) estabelecem subjetividades que constroem experiências. Além de investigar essas percepções é necessário também compreender a complexidade do espaço para combater as desigualdades e produzir cidades mais justas.

Acredita-se que as questões que envolvem o direito à cidade, buscando direitos iguais e cidades mais inclusivas e humanas, ainda são debates relevantes no mundo contemporâneo. As lutas com essas temáticas têm muito o que alcançar, e no que se refere ao direito da mulher à cidade, quando levamos em consideração as características espaciais do meio urbano e as percepções femininas sobre esse espaço, ainda há poucas produções bibliográficas, principalmente em nosso país. Apesar de recentes, algumas pesquisas já obtiveram resultados que apontam variáveis que poderiam ser levadas em consideração para melhorar a relação das mulheres com a rua, como: melhorias na iluminação, transparências, visibilidades e limites, além de maior variedade de usos sociais no espaço. Muitos desses estudos e discussões têm escopo, corpo teórico e prático fora do Brasil, como aqueles produzidos pelos grupos de pesquisa encabeçados por Zaida Muxí, na Universidade da Catalunha, ou ainda como as análises de bairros espanhóis, realizadas pelo governo Vasco, entre outros. No entanto, e ainda que tais estudos sirvam de inspiração, seria preciso questionar a aplicabilidade dessas soluções e metodologias nas cidades brasileiras, tanto por fatores históricos, sociais e culturais, como por características e configuração das nossas cidades.

Desenhada nestes termos, a problemática de pesquisa aponta para um objeto privilegiado de observação: Campina Grande, segunda cidade mais populosa da Paraíba, com cerca de 400 mil habitantes (IBGE, 2010). De fato, Campina constitui uma fonte importante de informações, uma vez que, além de compreender contingente considerável de espaços públicos passíveis de observação, aparece no alto do ranking de índices de violência contra a mulher, dentro do Estado da Paraíba. De acordo com dados levantados em 2015, a Paraíba ocupa o 6º lugar na lista de Estados com o maior número de casos de feminicídio³ do país (WAISELFISZ, 2015) e, no caso particular de Campina Grande, nos primeiros quatro meses de 2019, houve um dos maiores índices de inquéritos de violência contra a mulher registrados no Estado: 443 casos, segundo o Jornal G1 da Paraíba (2019). De acordo com a polícia, ainda há muitos casos que não são denunciados, e muitas das ocorrências tem suas investigações interrompidas, pois a maioria das mulheres desiste de levar o caso adiante (*idem*). Outro dado alarmante na região em que a cidade está inserida é o número de mulheres que vieram a óbito entre 2003 e 2013 vítimas de crime feminicídio. A Região Metropolitana de Campina Grande⁴ ocupa o segundo

³ Feminicídio é crime de homicídio motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero, regulamentado pela Lei 13.104/15, mais conhecida como Lei do Feminicídio.

⁴ Região metropolitana de Campina Grande conta com 21 Municípios: Campina Grande (sede), Lagoa Seca, Massaranduba, Alagoa Nova,

lugar entre as doze existentes no Estado, ficando atrás apenas da região que compreende a capital. No intervalo de dez anos levantado pelo estudo, cerca de 487 casos foram registrados na região campinense, totalizando uma média de 48,7 casos ao ano (BELCHIOR, 2016). Ter como escopo de estudo uma cidade paraibana é importante para entender esse processo e mitigar essa característica.

O presente trabalho propõe dar atenção ao conflito existente entre o espaço público e o direito de utilizá-lo, na percepção das mulheres, através de uma investigação realizada no bairro do Centro de Campina Grande. A área foi escolhida como recorte territorial dessa pesquisa por ser uma das mais antigas e importantes da cidade, com grande densidade construtiva, infraestrutura, diversidade de usos, tipologias urbanas e arquitetônicas, meios de locomoção e de usuários, sendo palco de ricas experiências urbanas.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral **investigar as práticas socioespaciais das mulheres e sua percepção em relação aos atributos morfológicos dos espaços públicos no Centro de Campina Grande**. Mais particularmente, pretende-se: (i) entender como incidem as questões socioculturais e de

Queimadas, Esperança, Barra de Santana, Caturité, Boa Vista, Boa Vista, Puxinanã, São Sebastião da Lagoa de Roça, Fagundes, Gado Bravo, Aroeiras, Itabuna, Ingá, Riachão de Bacamarte, Serra Redonda, Marinhas e Poçinhos (BELCHIOR, 2016).

gênero no ambiente da cidade; (ii) apreender as características espaciais do Centro de Campina Grande, bem como as dinâmicas socioespaciais desenvolvidas pelas usuárias do espaço; e (iii) investigar as percepções das mulheres nas ruas do Centro de Campina Grande.

O presente trabalho integra a Linha 1 de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada de Produção e Apropriação do Edifício e da Cidade, por tratar de questões que abarcam a produção da cidade, levando em consideração seus fatores históricos, com análise dos critérios morfológicos e sócio espaciais, além de abranger a forma como acontece a apropriação dos espaços urbanos construídos, fisicamente e culturalmente.

O texto divide-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo procura tratar da divisão sexual da sociedade e como isso reverbera na utilização da cidade e da mulher nos espaços públicos, remetendo a questão da formação da cidade àquelas que envolvem a construção de gênero, a divisão sexual do trabalho e o domínio dos corpos, principalmente o feminino, na cidade; ademais, introduz uma conceituação sobre Campina Grande e sobre a mulher campinense em seus espaços públicos.

O segundo capítulo elenca as relações entre os espaços públicos e a sociedade sob a perspectiva de quem experimenta e cria experiências, discutindo a segurança e o medo como elementos importantes na percepção dos espaços e investigando a subjetividade da utilização cotidiana da cidade e espaços públicos.

No terceiro capítulo, são descritas em detalhe as questões metodológicas que envolvem a pesquisa, em particular sua estrutura, instrumentos e etapas de trabalho. Pode-se adiantar que foi com o objetivo de repensar e analisar o espaço a partir de uma ótica cotidiana, e utilizando o gênero com ferramenta analítica, que o principal instrumento metodológico mobilizado foi a observação de campo, no intuito de entender tantos os aspectos físicos como os comportamentais, considerando também a experiência etnográfica da pesquisadora. No sentido de valorizar a experiência da alteridade e de considerar a visão coletiva, além da observação das pessoas que usam o espaço, foram realizadas entrevistas com algumas usuárias do bairro sobre suas percepções acerca de algumas ruas e de suas características.

Por fim, o quarto e o quinto capítulos descrevem os resultados encontrados, tanto sobre a área de estudo como sobre as percepções das mulheres entrevistadas, respectivamente. Procura-se aqui ter uma dupla visão de

fora/longe como de dentro/perto, no intuito de apreender os mecanismos que agem e compõem o objeto estudado, e de decifrar os comportamentos das mulheres, significados e relação com o entorno construído, suas rotas e experiências nos espaços públicos do Centro de Campina Grande.

Estudos como esse são importantes não só por refletirem sobre teorias e metodologias de apreensão do espaço, como também por instigar questionamentos do modo como nos relacionamos em sociedade e no espaço da cidade. A partir de uma metodologia que leva em consideração o estado sensível da mulher, ao direcionar o olhar para uma maneira peculiar de habitar o mundo urbano e de vivenciar o cotidiano, é possível repensar a maneira como planejamos as cidades e ressignificar a construção dos espaços públicos.

1. CIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO?

Este capítulo parte da conceituação da cidade a partir de sua condição espacial constantemente transformadora, para discutir os aspectos sociais desta dinâmica, a partir de seus espaços públicos e da construção de gênero a que estão necessariamente atrelados, de maneira a elucidar a histórica divisão sexual do trabalho e o domínio dos corpos. Pretende-se desenvolver uma reflexão acerca da configuração dos espaços públicos e da interferência que exercem sobre esses aspectos, muitas vezes fortalecendo ou modificando a maneira segundo a qual percebemos e vivenciamos as cidades. Propõe-se ainda introduzir uma reflexão sobre a cidade de Campina Grande e sobre a mulher campinense, em sua prática cotidiana dos espaços públicos.

33

1.1 Cidades: *loci* de transformação

As várias modificações urbanas e os novos modos de criar cidades, principalmente em fase posterior ao modernismo, provam que com o passar dos anos as definições na organização dos espaços públicos foram mudando. De acordo com Jacobs (2011), até a década de 1960, a vitalidade das cidades era de inteira importância, o espaço tinha grande

relevância para a sociedade, as pessoas utilizavam as ruas e eram peças fundamentais na constituição de um espaço público, enquanto esfera de comunicação. Levados pela preocupação das elites e pelos crescentes problemas urbanos, os arquitetos e urbanistas almejavam então transformar as cidades e torná-las exemplos, baseados no ideal de que as mudanças físicas conduziriam a mudanças sociais, promovendo ordem através do desenho urbano, disciplina social e desenvolvimento.

Alguns dessas fortes modificações na malha urbana das cidades podem ser percebidas desde as reformas de núcleo urbanos europeus do final do século XIX e início dos XX como, por exemplo, a Paris de Haussmann. O novo plano urbanístico da cidade francesa veio para criação de um tipo de cidade configurado “segundo a lógica da burguesia” (PENERAI et. al., 2013), usando o argumento de modernização e salubridade para melhoria das condições de moradia e urbanidade, com a abertura de grandes vias e a reformulação do traçado e das edificações. Outros exemplos são as cidades-jardins inglesas e as teorias modernistas difundidas por Le Corbusier (PENERAI et. al., 2013).

As novas formas de pensar e modificar a ocupação e circulação urbanas também são indicadores de modificações sociais e estão repletas de significados, aparecendo como um sistema de comunicação (DEL VALLE, 1997). Diante da

constante transformação dos espaços públicos em mercadoria para o consumo, poucos podem utilizá-lo e se beneficiar de suas qualidades, de forma que acabam funcionando de instrumento para que os detentores de poder exerçam sua influência, anulando ameaças, na busca por homogeneizar as diferenças (SERPA, 2014). Desde o planejamento capitalista do espaço e as teorias modernistas, segundo Jacobs (2011), vem se aplicando um “planejamento anticidade”. De acordo com a autora, pensava-se não só em um ambiente físico, mas criava-se uma utopia social.

De fato, os padrões de distâncias foram estendidos, principalmente pela separação dos ambientes de casa e trabalho, possibilitando o crescimento da urbe, de novas necessidades de deslocamentos e padrões sociais (BRASIL, 2016). No Brasil, essas diretrizes tomavam como modelo as experiências da Europa e América Setentrional, adaptando os exemplos às características locais, mas que muitas vezes continuavam incoerentes com cada realidade (BENÉVOLO, 2001). De acordo com Siambieda e Del Rio (2013), projetos como esses podem ser melhor percebidos a partir da difusão do modernismo. Cite-se, por exemplo, o Plano Agache no Rio de Janeiro, que reformula a malha central, inspirado em modelos implantados nas cidades europeias; é o caso também da cidade de Goiânia que, enquanto nova capital do estado de Goiás, quebra as relações com as antigas

oligarquias do Estado, a partir de uma malha urbana ordenada; idem para a construção de Brasília, nova capital do país, e a criação de um desenho, que se espelhava no urbanismo “prescrito na carta de Atenas e dos ensinamentos de Le Corbusier” (SIEMBIEDA e RIO, 2013, p. 10) e que serviu de exemplo para muitas outras criações e reformulações urbanas no país, além de contribuir para a divulgação do modernismo brasileiro.

A maioria desses projetos urbanísticos passaram a setorizar as cidades, criando planos de infraestrutura, que procuravam adaptar-se às novas necessidades e usuários, a partir notadamente da hierarquização viária e da criação de avenidas, com a pretensão de conectar essas zonas de expansão, principalmente através de grandes linhas de metrô, o que afastava as classes operárias dos centros para novos bairros periféricos. Tratava-se de uma série de modificações, influenciadas pelo discurso positivista do modernismo, que começaram a gerar um “jeito brasileiro” de produzir cidades (SIEMBIEDA e DEL RIO, 2013). Essa setorização e zoneamento urbano, muitas vezes, era incoerente com o modelo de vida existente, ou beneficiava apenas uma parcela da população.

Com Campina Grande não foi diferente, principalmente depois do *boom* econômico e demográfico do século XX e com a chegada da ferrovia; com objetivo de atingir o

progresso e modernidade, aconteceram algumas mudanças urbanas “pautadas nos ideais de higiene, circulação e embelezamento” na cidade paraibana (QUEIROZ, 2016, p.15). A organização colonial não era mais compatível com novas velocidades e necessidades da cidade; assim, edifícios foram demolidos para a construção de edificações mais modernas e suas ruas foram alargadas e alinhadas para receber os automóveis.

A via não era mais uma extensão da residência e perdia cada vez mais sua característica de lugar de encontro e aglomeração de pessoas, reduzindo-se a partir de então à função de passagem e circulação de veículos e restando a calçada para uso da população (JACOBS, 2011; SENNETT, 2003). Precisava-se de uma cidade apresentável e, segundo Queiroz (2016), a urbe sofreu alterações de forma e usos, principalmente quando se fala da relação casa – rua. Com a meta de higienizar e setorizar a cidade, as feiras de rua e as classes sociais mais baixas foram retiradas do centro, descongestionando a circulação e garantindo o status de morar no Centro. Os veículos permitiram maiores distâncias, contribuindo para que a cidade se expandisse horizontalmente e aumentando, em consequência, a demanda por transporte e infraestrutura e favorecendo o surgimento de novos bairros.

Gehl (2010) afirma que a valorização do automóvel como principal meio de transporte e a falta de conhecimento sobre o crescimento da cidade acarretaram uma expansão urbana desordenada. A priorização das vias de circulação de veículos e o esquecimento de que as características e estruturas físicas do meio urbano influenciam diretamente no modo como se usa a cidade, bem como no comportamento humano, acabaram gerando a segregação e desvalorização dos espaços públicos como importante ponto de encontro de pessoas. Desde os anos 1970, Richard Sennett (2014) já apontava o problema, tecendo críticas ferozes aos espaços públicos modernos que, transformados em uma “superfície que se atravessa, e onde não se permanece”, inibiam o desenvolvimento das sociabilidades urbanas e levavam ao isolamento social (TRIGUEIRO, 2008). Ao denunciar sua “morte”, na obra *The fall of public man*, Sennett (1974) é quem primeiro introduz o conceito de “espaço público” para designar o elemento morfológico da cidade. Em *A natureza do espaço*, Milton Santos (2006) adiciona ao debate a relação entre o objeto e seu uso como um conjunto indissociável; para ele, o espaço não tem valor se visto isoladamente, é apenas uma paisagem sem conteúdo; o valor social só se concretiza quando acionado junto às relações provenientes da ação humana. Para o geógrafo, o espaço configura-se como um sistema de objetos associados ao

sistema de ações, e é a partir daí que surgem suas características, conforme veremos a seguir.

1.2 Os espaços públicos: somatório de processos e conflitos

Os espaços públicos e os elementos que os envolvem podem ser definidos como espaços abertos, acessíveis a todos; lugares onde é possível conviver com o diferente, onde há o encontro do indivíduo com a coletividade (SIQUEIRA, 2015). Também podem ser compreendidos como espaços que, teoricamente, são comuns a todos; lugares onde o agir comunicacional se estabelece e onde acontece a ação política (SERPA, 2014). Ruas, calçadas, mobiliário urbano, dispositivos de iluminação, sombreamento, e até equipamentos edificados são elementos que formam e conformam os espaços públicos e, segundo Jacobs (2011), só fazem sentido quando vistos em conjunto.

No que concerne à etimologia da expressão, “espaço” remete a um lugar físico, como as ruas, praças e parques; o termo “público”, por sua vez, remete a uma acessibilidade generalizada, capacidade e direito de circulação. Segundo Da Matta (1997), o público é mais facilmente entendido quando contrastado com o privado, assim como a rua só cria sentido quando comparada à casa. Enquanto a casa é “pertence”, lugar do indivíduo e da igualdade, em que as

regras são regidas pela dinâmica de pertencimento e respeito familiar, a rua é onde o ser humano passa a ser coletivo, anônimo e sujeito a ações, regido e controlado por leis, onde é possível encontrar e conviver com o diferente, um lugar que pertence a um grupo não limitado de pessoas, mas que ninguém reconhece como seu, uma vez que é do governo, do povo. Nessa linha de pensamento, o autor também relata que a rua muitas vezes é vista de forma negativa, à medida que o “individualismo é praticado”, tornando por vezes os espaços públicos como palco da desordem, alimentado por uma linha de raciocínio coletivo segundo a qual aquilo que pertence a todo mundo, ao mesmo tempo, não pertence ninguém.

Os espaços públicos podem então ser compreendidos como a materialização das relações sociais, a soma do processo histórico da sociedade e os interesses humanos, sejam eles sociais, econômicos, culturais ou afetivos. Para Campbell (2015, p. 50), “é o lugar onde construímos a história a partir das nossas ações individuais e coletivas, das relações sociais e dos encontros e acontecimentos solidários”. À medida que os fatores histórico-culturais influenciam no espaço, ele também molda as relações sociais. Campbell (2015), defende o pensamento do sociólogo francês Lefèbvre de que “primeiro modelamos a cidade, depois ela nos modela”, sendo necessário pensar os modelos culturais e sociais implantados nas cidades para entendê-las e mudá-

las, principalmente porque, em sua maioria, não privilegiam a livre circulação de pessoas e pensamentos (CAMPBELL, 2015, p.30-31).

Sob a ótica de Lefèbvre, a plena utilização dos bens urbanos é uma forma de democracia direta em que as pessoas podem exercer o direito social de construir modos de vida urbana, podendo manifestar suas diferenças e distintas formas de habitar e viver. Ou seja, além de poder acessar e usufruir de tudo que existe na cidade, poder mudá-la em prol do bem comum (CAMPBELL, 2015). Se os espaços públicos são lugares eminentemente sociais, pode-se dizer que são também reflexo das relações de produção e sobretudo das de poder; assim, as diferenças e desigualdades se articulam, definindo padrões de apropriação de acordo com uma hierarquia definida, criando uma acessibilidade simbólica (SERPA, 2014).

Se o ambiente urbano provém das relações de poder, entende-se que ele não é neutro e que estabelece constantemente normas e limites, tanto espaciais como sociais. A opressão e dominação de grupos socialmente dominantes estão materializadas no espaço de diferentes formas e variam de acordo com o acúmulo de vulnerabilidades (MONNET, 2013). O acúmulo de funções e “diferentes objetificações”, sejam elas as definições de obrigações políticas, urbanas, sociais, culturais, sexuais ou

psicológicas perante outros grupos, podem ser percebidos de forma mais grave dependendo das camadas sociais existentes. As diferenças presentes na forma de circular e de usufruir das cidades, em função do pertencimento a camadas socioeconômicas, culturais, étnicas, sociais, etc. leva à reflexão sobre o direito à cidade, abordado pela maioria dos críticos como sendo “universal”, quando, efetivamente, trata-se de desejos e necessidades que não deveriam seguir uma lógica hegemônica e padronizada; antes, deve-se tratá-lo como plural e humano (MONTEIRO, 2019).

Essa idealização de um sujeito pode ser melhor percebida pela necessidade de técnicas de planejamento e de desenho urbano terem se baseado na figura de um ser universal como modelo para criação de espaços. A partir de pressupostos segundo os quais todas as pessoas podiam ser submetidas ao mesmo modelo de vida, pois possuíam os mesmos desejos e necessidades, a modificação física das cidades foi além do público, atingindo também o espaço privado (BRESCIANI, 2017). Sennett (2003) afirma que o constante preconceito existente pela figura da mulher, subjugando-a como irracional e fraca, apontou para transformação do homem nessa figura ideal.

(...) François Furet observa que a Revolução num ato de criatividade, procurou reestruturar a inteireza para uma sociedade que estava em pedaços. Foi preciso descobrir o que “um cidadão” deveria ser. (...) de algum modo o

“cidadão” tinha que parecer com todos, que deveriam reconhecer-se na sua imagem, a ponto de se sentirem renascidos nela. (...) dados os preconceitos sobre a irracionalidade das mulheres, a necessidade de imaginar uma figura universal apontava idealmente para o um homem. Os revolucionários procurariam por um “sujeito (...) neutro; alguém capaz de subordinar (...) paixões e interesses individuais à regra da razão. Somente os corpos masculinos preenchem as exigências desse padrão, cheio de subjetividade”. (SENNET, 2003, p. 236-237)

A definição das esferas públicas e privadas para homens e mulheres, respectivamente, sexualizou a cidade e produziu um meio urbano seguindo o androcentrismo⁵, a partir do momento em que são pensadas usando o homem como modelo padrão para suas definições (SILVA *et al.*, 2017 apud MUXÍ, 2011). Esse modelo de construção das cidades faz com que a mulher viva de forma diferente que o homem, e a falta de alguns atributos físicos públicos acabam afetando-as em suas apropriações.

Sua estruturação é produto da criação humana do passado e do presente. Um ambiente é um conjunto de formas concretas: edifícios, estradas, lugares que se configuram a partir das atividades e formas de interação da população. O ambiente engloba conjuntos de recursos que são apropriados, definidos e moldados e podem, por sua vez, refletir mudanças nas relações entre homens e mulheres, em sua relação com o meio ambiente e em sua localização

⁵ Relacionado à noção de patriarcado, o androcentrismo é a tendência de considerar as experiências masculinas como um paradigma coletivo, universal (MICHAELIS, 2018).

no contexto mais amplo da sociedade em que eles são inseridos. (Tradução própria. DEL VALLE, 1997, p.33)⁶

Por exemplo, no caso de um padrão contemporâneo urbanístico que foge dos elementos que reforçam ou atraem boa urbanidade (FIGUEIREDO, 2012) e muito presente em cidades brasileiras (MARICATO, 2013; TRIGUEIRO et. al, 2020), como a falta de iluminação, a presença de grande extensão de muros cegos, longas esperas nos pontos de transporte público, grandes avenidas com alto fluxo de veículos, insuficiente copresença, etc. são espaços de perceptível hostilidade e que contribuem para violência urbana, principalmente segundo a percepção feminina (SILVA et al., 2017).

Se a sociedade interfere na cidade e ela, por sua vez, fortalece e interfere os modelos sociais existentes, o desenvolvimento desigual das cidades e a construção de uma sociedade patriarcal criam espaços excludentes em relação ao gênero, que acabam fortalecendo as relações sexistas. Essa ordem social está apoiada em um sistema de

⁶ “Su estructuración es producto de la creación humana del pasado y del presente. Un entorno es un conjunto de formas concretas: edificaciones, caminos, lugares que se configuran basados en actividades y formas de interacción de la población. El entorno abarca conjuntos de recursos que se apropian, se definen y cambian de forma y pueden reflejar a su vez los cambios en las relaciones entre hombres y mujeres, en la relación de ambos con el entorno, y en su ubicación dentro del contexto más amplio de la sociedad en la que se inserten.” (DEL VALE, 1997, p.33)

valores bem estruturado e orientado por interesses que não estão sob controle feminino, atravessando o campo político, religioso e econômico e que atingem o espaço e seu desenho para continuar mantendo relações e situações de domínio e silenciamento (DEL VALE, 1997). Dessa forma, é importante entender melhor como se deu essa formação de sociedade e cidade seguindo modelos patriarcais, como se configuram mutuamente, um interferindo e modificando o outro.

1.3 A mulher e “seu lugar” na cidade

Se o espaço nasce do desdobramento das relações sociais, pode-se afirmar que também é reflexo dos papéis socialmente e historicamente atribuídos a homens e mulheres. Alguns conceitos tornam-se importantes de serem entendidos e questionados para se perceber e repensar os modelos de espaços que produzimos e experimentamos.

Entre as décadas de 1960 e 1970, vêm à tona dois conceitos importantes para o entendimento da evolução desigual da sociedade, e um deles foi o de “gênero”. A partir da afirmação de Simone de Beauvoir (2016) de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (p. 10), o conceito de gênero passou a ser entendido como um produto social e não uma condição biológica, psíquica ou econômica atribuída ao sexo. Para a antropóloga Teresa Del Valle (1997), *gênero* se configura como um conjunto de ideias, interpretações e experiências

utilizados por uma sociedade para construir estereótipos e dividir e classificar funções. Esses estereótipos aparecem na forma como as pessoas são percebidas, podendo ser agrupadas de acordo com algumas características, como o sexo, não tendo regras ou normas bem definidas, mas que podem ter efeito normativo, e que estabelecem limites econômicos, políticos, permitindo gradações de manipulações e domínio em determinado pessoa ou grupo (DEL VALE, 1997). As definições do “ser homem” ou “ser mulher” determinam as funções que cada um deve desempenhar na sociedade, a partir de uma construção cultural que atribui características sociais a cada um desses papéis. E essa construção interfere na relação com a cidade, à medida que outorga e institui prioridades nos espaços (MONTANER e MUXÍ, 2014).

No início das metrópoles, as ruas eram retratadas como lugares com muitos perigos, com encontros imprevistos. Se a rua era vista como perigosa para os homens, para as mulheres, ela o era mais ainda (DELGADO, 2007 apud MONNET, 2013). Além de consideradas de força muscular inferior e vulnerabilidade mental, as mulheres eram tidas como incapazes de enfrentar obstáculos, e só podiam circular nas cidades se estivessem acompanhadas por alguém astuto e forte: um homem. Assim, à mulher, foi atribuído o espaço da casa, do lar e, ao homem, o da rua, do

público. A divisão de classes tinha um forte viés sexual, a dominação masculina era indiscutível; nas famílias, o poder do patriarca era soberano, e, até o fim do século XIX, as mulheres trabalhavam em atividades ligadas à casa, cuidando dos filhos, dos afazeres domésticos e ajudando em outras atividades familiares (TARDIN *et al.*, 2015).

O binômio privado/público para ajudar a explicar as relações existentes entre mulheres, homens e cidades pode ser considerado raso e generalista, se levarmos em conta a variedade de definições que seus termos e conceitos possuem. No entanto, parte da atribuição de critérios como a maternidade, socialização e cuidado das crianças e família, assim como a ideia de que as atividades domésticas são inerentes ao universo privado e de responsabilidade feminina, provém desta associação. De fato, a associação da figura da mulher ao espaço *doméstico* e da figura masculina ao *público* não significa exclusividade de cada um a um espaço, mas indica rebatimentos e consequências, por servirem como referência para a conduta de muitas mulheres e para toda a sociedade ao longo do tempo.

No caso da divisão sexual do trabalho, há uma histórica relação com as definições de público e privado, tendo como ponto central a distinção entre o trabalho remunerado e o não-remunerado: o primeiro torna-se mais possível ao homem à medida que o segundo fica a cargo das mulheres,

a partir do cotidiano cuidado da casa e filhos (BIROLI, 2018). De fato, durante a revolução industrial e no contexto pós-guerra, com a necessidades de mão de obra fabril, as mulheres europeias começaram a questionar os seus papéis trabalhistas e sair de casa para ocupar os cargos em fábricas. No Brasil, os registros de uma articulação de forma organizada datam da década de 1970, a partir da cena política de luta contra ou a favor do regime militar. Até então, as teorias feministas e a possibilidade de lutar pelos seus direitos não eram muito difundidas no Brasil. Muitas mulheres que retornaram do exílio e tiveram contato com o movimento feminista europeu fizeram as discussões nacionais assumirem novos rumos, incentivando a formação dos primeiros grupos feministas, mas que tinham participação majoritariamente de mulheres brancas com poucas ações e debates envolvendo raça. Em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, João Pessoa, entre outras cidades, as associações se espalhavam refletindo uma vontade de mudança, que ia se capilarizando das capitais até atingir cidades menores (SOBREIRA, 2016).

Na Paraíba, a modernização das cidades e a dominação masculina também estiveram intimamente relacionadas. Nas ruas de Campina Grande do século XIX, havia poucas pessoas circulando; a tração animal ocupava esses espaços de forma significativa e, neles, mulheres raramente eram

vistas, somente homens comerciantes (QUEIROZ, 2016). Na década de 1980, surgiram os primeiros grupos feministas do Estado. O crescimento educacional e incentivo à abertura de novas escolas de ensino superior fizeram com que muitas professoras, que já tinham tido contato com o movimento feminista, viessem de outras partes do país para trabalhar no Estado, formando grupos feministas em várias cidades, inclusive em Campina Grande (SOBREIRA, 2016).

O segundo conceito importante para entendimento das relações e formação de cidade foi o de “patriarcado”, enquanto regime opressor e que impossibilitava a igualdade entre homens e mulheres. Esse conceito foi de suma importância para explicar algumas questões, como a injusta divisão moderna entre a esfera pública e privada, a invisibilização do trabalho doméstico e os direitos reprodutivos (SILVA *et al.*, 2017).

Segundo Cesar (2017), o sistema patriarcal se aproveita dessa natureza e reforça a oposição dos papéis sexuais entre o que é considerado público e doméstico, reafirmando a teoria de “essência feminina” como definidora das tarefas e deveres que podem ou não ser executadas por elas. Se consolida como um sistema em que os homens detêm maior poder social e moral para “dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa das mulheres” (BIROLI, 2018, p.9), expressos por meio de uma hierarquia

que torna a mulher como subalterna e sustenta e alimenta a divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 2013; 2015). Segundo Flávia Biroli (2018), na atualidade, essa expropriação de trabalho está em constante mudança e acontece mais de forma coletiva do que individual. Além de a casa deixar de ser o único lugar de opressão, a renda, o tempo livre, a sexualidade, as relações de trabalho, as vivências e o entendimento do que é íntimo e pessoal, a possibilidade de participação na esfera pública e política etc., são afetados. A autora ainda defende que a divisão sexual do trabalho também é um fator importante na produção dessas hierarquias de gênero e não incide igualmente em todas as mulheres, implicando numa construção de gênero que é racializada e recebe a uma dinâmica de classe.

O sistema patriarcal possui estruturas de dominação que fazem parte de um trabalho histórico de reprodução ao qual contribuem diversos agentes e instituições, como a igreja, o Estado e o próprio lócus familiar, de maneira que sua divisão social está ancorada em gênero, em raça em classe (BOURDIEU, 2003). Essa estrutura da submissão de determinados grupos está tão internalizada na sociedade que é facilmente naturalizada. Assim, tradicionalmente, a tentativa de confinamento na esfera privada aliada à maneira segundo a qual muitas cidades estão organizadas modificam a movimentação urbana das mulheres, suas formas de

deslocamento, e as coíbe do acesso ao saber, lazer e cultura, limitando sua criatividade, com cargos e papéis que sempre as deixam, de alguma forma, subordinadas ao homem (CALIÓ, 2017).

O patriarcado vem sendo entendido como parte da estratégia política do sistema capitalista desde a sua formação, e sua dinâmica de produção dos espaços, além de segregar a mulher, contribui para a extensão e propagação da violência e diferenças de gênero (FEDERICI, 2017). Itikawa *et al.* (2019) explicam, por exemplo, que isso acontece quando o planejamento das cidades incentiva a expansão horizontal da malha urbana, a periferização e gentrificação dos espaços e a propagação de um regime fundiário excludente, que contribui para a não universalização dos direitos sociais, potencializando a falta de acesso à saúde, educação, cultura e terra. Afirmam ainda que a responsabilidade pelos trabalhos reprodutivos fica a cargo da mulher, e que, por se tratarem de funções comumente não contabilizadas, insuficientemente remuneradas ou totalmente isentas de remuneração, elas as deixam mais dependente financeiramente dos homens, incentivando o processo de feminização da pobreza e a permanência da cultura de domínio de seus corpos.

A socióloga brasileira Saffioti (2004, p.111) defende que no sistema capitalista “há sem dúvidas uma economia doméstica ou domesticamente organizada, que sustenta a ordem patriarcal”. Ou seja, por um lado, é incentivado e valorizado o papel que elas assumem de cuidado com a casa e família; por outro, cria-se uma dependência social de consumo de bens de serviços femininos, produzidos fora de casa, muitas vezes através da exploração da mão de obra feminina (DEL VALLE, 1997). Ao considerarmos o conjunto formado com as categorias de raça e classe, essa exploração assume outros níveis.

No que diz respeito às relações entre diferentes categorias de análise, Akotirene (2019) defende estudos com abordagem interseccional, onde fatores como gênero, raça e classe devem ser analisados em conjunto. Isso acontece porque a sociedade brasileira é marcada por um desenvolvimento apoiado em um racismo estrutural que coloca a mulher negra em patamares exploratórios ainda maiores, os quais, aliados à pobreza, as submetem a estágios ainda mais intensos de dominação. Essas explorações se manifestam das mais diversas formas e é sempre necessário distingui-las e ponderá-las quando consideramos mulheres de diferentes classes sociais e raças. A autora as entende como três categorias de análise indissociáveis, que se originaram nos mesmos marcadores históricos, criando

desigualdades básicas e que correlacionam esses três marcadores sociais.

Além do apoio exploratório, o patriarcado fortalece também a sexualização da cidade, divisão das atividades e funções e definição dos lugares de pertencimento, a partir da criação de espaços andropocêntricos, passíveis de serem mais violentos para as mulheres (SILVA *et al.*, 2017 apud MUXÍ, 2017). Embora a maior parte da violência contra a mulher seja cometida dentro de casa, 49,58% dos casos, segundo a pesquisa nacional de vitimização realizada pelo IPEA, os números de casos no espaço público ainda são bastante significativos, chegando a 28,12%, de acordo com o mesmo estudo (ENGEL, 2016). Esse modelo de construção das cidades faz com que a mulher se relacione com seus espaços e perceba a violência urbana de uma maneira bastante específica e diferente daquela apreendida e desenvolvida pelos homens.

A declaração dos direitos humanos, criada pela ONU em 1948, assegura direito de todas e todos de serem tratados igualmente, sem distinção de qualquer natureza, assim como assegura o direito à liberdade de locomoção e residência. As desigualdades de gênero, raça e classe são constantemente entendidas e enfrentadas, no entanto, como embates individuais e não como pautas públicas e políticas

(MONTEIRO, 2019). Federici afirma que “gênero não deveria ser tratado como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe” (2017, p.31). A identidade sexual se configurou em uma base para as funções de trabalho: a maior responsabilidade pelos afazeres domésticos, falta de renda e a dificuldade de acesso a serviços comumente as torna dependente financeiramente do marido, dificultando a quebra do ciclo da pobreza.

O entendimento desses conceitos, notadamente o de *patriarcado* como modelo opressor e o de *gênero*, foi essencial para dar significado às relações de poder, questionar algumas teorias, e avançar na hipótese de que o patriarcado e as diferenças biológicas entre feminino e masculino nasceram de uma construção sociocultural com o intuito de garantir a dominação masculina do espaço e do corpo feminino (VIEIRA, 2013 *apud* SARAIVA, 2017; MONTANER e MUXÍ, 2014).

Para Itikawa *et. al.* (2019) os casos de agressões e assédios contra mulheres que acontecem na atualidade do país estão relacionados principalmente a dois fatores. O primeiro refere-se ao fato das mulheres não corresponderem às expectativas de subordinação e da disciplina do corpo e função feminina; o segundo, ao pressuposto equivocado de que, se houve “desobediência” ao padrão normativo, entende-se que elas

devem estar disponíveis e à disposição para o gozo sexual, seja em casa, na rua ou virtualmente.

Uma recente pesquisa realizada pelo YouGov e divulgada pelo ActionAid (2016) apurou que o Brasil lidera o *ranking* de países com o maior número de assédios em espaços públicos, onde 86% das mulheres brasileiras entrevistadas já sofreram algum tipo de violência pública, desde assobios, olhares insistentes, perseguição, exibição masculina, comentários de ordem sexual, ou casos de estupros. Segundo Garcia-Bujalance (apud SILVA *et al.* 2017), isso pode ser explicado porque nossas cidades foram essencialmente concebidas e planejadas por homens e para homens, produzindo espaços violentos e desiguais, onde as mulheres foram mais fortemente induzidas a sentir medo nos ambientes urbanos (MUXÍ e MONTANER, 2014). Assim, pode-se afirmar que a formação da cidade ao longo do tempo contribuiu para construção de espaços públicos que não são imparciais na sua organização e têm forte tendência de gênero (GARCIA-BUJALANCE, apud SILVA *et al.*, 2017).

Segundo bell hooks (2019), é de interesse do patriarcado enraizar ensinamentos sexistas em toda a sociedade de forma que todas as pessoas, homens e mulheres, acreditem, “aceitem e perpetuem a ideia de que é aceitável que uma parte ou grupo dominante mantenha seu poder sobre o dominado por meio da força coercitiva” (p.98). Dessa forma,

muitas mulheres reproduzem esse tipo de comportamento ao usarem seu poder de classe e raça para dominar outras mulheres, como também acreditarem e permitirem que outra pessoa com maior autoridade que ela possa fazer uso da força para manter sua autoridade. Em uma sociedade onde prevalece uma cultura de dominação por hierarquias de poder, todas as pessoas foram “socializadas para enxergar violência como um meio aceitável de controle social” (HOOKS, 2019, p. 99)

O número de feminicídio de mulheres ainda é alto e o Brasil está entre os dez países que mais cometem crimes de gênero no mundo; a Paraíba, por sua vez, ocupa o sexto lugar no ranking de Estados com o maior número de casos no país. A morte de mulheres negras vem crescendo também no Estado e a diferença entre os dois índices chega a ser de três vezes: enquanto a taxa de morte de mulheres brancas é de 33,3, a de mulheres negras é de 112,2 (WASELFISZ, 2005). O conturbado momento político atual no Brasil vem contribuindo na disseminação e permissão de discurso de ódio. Como exemplo, citem-se as declarações preconceituosas vinculadas ao racismo e ao sexismo, expressadas com maior facilidade, tal como afirma a presidente da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Margarette May Macaulay, em uma entrevista publicada no Jornal Estadão (ESTADÃO, 2018). A execução

da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, em março de 2018, pode servir como exemplo da concretização desses discursos.

A misoginia dominante na nossa sociedade produz espaços desiguais que interferem na maneira segundo a qual as mulheres vivenciam os espaços. O medo constante de sofrer algum tipo de violência, seja ele verbal ou sexual, causam mais medo na mulher e fazem com que ela sinta e viva a cidade de forma diferente. Vargas (2007) explica que esse medo, além de criar outros obstáculos para a apropriação da cidade por parte das mulheres, também desestimula as possibilidades que elas têm de mobilizar a rua, diminui sua perspectiva de real participação no espaço público e ameaça sua capacidade de se posicionar, enquanto cidadã, em nível político.

2. O ESPAÇO E AS EXPERIÊNCIAS URBANAS

(...) sujeito e objeto não são dados *a priori*, mas se constroem *na e pela* relação social. Por conseguinte, são (...) historicamente situados. (...) Dessa sorte, sujeito-objeto não é dado, ou sujeito e objeto não são dados, mas derivam da atividade, ou seja, do viver a vida, do produzir e re-produzir a vida em todas as suas dimensões. (SAFFIOTI, 2004, p.59 - 60)

Este capítulo está dedicado a debater as questões que envolvem as experiências urbanas por diferentes sujeitos, a partir do entendimento, proposto por Saffiotti (2004), de que os espaços só têm sentido quando vivenciados. Para a autora, a vivência *da* e *na* cidade constrói e é construída ao longo do tempo, de acordo com a subjetividade de cada indivíduo. Esta, por sua vez, apresenta bases que estão ancoradas nos papéis sociais historicamente estabelecidos, como o gênero, notadamente, produzindo processos de subjetivação distintos e que proporcionam experiências diferentes para cada sujeito.

2.1 Da casa à rua: a construção de uma experiência

Del Valle (1997) aponta para a existência de interações sociais dentro do espaço da casa, mas também sinaliza para o fato de que o ambiente doméstico extrapola e adentra o espaço público, à medida que saímos para suprir,

externamente, alguma atividade do lar. Neste sentido, é necessário compreender as trajetórias dos diferentes grupos sociais em suas experiências urbanas, no intuito de melhor apreender e interpretar sua complexidade, levando em consideração que os espaços públicos também estão repletos de normas que regularizam, proíbem ou delimitam seu uso de acordo com o grupo, a hora do dia ou tipo de atividade desenvolvida.

Além de lugar aberto, da coletividade e encontro com o diferente, também podemos classificar o espaço público a partir da ótica da percepção sensorial e das experiências que ele possibilita. Nesse contexto, Thibaud (2018) defende que essa experiência urbana é essencial para o entendimento do meio ambiente construído, e denomina a associação entre essas experiências, os fatores físicos, contexto histórico e as relações sociais de “*ambiência urbana*”. Para ele, esse conceito vem para nos alertar e colocar em contato com o diferente, com a ideia de viver na coletividade, ao mesmo tempo que muda as identidades e os lugares. Por outro lado, o conceito de *ambiência* vem também para auxiliar no questionamento, imaginação e criação de espaços urbanos e arquitetônicos (THIBAUD, 2018).

O espaço faz parte do cotidiano e da nossa experiência diária, contribuindo para nossa interpretação e elaboração do sentido social e cultural desses espaços. Esses sentidos são

construídos mediante categorias e ações simbólicas, associando-se ao seu uso, com limites, hierarquias e valores, que podem alterar o meio e as atividades humanas. Dessa maneira, o comportamento e o espaço estão inter-relacionados; por um lado, ele define quem e como vão utilizá-lo e, por outro, a presença de pessoas e suas necessidades determinam sua natureza (DEL VALE, 1997).

Segundo Monnet (2013), Simmel levantou a hipótese de que as mulheres tinham uma relação diferente com o espaço público, quando comparada àquela desenvolvida pelos homens, resultado tanto da sua própria natureza social, física e histórica, como do condicionamento das atividades às quais elas eram destinadas; para ele, o repertório gestual depende dos espaços pelos quais circulamos habitualmente. Essa hipótese de Simmel fortalece a de Monnet (2013) segundo a qual a cidade é 'sexualizada', uma vez que ela fornece todos os sinais, para a mulher, sobre que espaços se deve frequentar, como estes devem ser usados e como neles elas devem se comportar, interferindo diretamente no tipo de experiência e de vivência que a mulher pode vir a ter nestes espaços. Este conjunto de cobranças não afeta os homens e está associado à definição de público e privado. Segundo Monnet (*idem*), não é possível querer a quebra desse padrão de comportamento feminino e masculino na sociedade e na cidade, ou ainda almejar a melhoria do planejamento dos

espaços públicos, sem que antes seja alterada esta organização desequilibrada (MONNET, 2013).

O espaço urbano está repleto de simbologias e os diferentes comportamentos, gestos e usos podem ser considerados como elementos não verbais da linguagem urbana. Quando observados, possibilitam entender a expressão de diferentes grupos, mostrar estruturas sociais profundas, revelar as relações de poder e denunciar suas contradições, opressões e desigualdades. As formas dos espaços e sua percepção derivam de vivências corporais específicas de cada sociedade, e não fazer essa leitura contribui para a constante invisibilização de grupos e perpetua a situação de desvantagem ou de deslocamento da sociedade (DEL VALLE, 1997).

Segundo Jacques (2014), há cada vez mais a diminuição desse olhar sobre as experiências na cidade, principalmente a experiência da alteridade. A privação sensorial é um problema das cidades contemporâneas; segundo Sennett (2003), isso se dá pela passividade e monotonia dos ambientes urbanos. As novas formas automáticas de construir cidades, ou de projetá-las arquitetonicamente, desde a invenção da lógica cartesiana, passando pela criação de cidade-produto-imagem, da tentativa de controle do corpo e até a busca por padrões, vêm causando a privação ou redução de experiências sensoriais cotidianas. O autor

atribui isso à setorização das cidades, forte divisão entre o público e o privado e à velocidade dos deslocamentos, constantemente transformando o espaço público em espaços de passagem. “O corpo se move passivamente, anestesiado no espaço, por destinos fragmentados e descontínuos” (SENNETT, 2003, p. 18) e quanto maior a velocidade menor a percepção que se tem da paisagem e do contato com o outro.

(...) corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é experimentada pelo corpo como conjunto de condições interativas, e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade a corpografia urbana”. Resultado de uma “experiência espaço-temporal que o corpo processa relacionando-se com tudo o que faz parte do seu contexto de existência: corpos, objetos, ideias, lugares, situações, enfim; e a cidade pode ser entendida como conjunto de condições para essa dinâmica ocorrer. (JACQUES, 2014, p 308-309).

Jacques (2014) defende que as experiências urbanas deveriam ser levadas em consideração no planejamento e criação dos espaços nas cidades. A produção por uma vista aérea, de cima, permite, com maior facilidade, a reprodução das necessidades hegemônicas. Um exemplo desse descaso foram as reformas higienistas e sanitaristas que muitas cidades sofreram; além da higienização urbana, existia a tentativa de mudança social, com a multiplicação de uma cidade burguesa e o controle dos seus espaços (JACQUES, 2014), como vimos no primeiro capítulo. A transformação das

cidades em metrópoles foi criando (ou exigindo) um ser humano *blasé*, e a individualidade e aversão àquilo que é do outro, uma defesa psicológica aos inúmeros estímulos. Federici (2017) defende que a vida subordinada à produção e ao lucro tornou a sociedade mecanizada, automática. A busca por uma disciplina de trabalho e a uniformização dos comportamentos sociais criou espaços limpos de sua função de congregar, tornando-se simplesmente espaços de deslocamentos vigiados. Em outros termos, geraram-se uma sociedade e cidade disciplinadas e subordinadas ao que se entendia por “ética de urbanidade” (BRITTO e JACQUES, 2017, p. 115).

Em proporções e contextos diferentes, esses mesmos distanciamentos ao que era corporal, do contato e da experiência que aconteceu nas cidades europeias do século XIX, também aconteceu nas cidades brasileiras. Bresciani (2017) relata que as reformas higienistas difundidas no país mudaram a escala das cidades, acreditando que atingiria uma escala além da física, com dimensão moral. Acreditava-se que sanear e modificar o ambiente urbano faria efeito na mente e na formação moral da sociedade, mudando hábitos e civilizando-a.

Esse controle do espaço e do corpo também pode ajudar a compreender as diferenças existentes entre a maneira como o homem e a mulher vivenciam e se relacionam com a cidade.

Assim como o patriarcado é entendido como estratégia de dominação, as questões que envolvem o corpo e a experimentação dos espaços também têm relação com o sistema capitalista de produção do espaço e a modernização das cidades (FEDERICI, 2017). Pontes (2015) defende que as pessoas (homens e mulheres) são apresentadas à cidade de diferentes maneiras e isso reflete na experimentação de cada uma. A maneira segundo a qual foram definidas as configurações espaciais, a partir de fatores sociais e culturais baseados em uma estrutura de poder, igualmente influenciadas por uma visão majoritariamente masculina, contribuiu para construirmos espaços que silenciam as mulheres, notadamente a partir da insuficiente mobilidade que lhes é facultada (DEL VALLE, 1997).

Segundo Da Matta (1997), o que faz com que as relações históricas e sociais sejam ativadas e dividam fisicamente as pessoas em grupos sociais é o corpo. Perceber um corpo, seja feminino, masculino, negro, idoso, infantil etc., vai mudar o comportamento e a forma com que nos relacionamos entre si e no espaço. A dotação de diferentes características, os estereótipos criados e as possíveis camadas que possam existir interfere no grau de cidadania desse corpo. O interesse em corpos e prazeres, combinado com essa desvalorização do ser feminino concomitante à sua “objetificação” e dominação masculina, faz da arquitetura um

palco para a realização desse poder e protagonismo da identidade masculina (PRECIATO, 2010 apud. PONTES, 2015). O corpo feminino foi apropriado pelos homens como campo de exploração, forçado a funcionar como meio de reprodução e acumulação de trabalho não-remunerado (FEDERICI, 2017).

Nas teorias da geografia feminista, está o debate sobre o conceito de *território*, que coloca o corpo feminino como parte do território a ser conquistado pelo masculino. Em outros termos, às mulheres, destinam-se o território da cidade que resta – aquele que sobra – como também o encargo de se tornar território de conquista, objeto dos homens.

Na abordagem de Rose (1993), o território possui suas diferenciações internas e, no território conquistado pela força masculina, também existe o espaço do outro – o feminino. Nessa perspectiva, o outro não está necessariamente fora, mas, embora capturado e oprimido, ele desenvolve táticas desconstrucionistas e exercem uma pressão para influenciar a ordem estabelecida. Portanto, o feminino é também elemento do território do conquistador masculino. As geógrafas feministas argumentam a impossibilidade de trabalhar as categorias (nós e outros) sem estabelecer a interdependência entre elas e adotam a perspectiva de 'centro', posicionando o sujeito com força hegemônica e 'margem', constituindo os oprimidos. É o jogo tenso entre centro e margem que rearticula e reposiciona os sujeitos sociais no território. (SILVA, 2007, p. 123).

A antropóloga Teresa Del Valle (1997, p.43) aponta para relações de espaço-tempo diferentes entre homens e

mulheres, e usa a expressão “a mulher navega pela cidade” como metáfora à relação entre elas, a cidade e a casa: elas pertencem ao privado e transitam no público enquanto o homem está no público e de passagem pela casa. “Navegar” vem com o sentido de liberdade que permite criar contato e aprendizados, mas que remete a uma ação em que posteriormente é preciso voltar à “terra firme”. Para a autora, a maneira segundo a qual elas utilizam e se relacionam com o espaço doméstico incide na sua utilização e percepção dos espaços públicos; mesmo quando estão nos espaços públicos pra realizar qualquer atividade, as mulheres levariam a casa como principal referência de comportamento. O passeio permite a vivência de experiências renovadoras e questionadoras, e no seu retorno, em alguns casos, pode ser apenas uma volta ao ponto de partida, como também o início de novos processos e formação de enclaves exploratórios (DEL VALLE, 1997).

Desta forma, a divisão sexual do trabalho e todas as funções impostas, acumuladas e realizadas pelas mulheres, assim como suas necessidades não são levadas em consideração no planejamento urbano e criam barreiras nas suas movimentações.

2.2 O medo da/na cidade: perpetuação do domínio masculino

Se a mobilidade é uma chave para a adquirir novas formas de conhecimento, as formas de segregação espacial podem ser consideradas como um dos modelos utilizados para manter o poder de determinado grupo. Através da sexualização de alguns espaços, portanto, o acesso ao conhecimento pode ser controlado e os mecanismos de decisão e prestígio mantidos, de forma que as mulheres precisem elaborar “táticas”⁷ para se deslocar, se movimentar e usar tais espaços (DEL VALLE, 1997; DE CERTEAU apud FRANCO E OLIVEIRA, 2016).

As camadas e relações sociais associam-se diretamente com o poder de apropriação dos espaços e as vivências dos usuários, sejam elas individuais ou coletivas, e têm influência direta na sensação de segurança. Kevin Lynch (2006) defende que a percepção do espaço urbano vai depender das vivências dos seus usuários; quando a experiência é positiva, há uma apropriação do espaço e cria-se o

⁷ Segundo Franco e Oliveira (2016) Certeau (2008) destaca o caráter opressor do cotidiano e a necessidade de diversos grupos driblarem as limitações impostas desenvolvendo práticas que permitam a reapropriação do cotidiano. Dessa forma, existem as “estratégias” e as “táticas”. Para o autor, a primeira é sancionada pelo que é dominante e caracteriza o *modus operandi* de grupos hegemônicos. Já as *táticas* têm relação com um jogo de improviso diante do que está imposto, apresentando incerteza e instabilidade, conhecida também como a “arte dos fracos”.

sentimento de pertencimento. Quando não há a apropriação desse espaço, ou quando as experiências não são positivas, as impressões de medo e insegurança são alimentadas.

Segundo Bauman (2008 apud FERREIRA, 2011, p.88), o medo é “o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la”. Essa experimentação do medo, ou da sensação de insegurança é um fenômeno universal e inerente à vida urbana (JACOBS, 2011) e tem relação direta com a forma com a qual percebemos os espaços públicos. No entanto, se a sensação de perigo ou ansiedade com a possibilidade de sofrer alguma violência ou ato de violação contra os bens ou corpo é comum a todos os habitantes de uma cidade e quem usa seus espaços, independente de gênero, ela é mais fortemente experimentada pelas mulheres.

De fato, as mulheres, além de serem sistematicamente excluídas do ambiente urbano, foram induzidas a se sentirem inseguras nele, e grande parte desta construção está atribuída à divisão sexual dos lugares de atuação, a qual atribui à mulher a responsabilidade pelo seu lar (HAYDEN, 1998 apud MUXÍ, 2011). Essa setorização sexual fez com que muitas cidades se desenvolvessem em torno de uma arquitetura e urbanismo projetados para mantê-las

constrangidas fisicamente, socialmente e economicamente em qualquer lugar que não fosse o lar.

Enfim, os espaços de constrangimento, como a rua em determinados locais e horários, ou espaços de confinamento, como as residências em periferias distantes, são claramente elementos que tanto se referem às diferenças de acesso físico entre mulheres e homens a determinados espaços, como a construção de barreiras invisíveis criadas pelo olhar e força daqueles que impõem sua ordem e alcançam legitimidade (SILVA, 2007, p. 120).

Para Del Valle (1997), a atuação de um grupo com estereótipos dominantes sob um outro grupo pode ser considerado como uma forma de violência. Além da definição de comportamentos, a constante tentativa de dominação do corpo feminino pelo masculino, com assédios verbais e sexuais, causa mais medo na mulher e faz com que ela sinta e viva a cidade de forma diferente. Vargas (2007) explica que esse medo cria efetivamente obstáculos para utilização dos espaços. Apesar disto, há quem defenda que a cidade não produz automaticamente violência, mas que é cenário para seu desenvolvimento, por conta do seu caráter coletivo, heterogêneo e palco das relações de poder, e que a criação da arquitetura do medo ou da violência fortalece a individualidade e potencializa os mecanismos de segregação (COELHO *et al.* 2016). Nesse contexto, a arquitetura e o urbanismo acabam acentuando a sensação de insegurança, ao passo que a individualidade cria estratégias e dispositivos de proteção patrimonial, segregando e isolando cada vez

mais o privado do público (COELHO *et al.* 2016). Tais teorias fazem entender que o espaço público não é igualitário, nem todo mundo é admitido da mesma maneira ou possui a mesma liberdade de circulação, e que há diferentes variáveis que interferem na experimentação desses espaços.

A mulher vive sob uma “falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana” na cidade e demora a perceber que espaços lhe são negados (CALIÒ, 2017, p.5; DEL VALLE, 1997). Para Teresa Del Valle (1997) isso acontece por existirem preocupações e medos atávicos, que lhes são ensinados desde muito crianças, de mães para filhas, que se configura como interno e inerente ao estereótipo de gênero. Esse sentimento se configura como um cuidado contínuo, sendo importante para avaliar os limites concebidos e criados pelas experiências vivenciadas, sejam elas negativas ou positivas, e que se acumulam e contribuem para a criação de um repertório.

Entretanto, o medo anestesia a possibilidade de alcançar outras experiências. Pesquisadores e estudiosos americanos preocupados com os índices de criminalidade do país na década de 1970 desenvolveram estudos para combater a criminalidade através de um desenho ambiental. Eles acreditavam que um desenho urbano adequado e o uso afetivo do ambiente podia melhorar a qualidade de vida ao influenciar na redução da incidência do medo e do crime.

Hoje há diversas iniciativas no mundo que usam desse *conceito* para propor melhorias urbanas que vão desde questões arquitetônicas e urbanísticas, até design de mobiliário. A exemplo dos estudos desenvolvidos pelo Laboratório de Rua, em Campina Grande, e pelo coletivo *Col·lectiu Punt 6* em cidades espanholas; das recomendações urbanísticas do '*Manual de análisis urbano: Género y vida cotidiana*' do governo Vasco; e das obras de requalificação urbana desenvolvidas pela prefeitura de Buenos Aires no centro da capital argentina.

As mulheres experimentam a cidade a partir de limites de mobilidade, desenhados por sensações de segurança e insegurança, formando um cotidiano repleto de medo e/ou excesso de cuidado. Del Valle (1997) traz a perspectiva de que a cidade que mais as atrai é a do dia, onde esses desenhos são menos imprecisos, permitindo que elas se sintam mais seguras e se locomovam com mais liberdade, mesmo que determinadas áreas provoquem maior rejeição. Para as mulheres, de maneira geral, a liberdade de seus movimentos e suas ações seguem parâmetros estabelecidos, permitidos, desde que estejam dentro do campo do cumprimento de suas responsabilidades domésticas e do papel central que devem desempenhar dentro dele. Ou seja, trata-se de uma liberdade no espaço público controlada, dominada pelo poder masculino, aceita e permitida desde

que transpareça e cumpra sua obrigação com o conjunto de atribuições a que as mulheres estão atreladas no ambiente privado. Ao romper a norma (seja pela vestimenta, atividade ou sexualidade) essa liberdade é questionada (DEL VALLE, 1997).

Segundo Gehl (2010), produzir uma cidade segura para as mulheres é construir espaços seguros pra todos, pois capturar a experiência feminina na cidade é também capturar a de crianças, idosos e das funções que estes carregam (FREITAS, 2019). Conhecer as narrativas existentes e de resistência é valorizar as experiências como instrumentos de potencialização e construção de uma cidade mais democrática e com menos desigualdades de gênero, classe e raça (MONTEIRO, 2019).

Para isso, segundo Velloso (2017, p 61), “é preciso atuar desde a práxis espacial na cidade. (...) é preciso explorar a vida a partir da configuração urbana atual que se oferece” e torná-la lugar de contestação. É importante ressignificar os espaços a partir das percepções que as pessoas têm do mundo, independente do gênero, e reconhecer a sexualização dos corpos e suas diferenças para possibilitar a criação de empatia, deixando de lado a imposição de uma hierarquia cultural (MONTANER E MUXÍ, 2014). Cada intervenção ou presença, seja individual ou coletiva, permite mudar e questionar aquele lugar; é o acontecimento e a ação

que permitem o questionamento e revelam uma nova possibilidade.

A prática do planejamento urbano e dos projetos de desenho urbano baseia-se muito em suas teorias e deixa de lado a investigação da vida real para concretizar suas ações (JACOBS, 2011). Ainda seguimos uma lógica mercantilista de interesses hegemônicos, que na maioria dos casos é cisheteropatriarcal⁸. A arquiteta urbanista Paola Jacques (2014) defende que estamos vivenciando um período de estetização social e urbana, com a produção de espaços hegemônicos, que buscam a domesticação da experiência urbana. A criação de espaços públicos pacíficos, escondendo tensões e conflitos que são inerentes a esses espaços, cria ambientes urbanos cada vez mais passivos ou monótonos, denunciando a nossa negligência com a criação desses espaços, numa tentativa também de dominação corporal (JACQUES, 2014).

Faz-se necessário a busca por uma psicogeografia, ou seja, pelo estudo do ambiente urbano através de uma experiência urbana, mapeando as diversas características e

⁸ Entende-se por cisheteropatriarcal, a ideologia baseada na definição de gênero ainda ser fortemente associada ao corpo/gênero/desejos. O termo parte da junção das palavras heterossexual (ligado à sexualidade, de interesse no sexo oposto), cisgênero (corpos que apresentam as características normativas e correspondentes ao sexo em que nasceram) e patriarcal (sistema) (FREITAS e LIMA, 2019).

comportamentos presentes no espaço. Segundo Jacques (2014), há diferentes formas de capturar essas percepções sobre o urbano, e elas podem permitir uma nova ferramenta de apreensão da cidade, possibilitando outra forma de pensar e de construir os espaços. Essas novas formas fariam parte de um “urbanismo incorporado”, como nomeia a pesquisadora, com a valorização das experiências, que usam essa apreensão como potencial transformador capaz de reincorporar o corpo na cidade e a cidade no corpo.

Graças aos esforços do movimento feminista mundial, está crescendo o debate sobre as experiências cotidianas e a segurança das mulheres nos espaços urbanos e públicos. Apesar de estudos que criam essa relação entre gênero e cidade serem muito recentes, há algumas instituições que já se dedicaram a entender um pouco essas relações e produzir conhecimento bibliográfico e recomendações metodológicas.

3. MÉTODOS

Antes apresentar o desenho metodológico e os instrumentos mobilizados nesta pesquisa, convém mencionar as diferentes produções que apareceram como perspectivas privilegiadas de inspiração e de encaminhamento neste sentido. Convém elencar produções cujo foco está no gênero como também aquelas centradas em outras questões adjacentes, mas que interessaram o trabalho e ajudaram a compor a metodologia desta investigação.

Uma delas são as pesquisas e produções de Jacobs e Hillier, capazes de esclarecer aspectos configuracionais dos questionamentos expostos, como também Jan Gehl (2013) e sua tentativa de compreender como a forma urbana e o uso dos espaços estão relacionadas; Kevin Lynch (2016), por sua vez, indica a compreensão da imagem criada da cidade, a partir das vivências de cada indivíduo; por fim, os trabalhos e estudos do Col·lectiu Punt 6 (Coletivo Ponto 6), encabeçado por Zaída Muxí, professora na Universidade Politécnica da Catalunha na Espanha, e o *'Prevención para una Comunidad sin Violencia'* com o *'Manual de análisis urbano. Género y vida cotidiana'* (Manual de análises urbanas: gênero e a vida cotidiana), desenvolvido pelo Governo Espanhol. Esses dois últimos grupos trabalham com a questão do gênero de forma

prioritária, com levantamentos sobre os espaços físicos de alguns bairros/cidades, as experiências que eles provocam e a sensação de segurança das mulheres ao usá-los. As contribuições e orientações provenientes dos primeiros resultados encontrados por esses grupos serviram de modelo para elaboração da metodologia desse trabalho. Objetiva-se encontrar resultados que apontem para novas formas de apreensão do espaço físico, levando em conta o ponto de vista feminino, na busca de gerar uma cidade mais igualitária e sensível.

Com o intuito investigar o comportamento das mulheres e sua percepção em relação aos atributos morfológicos dos espaços públicos no Centro de Campina Grande, foi necessário entender as relações estabelecidas entre as questões socioculturais e de gênero com a cidade, assim como as características espaciais desses espaços públicos e as dinâmicas estabelecidas das usuárias. Importava ainda descobrir quais eram as percepções das mulheres que percorrem as ruas do centro de Campina Grande. Sendo assim, os métodos foram escolhidos para permitir a apreensão do espaço, assim como a compreensão das categorias subjetivas que envolvem as percepções femininas acerca do recorte territorial.

Neste sentido, foram eleitos métodos inspirados na antropologia urbana, capazes de apreender os grupos sociais

e suas práticas urbanas, considerando o espaço não só como mero cenário das ações, mas como influenciador dessas práticas (MAGNANI, 2002). Foi necessário, portanto, conhecer o grupo social estudado, bem como as características do ambiente urbano por onde integrantes do grupo circulavam, no intuito de conhecer essa morfologia e entender como ocorrem as interações socioespaciais em cada contexto. No caso da presente pesquisa, tratava-se de aproximar as mulheres que utilizam o Centro de Campina Grande e as relações entre os espaços de um recorte da cidade e esse grupo social. A pesquisa mobilizou ainda o método etnográfico de apreensão do espaço, que, de acordo com Magnani (2002), descreve e interpreta os usuários e a paisagem, em uma dinâmica participativa na qual a pesquisadora atua no papel de observadora e entende, enquanto mulher, que sua presença no espaço a torna igualmente integrante e experimentadora da ação.

Para tanto, esse trabalho foi dividido em cinco etapas investigativas:

- as três primeiras consistem nos *levantamentos de campo* e reúnem os métodos de compreensão da *morfologia urbana* do Centro da cidade (Etapa 1), a partir do levantamento de dados configuracionais e da subdivisão do recorte em *zonas de análise* (Etapa 2), bem como na apreensão do comportamento das

pessoas que estão presentes no espaço, através da observação e *caracterização dos espaços* observados (Etapa 3);

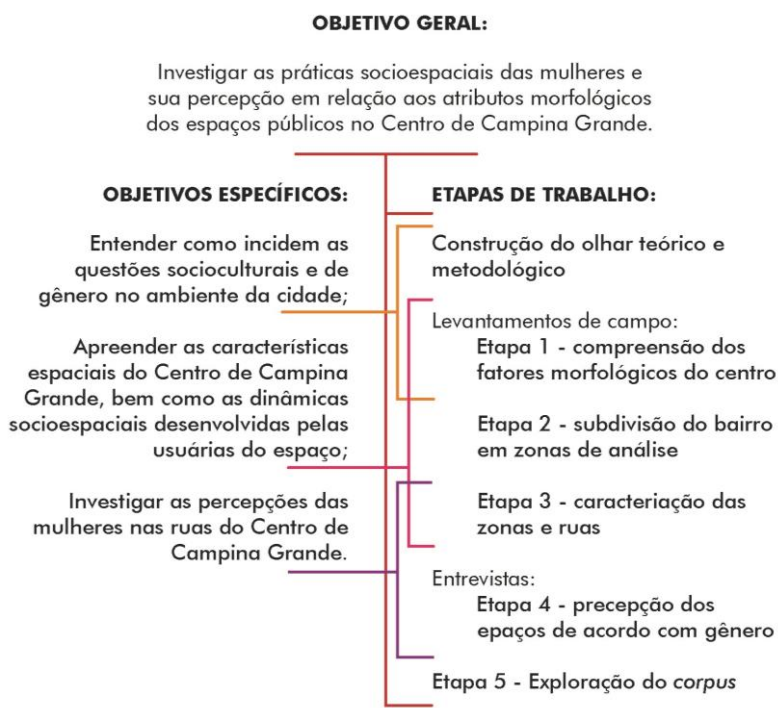
- a quarta fase investigativa (Etapa 4) compreende *entrevistas* com algumas mulheres usuárias do bairro, com o objetivo de obter a opinião sobre os aspectos físicos e comportamentais compilados nas fases anteriores;
- a última etapa (Etapa 5), enfim, consiste no cruzamento e na *exploração do corpus* de informações.

A ordem das etapas e sua relação com os objetivos da pesquisa podem ser entendidas no diagrama a seguir (*cf. infra*, imagem 1).

78

A fim de potencializar os resultados, que são de natureza qualitativa, os levantamentos e observações foram efetuados em recortes urbanos do bairro do Centro da cidade de Campina Grande. Em três grandes grupos metodológicos, estão descritas, a seguir, as cinco etapas de trabalho, cada uma delas com a descrição detalhada dos instrumentos mobilizados.

Imagem 1: Diagrama metodológico



Fonte: elaborado pela autora (2021)

3.1 Levantamentos de campo

Etapa 1 - Compreensão dos fatores morfológicos do Centro

Após abranger as principais questões que envolvem a pesquisa (gênero, cidade, medo, apropriação e experiências nos espaços públicos), foi necessário entender os fatores morfológicos da área de estudo. Para isso, o processo metodológico dessa primeira etapa se deu através do recolhimento de informações existentes em banco de dados, a partir de trabalhos desenvolvidos pela Universidade

Federal de Campina Grande (UFCG), Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG) e pelo Laboratório de Rua⁹ (LabRua). Para tanto, foi necessária inicialmente a análise de aspectos físico-espaciais ao nível de bairro, a partir de categorias específicas que tratam sobre ocupação e utilização dos espaços públicos, assim como densidades (JACOBS, 2011; LYNCH, 2006; GHIEL, 2010; MONTANER e MUXÍ, 2014). Assim, a densidade construtiva pôde ser observada, notadamente a partir dos cheios e vazios e dos usos e ocupação do solo (residências, comércio, serviços, instituições, usos mistos, etc.); os usos atribuídos aos espaços públicos (subdivididos em categorias de lazer, passagem, prática de esporte, contemplação, entre outros) puderam ser igualmente averiguados. A reunião destes dados gerou mapas temáticos do bairro, facilitando assim a sobreposição e comparação entre eles, assim como auxiliando na compreensão do espaço e divisão do bairro em “zonas de análise”.

Etapa 2 - Subdivisão do bairro em zonas de análise

Considerando a extensão do bairro, esta etapa procurou destacar áreas do bairro a partir de semelhanças ou diferenças tipológicas, o que permitiu subdividir o Centro em

⁹ Laboratório de Rua (LabRua) é uma associação sem fins lucrativos e com fins educacionais que realiza pesquisas, com atuação em diversas cidades da Paraíba, principalmente em Campina Grande, onde fica sua sede.

grupos. Algumas das ruas dessas áreas foram escolhidas para aplicação das etapas posteriores, as quais consistem em uma análise complexa que considera a perspectiva de gênero. Para tal, o bairro foi dividido em cinco áreas de análise, separadas de acordo com características gerais observadas na etapa anterior.

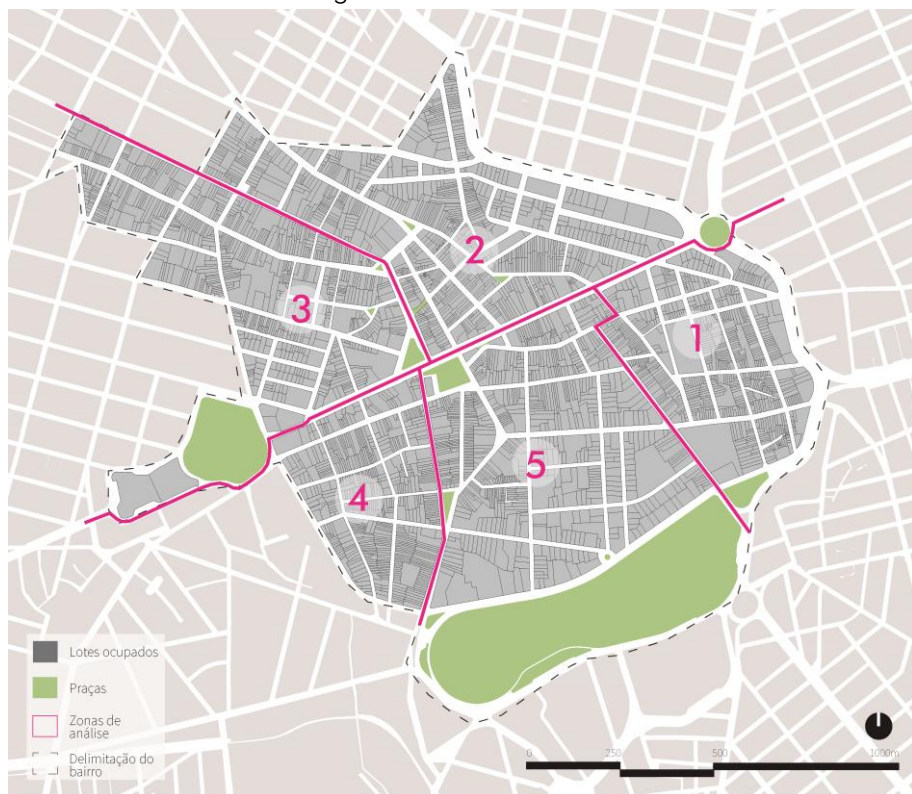
As zonas de análise foram escolhidas considerando a Avenida Floriano Peixoto como um importante eixo viário que divide o bairro em duas grandes partes. As cinco zonas de análise partiram dessa separação inicial para, em seguida, serem divididas em subáreas de acordo com as características morfológicas observadas, gerando as cinco zonas supramencionadas (*cf. infra*, imagem 2).

81

A zona 1 foi escolhida pela tipologia dominante da Feira Central, que, além do prédio principal, se estende pelo entorno ocupando ruas até o limite do bairro com o José Pinheiro e Santo Antônio, a leste; a zona 2 foi escolhida por acumular o maior uso comercial da região; a zona 3 abrange a parte do bairro que compreende a Praça da Bandeira e uma malha urbana com bastante residência e uso misto, chegando até o limite com o Bairro da Prata e que apresenta uma forte relação com o Terminal de Integração e o Parque Evaldo Cruz (Açude Novo); a zona 4 é bem semelhante à área 3, mas apresenta um setor residencial bastante expressivo, formado por construções térreas, e uma grande relação com

o Parque do Povo; por fim, a zona 5, que compreende o trecho de bairro entre a Praça Clementino Procópio e o Parque do Açude Velho, caracteriza-se por ser bastante verticalizado e com um entorno constituído por habitações.

Imagem 2: Zonas de análise



Fonte: Seplan, editado pera autora (2020)

Com o bairro subdividido, cartazes com o mapa das cinco zonas foram elaborados e levados para campo (*cf. infra*, imagem 3). Para realizar a abordagem, foram escolhidas ruas com alta movimentação e, em cada uma delas, determinados pontos que possibilitassem a fixação da impressão e, assim, permitissem a abordagem e parada de pessoas. Neste

sentido, foram escolhidas a Rua Afonso Campos, ao lado da entrada da Feira Central, para investigação da zona 1; Rua Maciel Pinheiro para a zona 2; a Rua João Pessoa, cruzamento com Rua Bartolomeu Gusmão, para a zona 3; Rua Irineu Joffily, perto do Cine Capitólio/Praça Clementino Procópio, para zona 4; e na esquina da Rua Irineu Joffily com Rua Sólon de Lucena, para levantamento da zona 5.

Imagem 3: Cartazes com os mapas das zonas para serem levados a campo.



Fonte: elaborado para autora (2019)

Essa etapa foi executada em parceria com LabRua e cinco pesquisadoras voluntárias, todas mulheres, participaram dos levantamentos abordando e convidando outras mulheres que caminhavam pelas vias para participarem e preencherem o mapa (*cf. infra*, imagem 4). A marcação inicialmente foi realizada com a colagem de adesivos mas, posteriormente, para facilitar e agilizar o processo, foi feita com pincéis coloridos e a marcação de um 'x' no espaço da rua que se queria destacar.

Imagem 4: Levantamentos de campo na zona 1 e 2, respectivamente.



Fonte: acervo pessoal (2019)

No mapa, além de informações que permitiam a localização do ponto de coleta, como pontos de referência e nomes das ruas, havia o título/chamado: ‘Ei mulher, quando você está andando pelo centro de Campina, por qual rua você evita passar?’ e informações sobre o preenchimento/participação da pesquisa. A escolha da pergunta se deu pela execução de um levantamento teste em maio de 2019, também em parceria com o laboratório, utilizando a mesma estratégia de preenchimento (*cf. infra*, imagem 5). O teste investigava os espaços de medo e segurança ao andar pelas ruas do Centro e foi colocado em uma via pública onde era possível abordar mulheres (em vermelho) e homens (em azul) que percorriam o espaço. O teste, além de sugerir a separação do centro em áreas para facilitar a visualização e entendimento do mapa,

mostrou que havia, por parte das mulheres abordadas, uma maior facilidade de assimilação do negativo: em outros termos, quando perguntadas pelo que elas *não* fariam ou para onde elas *não* iriam, elas tinham maior facilidade em responder. Ao teste realizado em 2019, 59 mulheres responderam.

Imagem 5: Cartaz teste de levantamento.



85

Fonte: acervo pessoal (2019)

Imagem 6: Fotografia dos cartazes preenchidos das zonas 1 e 2, respectivamente.



Fonte: acervo pessoal (2019)

No que concerne ao questionário desta pesquisa, puderam ser recolhidas cerca de 59 respostas ao questionário na zona 1; 61 respostas na zona 2; 87 na zona 3; 101 na zona 4; e 117 a na zona 5, totalizando 425 marcações de vias e lugares que, por algum motivo, desmotivavam a escolha de passagem (*cf. infra*, imagens 6). Considerando as respostas marcadas nos mapas, e na intenção de facultar uma amostragem diversificada, com uma representação das várias tipologias de vias existentes no bairro, foram selecionadas 5 ruas, uma para cada uma das zonas escolhidas, para a aplicação das próximas etapas.

Além da pergunta título do mapa, as mulheres eram incentivadas a justificar sua(s) escolha(s). Pode-se afirmar que tanto as marcações quanto os comentários feitos no momento da pesquisa em campo foram essenciais para auxiliar a escolha das ruas de análise. De fato, há vias que foram citadas mais de uma vez, como também ruas que não chegaram a ser escolhidas pelas mulheres abordadas em campo; os comentários sobre as indicações tinham diversas justificativas. A maioria das mulheres relatava que evitava uma ou outra rua por medo de sofrer alguma violência; outras chegaram a citar que o motivo pelo qual a rua era evitada se devia à ausência de usos atrativos ou pela rua possuir pouca conexão com a malha urbana. A presença massiva de homens também foi apresentada como ponto negativo, assim

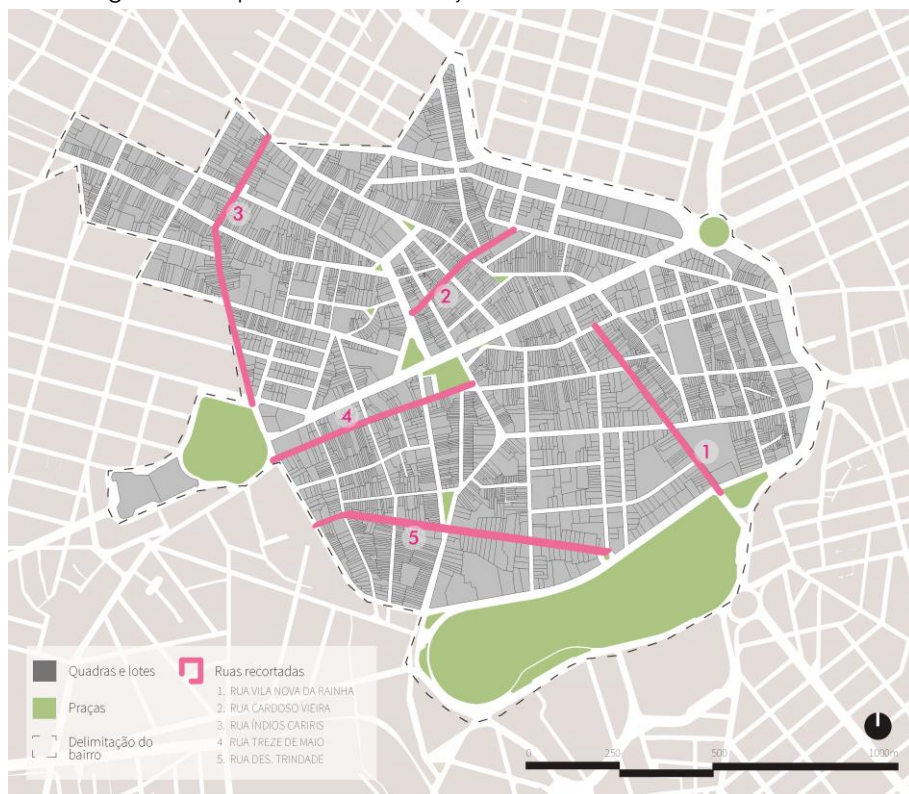
como a reticência em usar o espaço pela “fama” de ser perigoso que o mesmo culturalmente tinha.

Foram escolhidas tanto ruas que foram citadas pelas entrevistadas como outras que não tiveram nenhuma marcação, no sentido de se obter um painel rico e diverso. Foram igualmente consideradas as características culturais que levam um espaço a ser considerado violento ou não, visto que, muitas mulheres apoiaram suas escolhas na justificativa de existir uma “fama negativa” para alguns espaços, mesmo sem nunca terem usado ou conseguirem explicar o porquê. Por fim, dados em termos de usos do solo, cheios e vazios, fluxo e tipologia viária foram observados, de forma que pudessem também representar a zona de análise à qual fazem parte.

Todos esses aspectos contribuíram para a seleção final das 5 ruas (*cf. infra*, imagem 7): Rua Vila Nova da Rainha (zona 1), pela conexão com a Feira Central, tipologia mista misto e elo com o Açude Velho; Rua Cardoso Vieira (zona 2), destacada pela presença do Calçadão e forte apelo comercial; Rua Índios Cariris (zona 3), por apresentar usos que contribuem para uma massiva presença masculina, além de forte relação com a Integração e o Açude Novo; Rua Treze de Maio (zona 4), marcada por usos que garantem uma dinâmica e que se estendem para além do horário comercial; e, por fim, a Rua Desembargador Trindade (zona 5), escolhida por seu

apelo habitacional, agrupando tipologias tanto térreas quanto verticais. Esse conjunto de dados encontra-se destacado e localizado na imagem a seguir.

Imagem 7: Mapas com a marcação das cinco ruas selecionadas.



Fonte: elaborado pela autora (2019)

Etapa 3 - Caracterização das ruas

Essa etapa permitiu que a visão saísse de uma escala macro urbana para partir para a escala micro urbana, com o entendimento de outros aspectos da dimensão física e da dimensão social. Foi observado o comportamento das pessoas que percorriam ou usavam o espaço para cada uma

das ruas selecionadas na etapa anterior. Os procedimentos metodológicos consistiram na elaboração e preenchimento de dois tipos de fichas: a primeira com aspectos gerais da rua, e a segunda com itens que permitiam a relação desses aspectos com as pessoas durante o dia e noite; de fato, entedia-se que características de utilização da rua e dos seus atributos mudavam com o passar das horas do dia. Cada uma das fichas pode ser melhor entendida nos subtópicos a seguir.

Para elaboração das fichas, foi usada, como referência, a metodologia proposta pelo *Manual de análisis urbano: Género y vida cotidiana* desenvolvido pelo Governo Vasco através do *Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes* (2010). Esta metodologia de referência foi adaptada, notadamente pela tradução das perguntas e observações, bem como por ajustes à realidade local, havendo também a necessidade de modificação de sua forma de preenchimento. O grupo espanhol realiza o preenchimento dessas fichas com grupos de mulheres em *workshops* e vivências; neste trabalho, as fichas foram mobilizadas de forma individual, pela pesquisadora, o que a tornou menos coletiva e mais etnográfica; a consideração da opinião coletiva aconteceu na última etapa do trabalho (etapa 4), através de entrevistas com usuárias. Os dados

coletados nessa etapa foram quantificados, representados na forma de mapas, diagramas e interpretados.

Ficha 1: aspectos físicos gerais da rua

A primeira ficha concerne apenas aos aspectos gerais da rua (cf. *infra*, imagens 8 e 9 ou Apêndice 1) e foi preenchida uma única vez por rua, durante o dia. Além de possuir o mapa da rua correspondente, com quadras, calçadas e construções, havia algumas perguntas de múltipla escolha sobre fatores como: predominância de usos, mobiliário urbano, presença de vegetação, características das calçadas e das vias, estacionamentos, sinalização e paradas de mobilidade urbana.

Imagem 8: Ficha de aspectos físicos gerais das ruas – frente

FICHAS
DE CAMPO

GERAL

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
HORA:

MAPA DA RUA

INSERIR MAPA DA RUA

a DOTAÇÕES

☐ Escolas/cursos
☐ Hospital/Consultório
☐ Assistência jurídica
☐ Cultural
☐ Esportivo
☐ Religioso
☐ Instituição pública

☐ Lojas
☐ Mercado de bairro
☐ Supermercado
☐ Ambulantes
☐ Quiosques
☐ Estaciona. privados
☐ Livraria/papelaria

☐ Bancos
☐ Mecânicos
☐ Bares/lanchonetes
☐ Restaurantes
☐ Pubs/casa de festa
☐ Centro policial
☐ Outros:

b USO E OCUPAÇÃO
(qual predomina?)

☐ Residencial
☐ Comercial
☐ Institucional
☐ Misto
☐ Outro:

c PRESENÇA DE VEGETAÇÃO

☐ Árvores em linha
☐ Árvores isoladas
☐ Árvores em vaso
☐ Flores em vaso
☐ Zonas ajardinadas
☐ Outros:

PROPORÇÃO:

☐ Abundante
☐ Suficiente
☐ Escassa

d MOBILIÁRIO URBANO

☐ Bancos
☐ Cadeiras
☐ Jogos
☐ Espaços esportivos
☐ Espaço cultural (dança, teatro, música)
☐ Zonas cobertas
☐ Terraços
☐ Cabines telefônicas
☐ Caixas de correio
☐ Postes de luz
☐ Lixeiras
☐ Quiosques
☐ Esculturas
☐ Outros:

90

Fonte: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Imagem 9: Ficha de aspectos físicos gerais das ruas – verso

FICHAS
DE CAMPO
GERAL

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
HORA:

7 CARACTERÍSTICA DAS CALÇADAS

ESQUERDA

☐ Menos de 1 metro
☐ Entre 1 e 2 metros
☐ Mais de 2 metros
☐ Pavimento tátil
☐ Acesso à garagens
☐ Acessível (sem obstáculos)
☐ Protegida por marquise
☐ Canteiros
☐ Postes

DIREITA

☐ Menos de 1 metro
☐ Entre 1 e 2 metros
☐ Mais de 2 metros
☐ Pavimento tátil
☐ Acesso à garagens
☐ Acessível (sem obstáculos)
☐ Protegida por marquise
☐ Canteiros
☐ Postes

8 CARACTERÍSTICA DOS ESTACIONAMENTOS

ESQUERDA

☐ Bolsas de estacionamento
☐ Paralelo
☐ Perpendicular
☐ Zona azul
☐ Sem estacionamento
☐ Zona de carga e descarga
Outro:

DIREITA

☐ Bolsas de estacionamento
☐ Paralelo
☐ Perpendicular
☐ Zona azul
☐ Sem estacionamento
☐ Zona de carga e descarga
Outro:

5 SINALIZAÇÃO

☐ Faixa de pedestre
☐ Semáforos
☐ Precaução para crianças
☐ Parada de ônibus escolar
Outros:

1 PARADAS DE MOB. URBANA

☐ Ônibus
☐ Taxi
☐ Moto-táxi
☐ Ônibus escolar
☐ Alternativo
☐ Bicicletário

6 CARACTERÍSTICA DAS VIAS

☐ 1 via de sentido único
☐ 1 via de sentido duplo
☐ 2 vias de sentido único
☐ 2 vias de sentido duplo
☐ 2 carros em um único sentido
☐ Mais de dois carros em um único sentido
☐ Rua pedonal
☐ Boulevard
☐ Passagem de transporte público
☐ Ponto de moto-táxi
☐ Ponto de taxi
☐ Ciclovia/ciclofaixa
Outro:

PERCEPÇÕES E SENSações NO ESPAÇO

Fonte: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Ficha 2: aspectos físicos da rua por turno

A segunda ficha foi preenchida duas vezes por rua, em dois turnos do dia, - manhã e noite - onde foram observados alguns aspectos físicos da rua, o comportamento dos pedestres, assim como “o que mudou ao longo do dia” e “como mudou ao longo do dia” (cf. *infra*, imagens 10 e 11 ou Apêndice 2).

Sua estrutura também contava com o desenho da rua, com quadras, calçadas e construções, permitindo que fosse marcado, a partir de símbolos, o comportamento das

91

92

Imagem 10: Ficha por turno – frente

FICHAS DE CAMPO

TURNO

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
HORA:

COMPORTAMENTO NA RUA

INSERIR MAPA DA RUA

COMO CHEGOU?

POR ONDE CHEGOU?

HABITAR:

Mulheres: cor []
☐ Em pé
☐ Sentada
☐ Criança
☐ Flores

Homens: cor []
☐ Em pé
☐ Sentado
☐ Criança
☐ Flores

< Fetus

DESCRIVER E DESCRREVER: Relações que estão acontecendo no espaço:

Sensaões gerais que o espaço te provoca:

AS PESSOAS QUE VOCÊ OBSERVA ESTAR NO ESPAÇO. ESTÃO/SÃO:

☐

 Adultos

☐

 Brancos

☐

 Negros

☐

 Idosos

☐

 Crianças

☐

 Jovens

☐

 Pessoas fazendo compras

☐

 Moradores de rua

☐

 Trabalhadores do lugar

☐

 Ambulantes

☐

 Turistas

☐

 Mães

☐

 Pais

☐

 Cuidadores

☐

 Possessores de cães

☐

 Outros:

PODE-SE CONSIDERAR QUE HÁ PONTOS INSEGuros A ESSA HORA? POR QUÊ?

Fonte: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Imagem 11: Ficha de por turno – verso

FICHAS DE CAMPO TURNO

RUA: _____ DIA: / /
PESQUISADORES: _____ HORA: _____

b) ILUMINAÇÃO

A iluminação:

- ☐ Excessiva
- ☐ Boa
- ☐ Suficiente
- ☐ Escassa

c) SOMBREAMENTO

- ☐ Ensolarado
- ☐ Semi ensolarado
- ☐ Sombra
- ☐ Escuro

di) QUAIS ELEMENTOS ESTÃO SENDO USADOS NO MOMENTO?

- ☐ Bancos
- ☐ Cadeiras
- ☐ Conteiros
- ☐ Outros: _____

dz) EM QUE CONDIÇÕES ESTÃO SENDO USADOS? ESTÃO EM BOAS CONDIÇÕES DE USO?

e) QUE USO VOCÊ OBSERVA?

- ☐ Estar
- ☐ Passagem
- ☐ Passeio
- ☐ Ôcio
- ☐ Espera
- ☐ Encontro
- ☐ Recreativo/Esportivo
- ☐ Trabalho
- ☐ Compras
- ☐ Outros: _____

f) OLHANDO PARA AS MULHERES QUE USAM O ESPAÇO, CONSIDERA O ESPAÇO:

- ☐ Muito seguro
- ☐ Seguro
- ☐ Normal
- ☐ Pouco adequado
- ☐ Inseguro
- ☐ Perigoso
- ☐ Muito perigoso
- ☐ Outros: _____

OUTRAS OBSERVAÇÕES

Fonte: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Entende-se que a copresença pode interferir na apreensão dessa etapa, já que a existência de um observante pode alterar a cena. É importante salientar que o preenchimento a partir da visão de uma pesquisadora sofre influências de uma visão particular de mundo, permeada por sistemas de valores igualmente individuais, o que deve ser igualmente pontuado. Os dados coletados foram enfim quantificados e representados na forma de mapas, diagramas e interpretados.

3.2 Entrevistas (Etapa 4)

Para essa etapa, estava prevista a utilização da técnica de grupos focais. No entanto, com a Pandemia do Covid-19,

deflagrada em março de 2020 e prolongada até o presente momento (dezembro de 2021), houve a necessidade de adaptação desta etapa. Entendendo a importância da apreensão de elementos a partir da ótica cotidiana e coletiva, e utilizando o gênero com categoria analítica, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas individuais com algumas usuárias, investigando as percepções dessas mulheres tanto acerca do bairro quanto das ruas anteriormente selecionadas.

A metodologia contou com um roteiro de temas e perguntas que também se apoiou no *Manual de análisis urbano: Género y vida cotidiana* desenvolvido pelo Governo Vasco do Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), a partir da análise de mapas e imagens. As perguntas e provocações foram semelhantes às aquelas presentes nas fichas por turno, com perguntas sobre cada rua, começando com as mais simples, como: “você conhece a rua? já a percorreu e como?”. Levando-se ainda em consideração alguns fatores sociais e de opinião sobre os elementos físicos do espaço e entendendo-se que podia haver outros entendimentos ou interpretações acerca desses aspectos que não aqueles levantados anteriormente pela pesquisadora, questões mais complexas e subjetivas foram igualmente colocadas, tais como: “como você se sente e, porque?”; “o que poderia mudar para se sentir diferente?”; “o

que observa na rua?"; "como observa as outras mulheres e homens?"

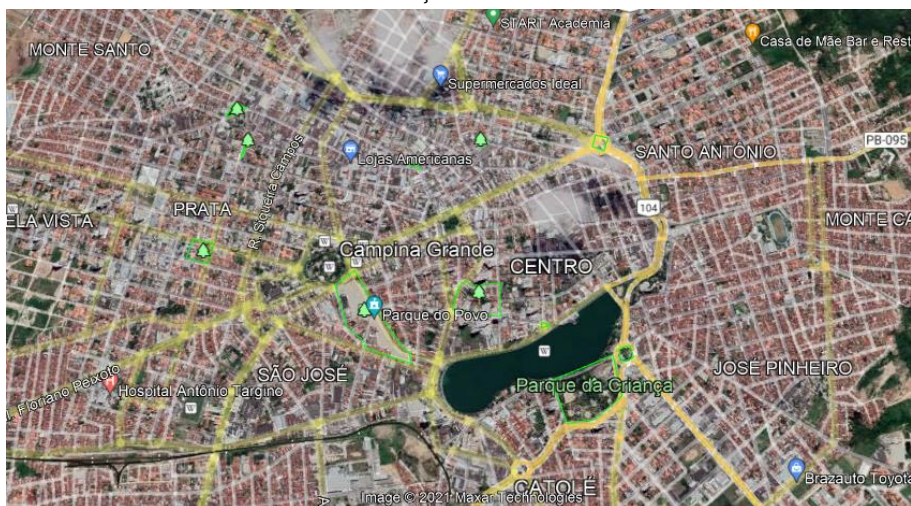
Além de ser uma maneira direta de se obter opiniões e comparações, esse formato metodológico consiste em uma técnica eficiente e flexível, possibilitando o acréscimo de perguntas e permitindo que o diálogo seja natural e dinâmico (MANZINI, 2004). Foi aplicada exclusivamente com mulheres maiores de idade, com reuniões pré-agendadas, e em virtude da fatalidade do momento pandêmico e para garantir a segurança de todas, os encontros aconteceram de forma *online*, por chamada de vídeo. Ao total, foram realizadas 14 entrevistas, entre julho e setembro de 2020, tentando ao máximo manter a pluralidade das falas com mulheres de diferentes idades, rendas, raças e classes¹⁰. As entrevistas foram divulgadas por rede social (*instagram*, *twitter*, *facebook* e grupos de *Whatsapp*) e as mulheres foram contatadas tanto por indicações como por inscrições, primeiramente via rede social correspondente e, depois, por telefone.

A dinâmica foi gravada (áudio), em encontros individuais de cerca de uma hora de duração e dividiu-se em três etapas. A primeira (1) consistiu na explicação da metodologia e apresentação individual da pesquisadora e da entrevistada,

¹⁰ Para manter o anonimato, suas identidades não serão expostas neste trabalho.

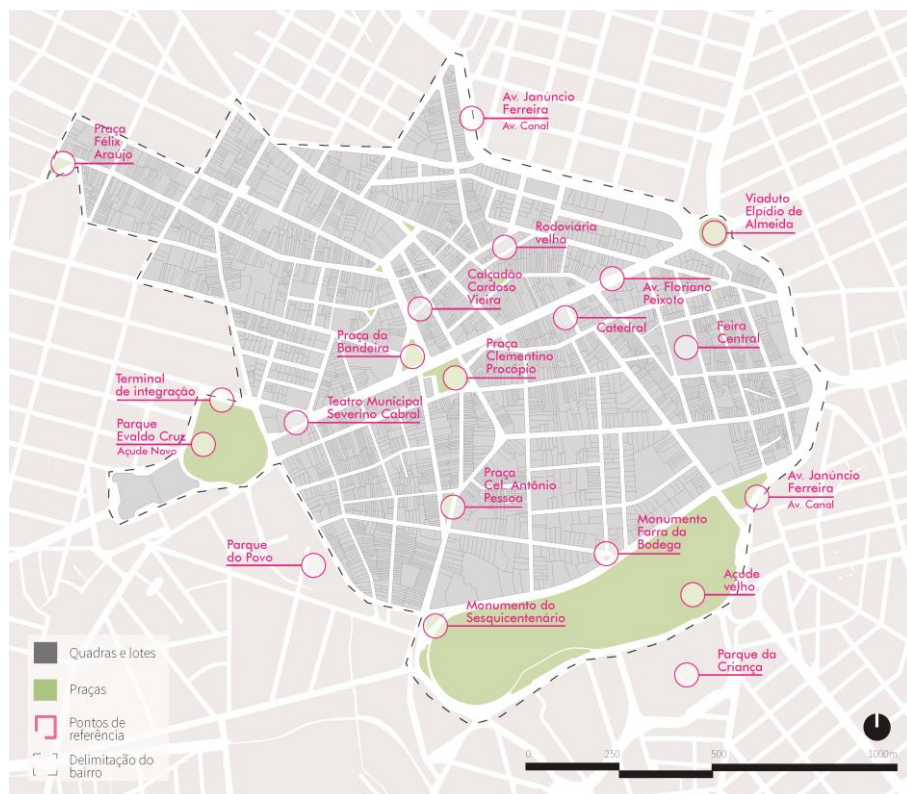
coletando informações sobre a cidade de origem, formação/profissão, estado civil, condição de maternidade ou não, entre outras. Em seguida (2), houve a apresentação do Centro a partir de mapas, durante a qual foram mostrados sua inserção na malha da cidade, seu recorte individual assim como pontos de referência (*cf. infra*, imagens 12 e 13); neste momento, havia a ideia de captar opiniões sobre o bairro como um todo: conhecimento da área e utilização; frequência de utilização; meio de transporte mais mobilizado; atividades desenvolvidas no local; espaços mais usados e menos usados; entre outros.

Imagem 12: Foto de satélite do Centro, com a malha urbana e localização do Centro



Fonte: Google Earth (2020)

Imagem 13: Mapa do Centro apresentado nas entrevistas com pontos de referência no bairro



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Por fim (3), ocorreu a apresentação de um mapa com a localização de cada uma das cinco ruas escolhidas (*cf. supra*, imagem 7) e questões que envolviam percepções individuais sobre cada uma delas, a partir de temas como: frequência de uso; sentimentos ao percorrer a rua e formas de realizar o percurso; pontos considerados inseguros; principais características da via; avaliação sobre como outras mulheres usam o espaço; entendimento sobre a utilização dos espaços da cidade, por parte dos homens e mulheres;

reconhecimento dessas diferenças; possibilidades de mudança nos usos e percepções femininas sobre como poderiam melhor, etc. O roteiro completo da entrevista usado para guiar a conversa pode ser visualizado nas Imagem 14 e 15 (*cf. infra*) ou no Apêndice 3.

Imagem 14: Roteiro entrevista Semiestruturada – Frente

ROTEIRO ENTREVISTA

1/5

I. GERAL



CENTRO

Você costuma usar o **Centro de Campina**?

Que **áreas** frequenta mais no Centro e que **atividades** faz por lá?

Com que frequência faz uso dessas **áreas** para suas **atividades** no Centro de Campina?

Também **usa** para para lazer/passear?

Essas idas ao Centro, são para necessidade própria ou da casa/família?

Quando você vai, que **meio de transporte** costuma **usar**?

Costuma ir sozinha ou acompanhada de alguém? (Se acompanhada, vai com quem?)

Como você se sente ao usar essas **áreas** ou **espaços** para suas atividades?

ESPAÇOS E RUAS

Tem alguma **rua** ou **espaço** que você costuma usar mais?

Tem alguma **rua** ou **espaço** que você nunca vai ou pelos quais evita passar?

O que lhe faz sentir bem, segura, ao percorrer uma **rua** ou **espaço** ?

O que lhe faz se sentir insegura?

Tem algum **aspecto físico** (de organização de **cidade**, ou de características dos **espaços**) que faz com que você goste/não goste de andar ali?

Existe alguma dessas características que influencia você na escolha de **caminhos**?

Você já sentiu necessidade de mudar de **rota** por conta de algo na **rua** ou **espaço** (**aspecto físico**, evento, presença de pessoas, etc.)?

Diante da necessidade de mudar de **rota**, que critérios você normalmente usa para pensar em uma nova **rota**?

O horário do dia muda a forma como você usa essas **ruas** ou **espaços**? Por quê?

O horário do dia já lhe fez deixar de usar ou mudar de **caminho**?

Ter a **presença de pessoas** muda alguma dessas percepções das ruas ou espaços?

Quando tem **mulheres**?

Quando tem **homens**?

Você acha que **homens** e **mulheres** usam os **espaços públicos** (**ruas**, **praças**) de forma igual?

Por quê?

Que experiências você considera que são diferentes nos **espaços públicos** quando se é **homem** ou **mulher**?

Qual o grau de importância você daria para a existência dessas categorias nas ruas?
(Dar uma nota de 0 à 5, onde zero é 'nada importante' e cinco é 'muito importante'):

- Comércio
- Moradias
- Iluminação
- Presença de pessoas na rua
- Mobiliário
- Sombreamento

Fonte: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Imagem 15: Roteiro entrevista Semiestruturada - Verso

ROTEIRO ENTREVISTA

4/5

2. ESPECÍFICO

Para as ruas:
 Rua Vila Nova da Rainha (1);
 Rua Cardoso Vieira (2);
 Rua Índios Cariris (3);
 Rua Treze de Maio (4);
 e Rua Desembargador Trindade (5)

POR RUA

Você conhece essas ruas?
 Já passou em alguma delas?
Como? (carro, a pé, bicicleta)
 Em qual você costuma ir com mais **frequência**? Por que?
 Em qual você vai com menos **frequência**? Por que?

Que **sensações** essa rua provoca em você?
 Em alguma você teve boas **sensações**?
 Em alguma você teve alguma **sensação** de mal-estar?

Você pode descrever as **principais características** de cada uma dessas ruas?
 Que tipo de **relações** acontecem nessas ruas?
 Você costuma observar se há outras **mulheres** nessa rua?
 E o que **elas** faziam?

Você acha que **mulheres em geral** se sentem **seguras** ao circular nessas ruas?
 Você acha que há pontos inseguros de dia nessa **rua**? Quais? E de noite? Quais?
 Você acha que o **horário** interfere nas **sensações** de circular por essas ruas?
 Que outras **características** dessas ruas você acha que provocam determinadas **sensações** (boas e ruins)?

O que você acha que poderia mudar nessas ruas para que **você e outras mulheres** se sintam mais confortáveis em usar essa **rua**?

3. PERFIL ENTREVISTADA

Você é natural de **Campina Grande**?
 Há **quanto tempo** mora na cidade?
 Em que **bairro** você mora?
Com quem você mora?

Qual o seu **estado civil**?
 Você possui **filhos**? Quantos e de que idade?

Em que **ano** você nasceu?
 Com que **etnia** você se identifica?
 Qual seu **grau de instrução/escolaridade**?
 Qual a sua **ocupação/profissão**?
 Qual é o intervalo da **renda familiar**?
 (menos de 1 salário (R\$ 1.045); entre 1 e 3 (R\$ 1.045 – 3.135); entre 3 e 5 (R\$ 3.135 – 5.225); entre 5 e 10 (R\$ 5.225 – 10.450); ou mais de 10 salários)

Fontes: Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes (2010), adaptado pela autora (2019)

Entendia-se que a alternativa metodológica contava com alguns obstáculos e limitações, principalmente relacionados ao momento pandêmico e ao formato virtual dos encontros, como o uso de plataformas *online*; mesmo tentando-se ao máximo contornar essas dificuldades, devemos reconhecer que esse formato gerou alguns filtros e impasses. De fato,

havia a necessidade da entrevista acontecer por ligação de vídeo, para possibilitar o compartilhamento de tela e apresentação de imagens, tanto no intuito de facilitar o entendimento da área de estudo (centro e ruas), quanto de permitir uma melhor aproximação entre a pesquisadora e a entrevistada. Mesmo com a diversidade de plataformas, esse foi um fator limitante, pela dificuldade de utilização de aplicativos e acesso à Internet, principalmente por parte de mulheres de menor renda e/ou de idade mais avançada. A escolha da plataforma ocorreu de acordo com a preferência ou familiaridade da mulher entrevistada, e foram utilizados o *Zoom*, *Google Meet* e *Skype*. A dificuldade de conseguir entrevistas com maior abrangência do grupo foi certamente potencializada pelo período pandêmico, durante o qual as demandas de trabalho e cuidados com a casa aumentaram para muitas dessas mulheres.

Temia-se ainda que a utilização de imagens para localizar e identificar o bairro e as ruas estudadas não fosse suficiente para resgatar, na memória das entrevistadas, características e percursos já realizados por elas, ou que pudesse ser comprometida também por uma possível dificuldade de leitura de mapas. Para contornar esse possível problema, em algumas entrevistas, foram utilizadas plataformas virtuais que permitiam percorrer a rua, como o *Google Street View*. Antecipamos igualmente os problemas de oscilação na rede

de Internet e a necessidade eventual de se exceder no tempo previsto ou de se realizar nova ligação para conclusão da entrevista; desta forma, os encontros foram marcados com folga de horário entre um e outro, ou com possibilidade de remarcar ou dividir a entrevista, dependendo da disponibilidade de tempo na mulher.

As entrevistas foram, enfim, transcritas e analisadas a partir de uma grade de análise composta por categorias presentes em toda a problemática desta pesquisa, tais quais: o perfil das entrevistadas (idade, raça, escolaridade e renda); a maneira segundo a qual as mulheres utilizam o bairro (motivo, frequência, meio de transporte, companhia, etc.); os lugares de que gostam e aqueles por onde evitam passar; como se sentem ao utilizar as ruas e como as percebem; a relação com aspectos físicos construídos, assim como a opinião sobre a relação entre o gênero e a utilização dos espaços¹¹.

101

3.3 Exploração do corpus (Etapa 5)

A última etapa metodológica consiste no agrupamento dos dados levantados nas fases anteriores, relacionando os aspectos físicos do bairro e ruas, as observações comportamentais existentes nos espaços públicos e as opiniões das usuárias sobre os espaços públicos pelos quais

¹¹ Um volume adicional, contendo a integralidade destas transcrições, foi elaborado para esta dissertação, para fins de registro e de prestação de contas do corpus de pesquisa constituído.

transitam. Trata-se de uma confrontação entre dimensões espaciais e sociais largamente consolidada em nossas disciplinas (TRIGUEIRO, 2012; TRIGUEIRO et. al, 2020; AGUIAR e NETTO, 2012; RHEINGANTZ, 2016), atualizadas aqui pelos aspectos ligados à percepção da mulher, relacionados aos papéis sociais historicamente construídos e à criação de subjetividade (SAFFIOTI, 2004).

Nesta lógica de confrontação e exploração dos dados, o cruzamento das informações referentes às morfologias urbanas, aos comportamentos sociais – do Centro, como um todo, ou das ruas específicas – e às percepções e vivências sobre os espaços, por parte das mulheres, obtidas a partir das entrevistas, nos possibilitou a constituição de um conjunto de entendimentos, interpretações e de reflexões. Esta síntese foi organizada em quatro grupos de inquietações:

- (1) o primeiro grupo refere-se às modalidades pelas quais as mulheres, considerando as particularidades referentes à raça, classe ou idade, enxergam e incorporam os papéis e funções que lhes são atribuídos socialmente (como mãe, esposa, dona de casa etc.);
- (2) o segundo diz respeito às distintas morfologias levantadas nas ruas analisadas e às modalidades pelas

quais os elementos construídos e características físicas existentes afetam a vida pública das mulheres;

(3) o terceiro remete à associação dos aspectos de cunho social, que envolvem o gênero, e os aspectos morfológicos que reverberam nas experiências urbanas e na criação de táticas por parte das mulheres para utilizar e vivenciar os espaços;

(4) por fim, o último ponto concerne às modificações urbanísticas que poderiam ser incentivadas na cidade ou aos aspectos físicos a serem evitados nos espaços públicos, no intuito de facultar experiências mais positivas pelas mulheres. Os quatro grupos, de certo modo, também se aproximam das hipóteses elencadas nos capítulos anteriores do trabalho e ajudam na organização dos resultados que serão trabalhados nos capítulos subsequentes.

4. CAMPINA GRANDE E BAIRRO DO CENTRO: HISTÓRIA E USOS

Esta seção está dedicada à caracterização de Campina Grande e do bairro estudado. Primeiramente, a partir de uma visão macrourbana, observa-se a formação histórica do Centro assim como para a descrição de aspectos como o uso e a ocupação do solo, as edificações, espaços públicos e a infraestrutura urbana (DEL RIO, 1990; LAMAS, 1993; PANERAI, et. al, 2013). No segundo momento, que pretende uma maior aproximação do recorte, serão descritas e analisadas as cinco ruas de diferentes tipologias, selecionadas em etapas metodológicas anteriormente descritas, observando-se características tanto físico espaciais quanto comportamentais, bem como a relação existente entre essas dimensões socioespaciais (JACOBS, 2011; NETTO, 2014; TRIGUEIRO et. al, 2020), no que concerne, privilegiadamente, as modalidades de interação das mulheres no espaço da cidade.

104

4.1 Formação histórica da cidade e bairro

A cidade de Campina Grande está localizada no interior do Estado da Paraíba, no Nordeste brasileiro (*cf. infra*, imagem

16). Teve sua origem como um pequeno povoado no fim do século XVII, tornando-se vila em 1790 e cidade em 1864, com cerca de 730 edificações em um núcleo urbano limitado, onde hoje é o bairro do Centro da cidade (CÂMARA, 1947 apud QUEIROZ, 2008). Mesmo sendo considerada o principal centro comercial do interior do Estado, fazendo a ligação do Sertão ao litoral, Campina Grande adentrou o século XX com os mesmos costumes dos oitocentos, com “ruas (que) viviam vazias, ocupadas mais por animais do que pessoas” (QUEIROZ, 2008, p. 27). A utilização das ruas era mais perceptível durante os dias de semana, a maioria eram homens trabalhadores e comerciantes e “as mulheres dificilmente eram vistas nos espaços públicos” (*ibid.*), como pode ser observado na fotografia da década de 1920, reforçando que, mesmo em um evento público para inauguração da luz elétrica, poucas mulheres faziam-se presentes (*cf. infra*, imagem 17).

Imagem 16: Localização Centro em relação à Campina Grande e à Paraíba.



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Imagem 17: Identificação das mulheres no evento público para inauguração da Luz Elétrica na Rua Maciel Pinheiro em 1920.



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (2010), editado pela autora, 2021.

O constante crescimento do comércio algodoeiro tornou a cidade o maior entreposto comercial do Nordeste. Este fato, atrelado à chegada da ferrovia nas primeiras décadas dos anos 1900, possibilitou a expansão territorial da cidade, rompendo os limites desse núcleo primário (QUEIROZ, 2008). Inicialmente esse crescimento ia em direção ao sul, chegando nas proximidades do Açude Velho, mas logo o crescimento tomou novos rumos, ocupando todo o entorno do bairro.

Ao longo dos anos o bairro também foi alvo de transformações em sua urbanização com reformas que modificaram sua malha e infraestrutura. Na gestão do prefeito Vergniaud Wanderley (1935 – 1940), aconteceu na cidade uma das maiores transformações da história do município, com atuação intensa no Centro. Conhecida como ação “bota-abaixo, a política do arrasa quarteirão”, o objetivo era adequar a cidade aos novos padrões de modernidade e higienização difundidos pelo país; assim, ruas foram abertas, edificações foram refeitas e alinhadas, cumprindo regras que determinavam gabarito, estilo arquitetônico e usos (QUEIROZ, 2008, p. 187).

A última modificação sofrida na malha urbana central da cidade foi no final de 1990, na última gestão do prefeito Cássio Cunha Lima, com o programa Campina Decó, ou Campina 2000. Preocupados com a formação urbana e com a preservação dos edifícios históricos, associou-se em um projeto urbano diversas intervenções que modificaram e reorganizaram a infraestrutura de calçadas e de iluminação pública (*cf. infra*, imagem 18), principalmente, além de iniciativas de restauração e recuperação das características arquitetônicas dos edifícios (ROSSI, 2010).

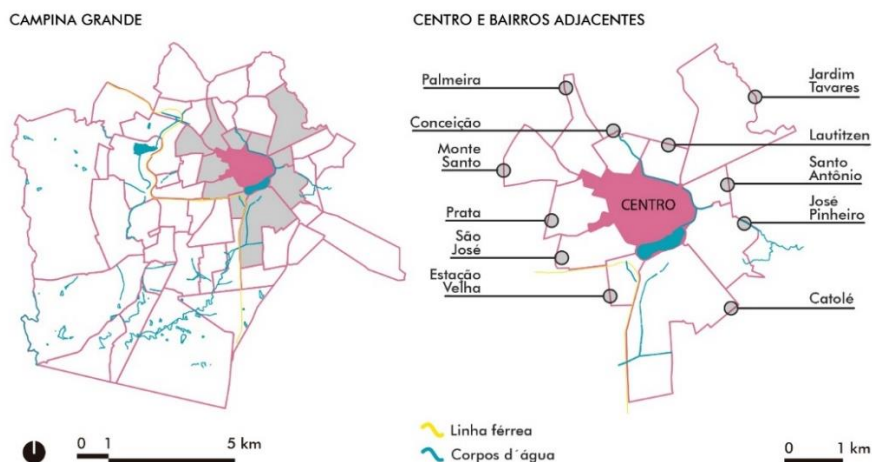
Imagem 18: Intervenções nas calçadas e na iluminação públicas feitas no programa Campina Decó



Fonte: acervo pessoal e Google Earth (2019).

Atualmente, Campina Grande conta com cerca de 409 mil habitantes, dentre os quais 7.527 estão situados no seu bairro central (IBGE, 2010), em um perímetro urbano que faz fronteira com outros 11 bairros do município, possuindo ainda centralidade em relação à cidade, como pode ser observado na imagem a seguir (*cf. infra*, imagem 19).

Imagem 19: Mapa de bairros de Campina Grande



Fonte: Seplan, editado para autora, 2020.

O bairro do Centro, apesar de tantas reformas, apresenta hoje, tal como afirma Aquino *et al.* (2016), configurações e dinâmicas semelhantes à dos anos 1940, mas com grande divergência entre suas ruas: nos tipos de usos, nos grupos sociais presentes em seus espaços, nos mobiliários urbanos, desenho urbano e modais de circulação. Apresenta ainda uma das melhores infraestruturas urbanas da cidade, além de ainda ser a principal área comercial do município e com grande importância histórica, devido ao seu acervo arquitetônico, destacando-se também pelo valor paisagístico, artístico, cultural e ambiental dos seus espaços públicos. Ademais, o bairro possui várias praças e parques que são importantes cartões postais campinense (SILVA e BARROS FILHO, 2016). Mesmo com o crescimento da cidade e o advento e chegada de novos centros comerciais, como

shoppings centers, o bairro não perdeu sua importância comercial, atraindo pessoas de toda zona metropolitana para comercialização de produtos e utilização de serviços (AQUINO *et. al.*, 2016).

O bairro possui uma significativa concentração de espaços livres públicos, tanto no seu limite territorial ou como no entorno imediato, atraindo várias pessoas de outros bairros para utilizar suas praças e parques mais importantes, como a Praça da Bandeira, Calçadão da Cardoso Vieira, Açude Novo e Velho, Parque do Povo e da Criança (imagem 20). Apresenta ainda grande relevância por abranger e possuir proximidade com importantes pontos da cidade, como também por ser um dos principais eixos conectores entre esses ou entre outros pontos distribuídos na malha urbana do município, através, principalmente, da Avenida Floriano Peixoto, como pode ser observada no mapa a seguir (*cf. infra*, imagem 21).

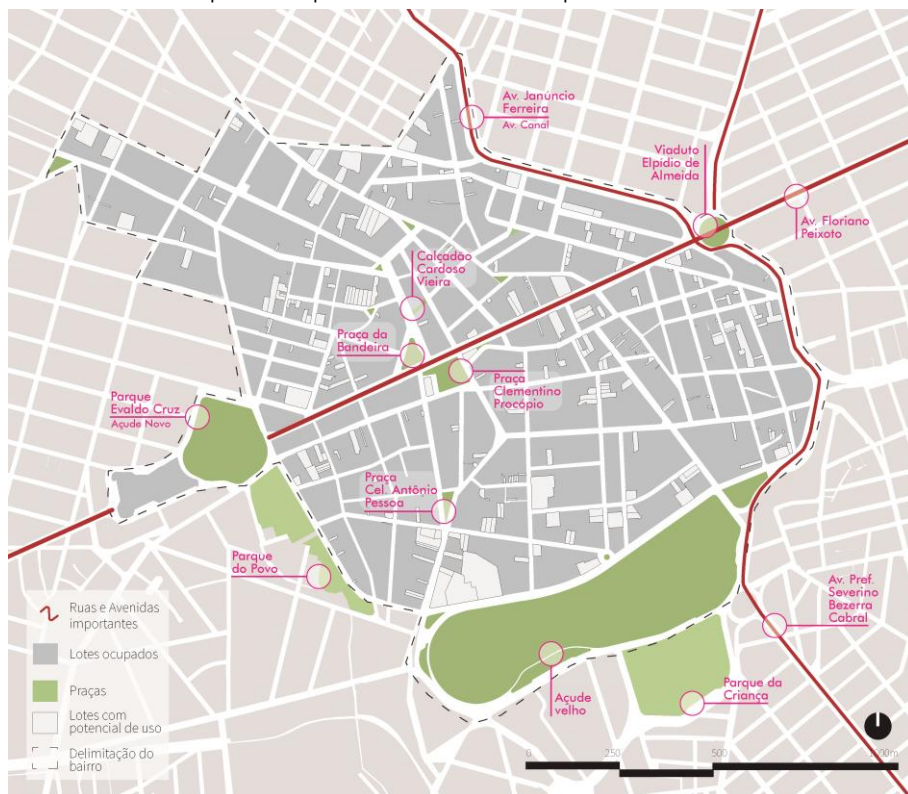
110

Imagem 20: Açude Velho e Parque do Povo, respectivamente.



Fonte: acervo pessoal (2019)

Imagem 21: Mapa de espaços públicos e de avenidas importantes que passam pelo Centro de Campina Grande

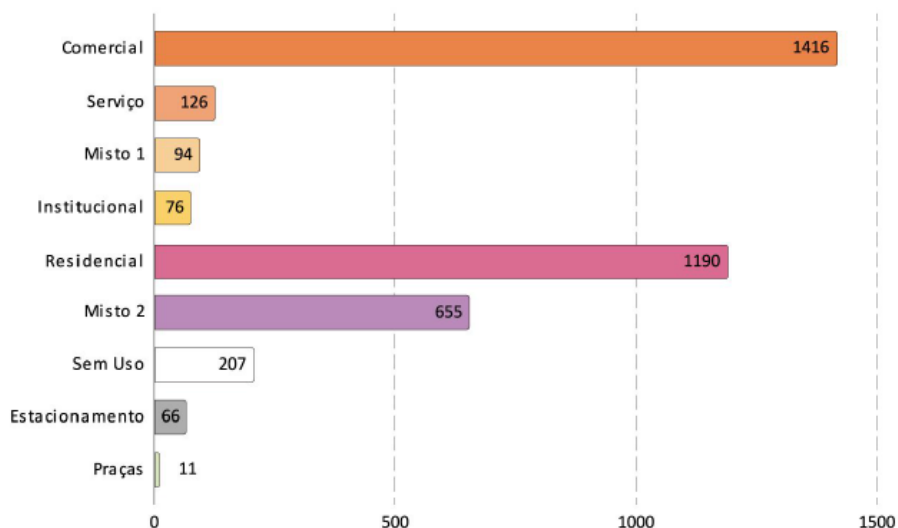


Fonte: MACÊDO, 2019, editado pela autora, 2020.

A malha urbana do bairro é bastante adensada, com lotes estreitos e compridos, a maioria das edificações ocupando quase toda a área do terreno, com poucos recuos, onde a fachada é o limite para separação do interior e exterior, do público e privado, remetendo a um padrão de ocupação tipicamente colonial (AQUINO *et. al.*, 2016). Há, em menor proporção, alguns exemplares de construções soltas nos lotes, com recuos frontais e laterais, principalmente nas proximidades do Açu de Velho, parte inferior do mapa, e nas

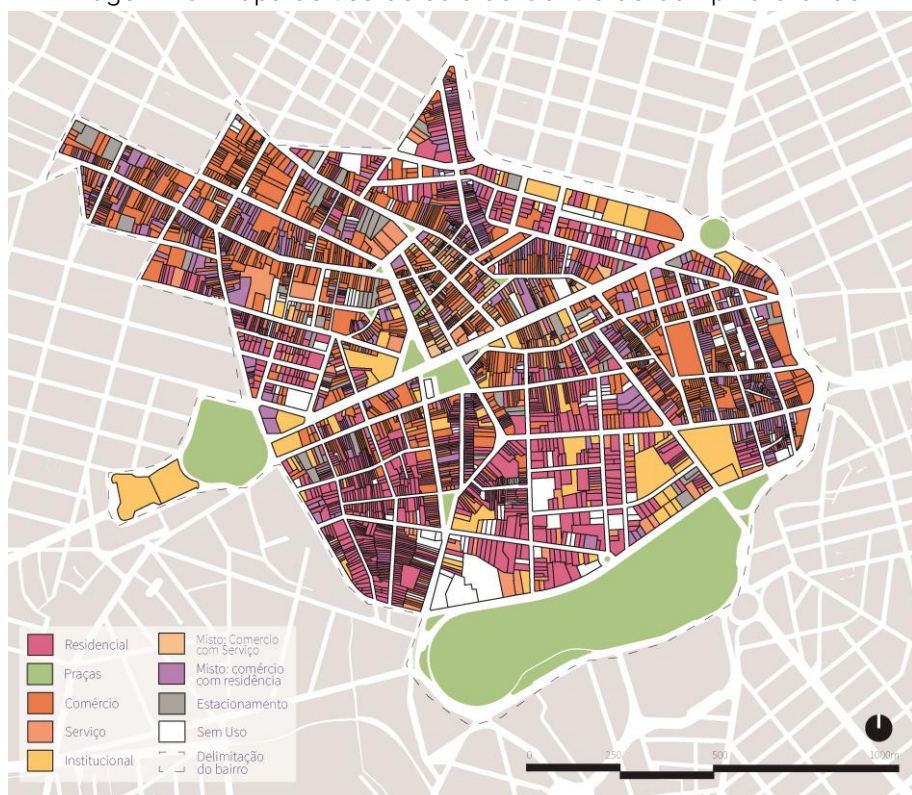
proximidades do bairro da Prata. Existe ainda uma quantidade significativa de lotes vazios ou sem usos, como pode ser observado nos mapas das imagens 21 e 23 (*cf. infra*). Além de prédios abandonados, terrenos ou demolições que estão funcionando de estacionamento, muitas construções de valor histórico vêm sendo demolidas para dar lugar a novas edificações ou empreendimentos, o que mostra que, apesar da sua densidade, o Centro ainda vem passando por um “acelerado processo de transformação em consequência da dinâmica imobiliária” com constante alteração da sua paisagem urbana (BONATES, 2010; SILVA e BARROS FILHO, 2016, p. 2).

Imagem 22: Quantificação das tipologias de uso identificadas no Centro de Campina Grande



Fonte: MACÊDO, 2019.

Imagem 23: Mapa de uso do solo do Centro de Campina Grande



Fonte: MACÊDO, 2019, editado pela autora, 2020.

A partir das imagens 22 e 23 acima, pode-se observar que na malha urbana do bairro, predominam lotes com edificações de uso comercial, mas com significativa presença de edificações com uso residencial e de uso misto, combinando comércio e residência. Esta malha congrega também importantes pontos de serviço da cidade, como hotéis, hospitais, restaurantes e o teatro municipal, por exemplo, além de sedes do poder público municipal, como a Prefeitura e Secretarias. No seu perímetro também se encontra a feira livre da cidade, conhecida como Feira Central, com grande

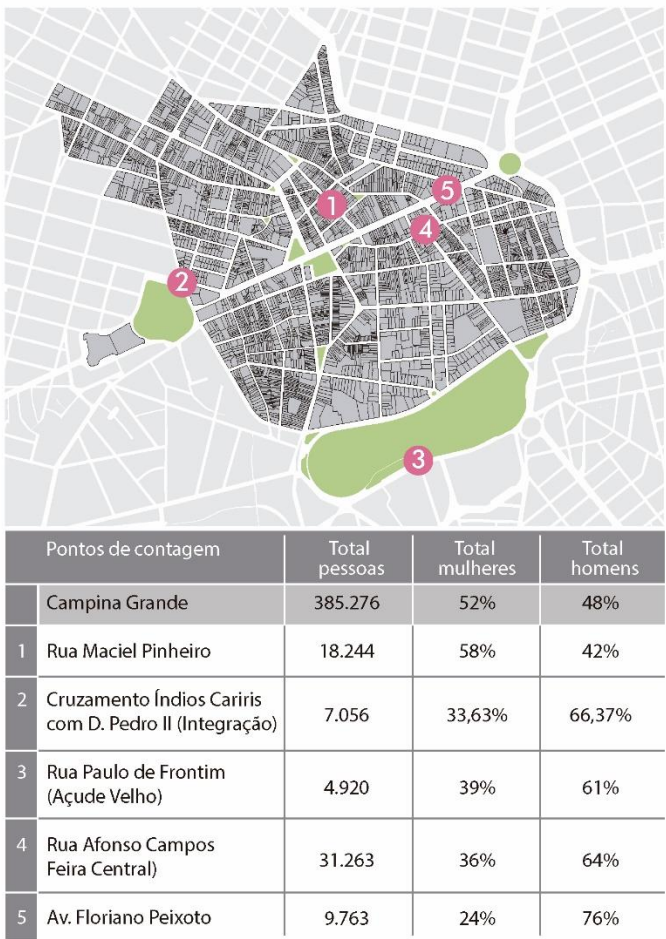
importância comercial, histórica e turística, recebendo comerciantes de várias cidades do interior paraibano, reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil (PORTAL IPHAN, 2018).

A área conta ainda com uma grande movimentação de automóveis, por ser cortada por importantes eixos conectores e coletores da cidade. Além disso, quase todas as linhas de transporte público que abastecem a malha urbana da cidade passam pela Av. Floriano Peixoto, cruzando o bairro no sentido Leste-Oeste. A diversidade de usos também garante ao Centro de Campina um grande movimento de pessoas ao longo do dia. Além de trabalho, consumo e passagem, há permanência para o lazer e estar, tanto em espaços destinados a essa função, como o Açude Velho, praças e Calçadão, como em outros apropriados pela população, que improvisam quiosques e mobiliário urbano em calçadas e esquinas.

Uma pesquisa feita pelo LabRua entre 2017 e 2019 pôde contabilizar o número de pessoas que passavam ao longo do dia em algumas ruas do Centro da cidade (*cf. infra*, imagem 24). A diversidade presente no bairro, tanto pelos diferentes usos e atividades que convidam à permanência, como pelo seu valor turístico com tipologias arquitetônicas que atravessam períodos históricos, possibilita grande

movimento de pessoas durante o dia, além de diferentes tipos de percepção e experiências.

Imagem 24: Contagens realizadas pelo Laboratório de Rua



Fonte: Laboratório de Rua (2017-2019), editado pera autora (2020)

No que concerne ao número de homens e mulheres, a tabela acima indica que esses dados variam muito entre as vias, com diferenças significativas de valores entre um grupo e outro. Pode-se perceber que as mulheres, apesar de maioria da

população na cidade, não se fazem muito presentes em alguns desses espaços públicos.

A Rua Maciel Pinheiro (*cf. infra*, imagem 25), conhecida pela preservação de seu acervo histórico, importância comercial e pela qualidade de sua infraestrutura – com calçadas largas, presença de alargamentos nas esquinas, *parklets*¹² fixos, mobiliário urbano de permanência, iluminação com fiação embutida no solo, com espaçamentos e alturas mais adequadas ao nível dos pedestres –, é a que apresenta o maior número de mulheres circulando. No que concerne à Av. Floriano Peixoto – marcada pela presença de uma rua larga, com seis faixas de circulação e alta movimentação viária, canteiro central e poucos pontos de travessia segura (*cf. infra*, imagem 26) –, uma contagem foi realizada em sua área, nas proximidades do viaduto Elpídio de Almeida e da Feira Central – marcado pela concentração de estacionamentos e lojas de produtos agropecuários –, mostrando que a rua apresenta o menor índice de mulheres a pé. Supõe-se que esses valores, além de relacionados à imagem segundo a qual este espaço seria destinado mais à passagem, com estrutura física da rua que prioriza o automóvel, além de também sofrer interferência da relação entre o tipo de uso

¹² *Parklets* são entendidos como extensões das calçadas, ocupando uma ou mais vagas de estacionamento, que funcionam como mini praças, na maioria das vezes possuem mobiliário urbano, servindo como espaço público de lazer e convivência no meio da via (SMDU, 2018).

existente nas edificações e a construção social; em outros termos, trata-se da criação de espaços majoritariamente masculinos, interferindo na vivência das pessoas e nas experiências possíveis.

Imagem 25: Rua Maciel Pinheiro



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 26: Avenida Floriano Peixoto.



Fonte: Site Paraíba Feminina (2020)

Ao associar os números de usuários levantados pelo LabRua (2017-2019) e as diferentes infraestruturas existentes nas vias usadas como ponto de coleta, foi possível identificar que a vivência feminina na cidade ocorre de formas distintas e que isso está igualmente associado aos aspectos físicos presentes no espaço. Conforme mencionado no capítulo metodológico, e no sentido de elucidarmos esses questionamentos acerca das formas de experiência e apropriação dos espaços públicos, por parte das mulheres, foram selecionadas ruas do bairro para estudo de caso e a aplicação de um protocolo de observação, considerando o gênero como categoria de análise.

4.2 Ruas do centro e seus modos de usar

118

As cinco ruas caracterizadas nesta seção (*cf. infra*, imagem 27) possuem tipologias de usos e infraestruturas semelhantes às das zonas nas quais estão inseridas. Através das fichas criadas em etapa metodológica específica, foi possível observar as atividades e características dos grupos sociais que usam os espaços no desenvolvimento de suas atividades cotidianas. As cinco ruas são frequentadas por pessoas de diversos gêneros, idades, classes e raças, as quais foram observadas na realização de diferentes atividades, desde as de lazer, trabalho, compras, até as atividades de passagem. Além de permitir uma descrição dos usuários e das relações que estes desenvolvem na

mobilização dos espaços, as fichas apontam para aspectos físicos importantes de serem observados em cada rua, como mobiliário, usos e infraestrutura. Esse tópico se dedicará a relacionar esses aspectos físicos aos comportamentais sociais observados em campo, dando atenção particular às modalidades elaboradas pelas mulheres nestas diferentes apropriações.

Imagem 27: Localização das cinco ruas selecionadas



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

A predominância do uso comercial e de serviços que marca o bairro também é encontrada em todas as cinco ruas estudadas, embora em proporções distintas (*cf. infra*,

imagem 26 e 27). As que mais compreendem essas características são a Rua Índios Cariris, com massiva presença oficinas de automóveis, lojas de materiais de construção, postos de gasolina e clínicas, e a Rua Treze de Maio, com a presença de lojas e, principalmente, de restaurantes. A Rua Vila Nova da Rainha e Rua Cardoso Vieira têm caráter mais misto, com presença do uso residencial, comercial ou a mescla dos dois, a primeira marcada pela proximidade com a Feira Central e um entorno com muitos supermercados e estabelecimentos de venda em atacado, e a segunda com destaque para construções com mais de um pavimento, onde o térreo fica dedicado à comercialização de produtos diversos e os pavimentos superiores para moradia ou serviços. Já a Rua Desembargador Trindade difere-se das outras pela predominância do uso residencial, com construções mais térreas na primeira metade – entre o Parque do Povo e a Praça da Cel. Antônio Pessoa – e muitas verticais multifamiliares na segunda – entre a praça e o Açude Velho; com destaque para presença considerável de lotes sem uso.

Imagem 28: Usos nas ruas selecionadas

1. RUA VILA NOVA DA RAINHA



0 25 100

3. RUA ÍNDIOS CARIRIS



0 25 100

5. RUA DESEMBARGADOR TRINDADE



0 25 100

2. RUA CARDOSO VIEIRA



0 25 100

4. RUA ÍNDIOS CARIRIS

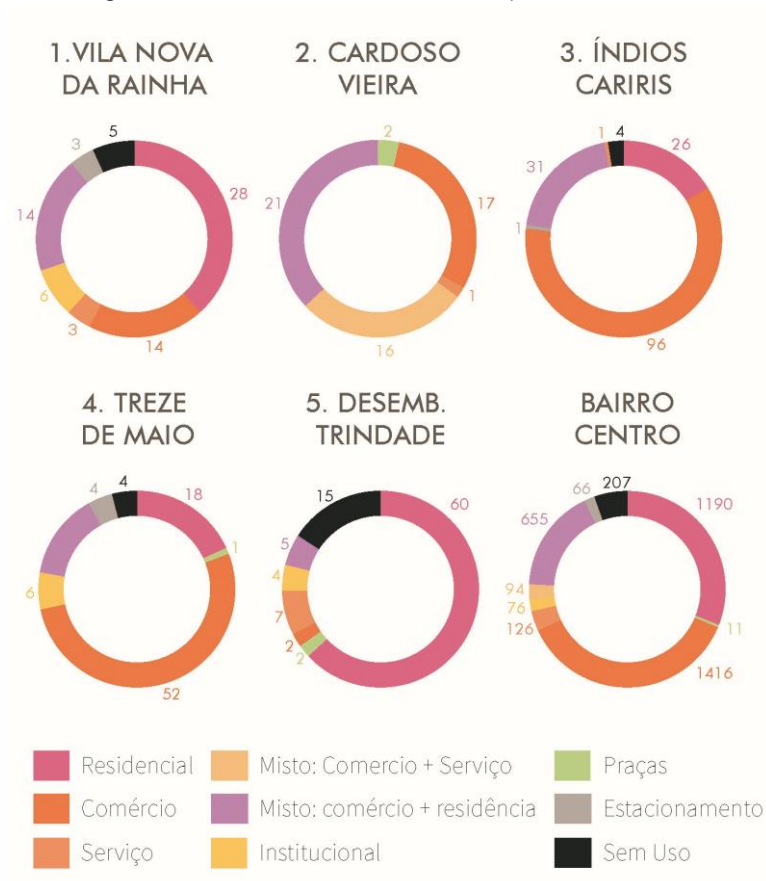


0 25 100



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Imagem 29: Predominância de usos por rua estudada



Fonte: elaborado pela autora (2021)

A diversidade de usos existente no bairro possibilita também o acúmulo de demandas, o que acaba atraindo muitos usuários a passarem a pé pelas ruas em questão durante o dia para cumprir diferentes tarefas. A que mais se destaca nessa característica de passagem e conexão de destinos é a Rua Cardoso Vieira, que além da presença de muitas lojas e proximidade com outras ruas muito atrativas – como as ruas Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro – é marcada pela presença

da antiga rodoviária da cidade, ainda em uso para comercialização de produtos, prestação de serviços, chegada e saída de muitos ônibus e transportes alternativos com destino a cidades do interior do Estado (imagem 30). A Rua Vila Nova da Rainha e Treze de Maio também possuem intensa movimentação pedestre, tanto pela presença da Feira Central e praças importantes, respectivamente, como por serem um elo entre a área central e o Açude Velho, para a primeira, e o Terminal de Integração, para a segunda.

Imagem 30: Rodoviária Velha – Fachada da via Praça Lauritzen



Fonte: Google Earth (2019)

O forte uso comercial e o uso de serviço, presentes no bairro, interferem na maneira segundo a qual o espaço privado e público se relacionam, e podem ser medidos visualmente

pela forma como as fachadas se organizam¹³ (*cf. infra*, imagem 31 à 35). Nesses recortes urbanos, é comum as ruas com lotes mais estreitos e com caráter mais comercial estarem acompanhadas de fachadas mais ativas e convidativas, com mais e maiores aberturas, e criando conexões mais diretas entre interior e exterior, como na Rua Cardoso Vieira e em trechos da Rua Treze de Maio. Nas ruas com mais residências ou com grandes terrenos, é perceptível fachadas que variam entre mistas, monótonas ou inativas – com a presença de poucas aberturas, recuos frontais que separam a construção da calçada, muros mais altos ou opacos que criam fachadas cegas e bloqueiam a visibilidade, por exemplo: tais características são perceptíveis em vários pontos da Desembargador Trindade, principalmente no trecho com muitos prédios; no trecho da Rua Vila Nova da Rainha, próximo ao Açude, com as longas fachadas de serviço e equipamentos de educação; e ao longo da rua Índios Cariris, com muros cegos das edificações residenciais ou de serviços e das oficinas que funcionam mais ao fundo do lote. Essa classificação de fachadas exerce grande

¹³ De acordo com a classificação proposta por Gehl (2017), há cinco tipos de fachadas no espaço urbano: as ativas, as convidativas, as mistas, as monótonas e as inativas. Definidas pelo tamanho, quantidade de aberturas, detalhes que possuem e pelo uso e movimentação que causam no espaço, essas fachadas são organizadas, considerando-se que quanto maior a diversidade de componentes e atrativos maior seu índice de “atividade”.

influência em como se percebe e se usa o espaço, pois a presença de elementos que permitem a interação espaço público e espaço privado possibilitam uma melhor sensação de segurança, permitindo o que é chamado por Jacobs (2011) de “olhos das ruas”, e consequentemente uma maior movimentação de pessoas a pé.

Imagem 31: Fachadas na Rua Cardoso Vieira e vista do Calçadão.



125



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 32: Fachadas na Rua Treze de Maio



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 33: Fachadas na Rua Vila Nova da Rainha



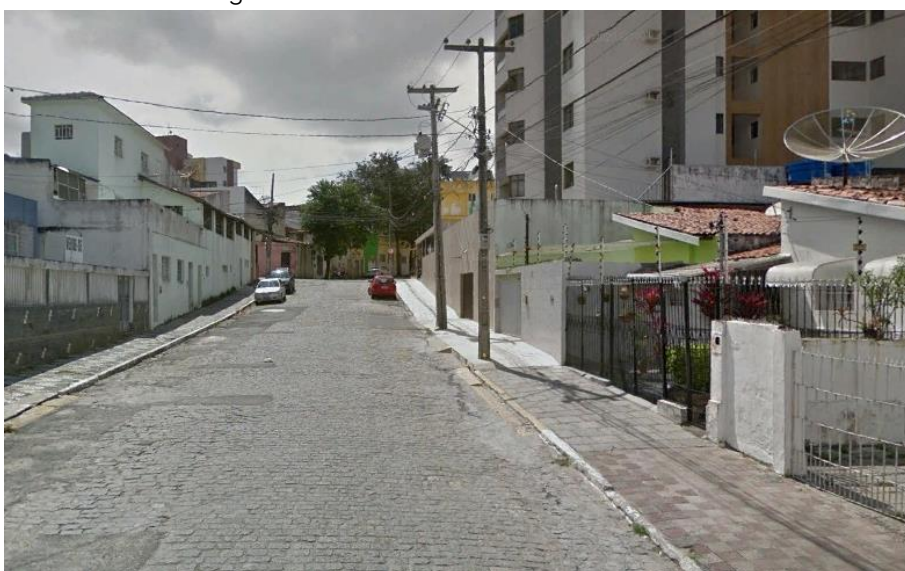
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 34: Fachadas na Rua Índios Cariris



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 35: Fachadas na Rua Des. Trindade



Fonte: Google Earth (2019)

Por outro lado, a forte presença de usos comerciais e de serviço em algumas ruas alteram a dinâmica urbana durante a noite (*cf. infra*, imagens de 36 a 38). De fato, após o horário comercial, as ruas do Centro de Campina acabam se esvaziando e possuindo pouco uso e passagem, exceto por pontuais moradores entrando ou saindo de casa, operações de carga e descarga nas lojas ou algum serviço com funcionamento estendido. A Rua Treze de maio é a que apresenta maior uso noturno, tanto pela presença do Hospital, como de muitos estabelecimentos alimentícios que mantêm o funcionamento após o horário comercial. Nas outras ruas, além de pontuais serviços, o silêncio só é rompido pela presença de algum bar, quiosque ou ambulante, como no cruzamento da Rua Cardoso Vieira com Rua Maciel Pinheiro e no fim do primeiro trecho da Rua Desembargador Trindade. O restante conta com pouquíssima movimentação de pessoas, sendo usadas mais pelo tráfego de automóveis, como a Rua Índios Cariris e a Vila Nova da Rainha.

Em todas as vias há muitos pontos com escassez de iluminação, ocasionados tanto por não seguirem um padrão de distribuição de postes ou por estarem danificados (*cf. infra*, imagem 39 e 40). Esse problema de iluminação pública, por vezes, é mitigado pela iluminação fornecida pelas edificações, principalmente pelas casas, como na Rua Desembargador Trindade. Ademais, nos pontos em que a

vegetação está presente, o problema se intensifica, pois não existe suficiente adequação do tipo e altura dos postes às espécies e tamanhos dos indivíduos arbóreos que os circundam; ademais, a falta de manutenção em termos de poda acentua o problema. A existência de muitos pontos escuros, além de dificultar a visibilidade, prejudica a acessibilidade e contribui com a sensação de insegurança, gerando um entrave à utilização dos espaços, por parte das pessoas.

Imagem 36: Rua Treze de Maio à noite



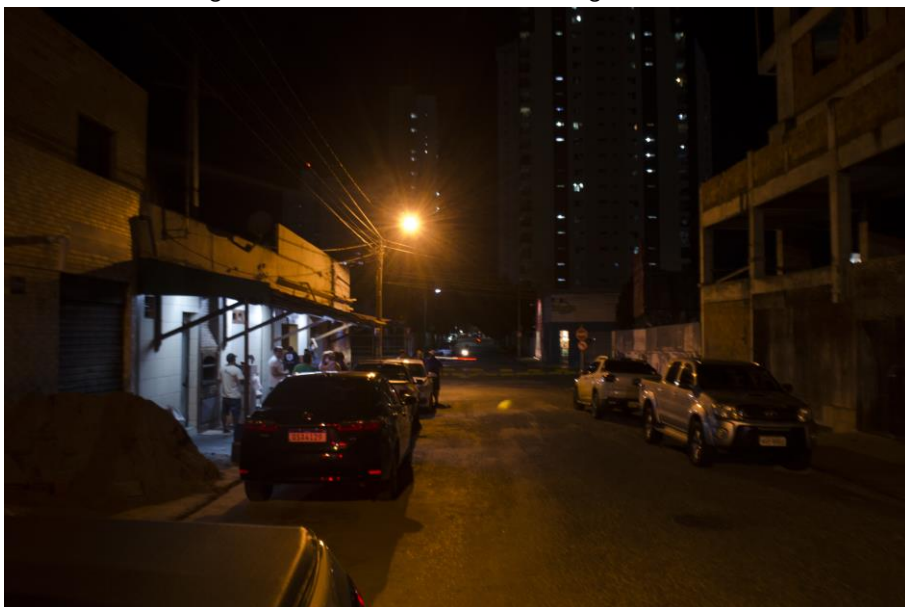
Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 37: Quiosque da Rua Cardoso Vieira à noite, esquina com Maciel Pinheiro



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 38: Bar da Rua Desembargador à noite



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 39: Conflito entre arborização e iluminação pública na Rua Desembargador Trindade



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 40: Escassez de iluminação pública na lateral da Rodoviária Velha, na Rua Cardoso Vieira



Fonte: acervo pessoal (2021)

A respeito da infraestrutura viária, todas as ruas possuem calçadas e permitem a passagem de automóveis em seus leitos carroçáveis, exceto em um trecho da Rua Cardoso Vieira que tem uso exclusivo de pedestres, conhecida como o Calçadão da Cardoso Vieira ou Jimmy de Oliveira. Todas as ruas são completamente asfaltadas e têm sentido único de circulação de veículos, e as que possuem maior fluxo são a Rua Índios Cariris, Treze de Maio e Vila Nova da Rainha, por apresentarem uma boa conectividade no bairro e com diferentes regiões da cidade. A Rua Cardoso Vieira, por sua vez, é a que apresenta maior uso pedestre, não só pela presença do Calçadão e proximidade com outras vias comerciais, mas pela sua baixa conectividade veicular na malha, a qual, cortada por outras ruas com maior circulação de automóveis, apresenta movimentação significativa apenas nos cruzamentos. A Rua Desembargador Trindade, apesar de também possuir baixa conectividade na malha para os veículos, quase não possui movimentação de pessoas, o que pode ser justificado pelo forte uso residencial com poucos atrativos comerciais ou de serviços.

A respeito do mobiliário urbano (*cf. infra*, imagem 41) que possibilite melhor parada e descanso de pessoas, há poucos pontos em que podem ser percebidos nas calçadas, localizando-se principalmente nas praças e parques. Das vias destacadas aqui, a que conta com a maior presença de

mobiliário é a Rua Cardoso Vieira, por conta de um trecho no qual observa-se um empraçamento. Neste, podem ser vistos canteiros altos para vegetação – os quais também são usados para sentar ou expor produtos –, bancos sombreados e até mesmo lixeiras, estas distribuídas por toda a extensão da rua remanescentes do projeto Campina Decó, executado no início dos anos 1990. Nas outras ruas, a ausência de mobiliário torna comum a utilização da diferença de nível existente entre as edificações e a calçada, canteiros e o próprio meio fio para sentar ou encostar, e os lugares existentes realmente destinados ao descanso e parada de pessoas são, majoritariamente, improvisados pela população, muitos deles pertencentes a algum ambulante ou estabelecimento comercial, e recolhidos ao fim do expediente (*cf. infra*, imagem 42 a 46).

Imagem 41: Mobiliário urbano no Calçadão da Rua Cardoso Vieira.



Fonte: Blog Rainha da Borborema (2012)

Imagem 42: Mobiliário urbano improvisado por Mototaxistas na Rua Cardoso Vieira.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 46: Mobiliário urbano improvisado na Rua Treze de Maio



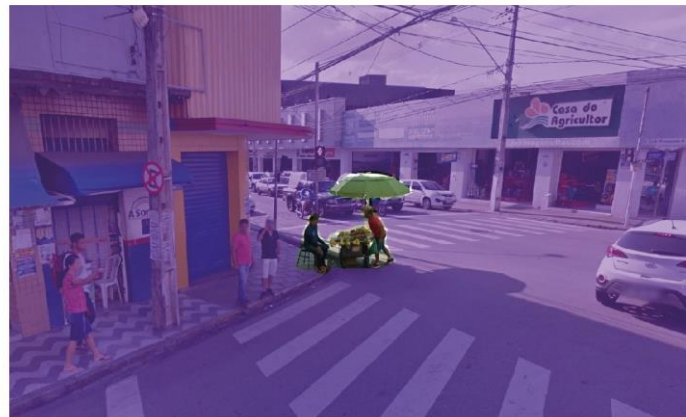
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 43: Mobiliário urbano improvisado nos quiosques na Rua Cardoso Vieira



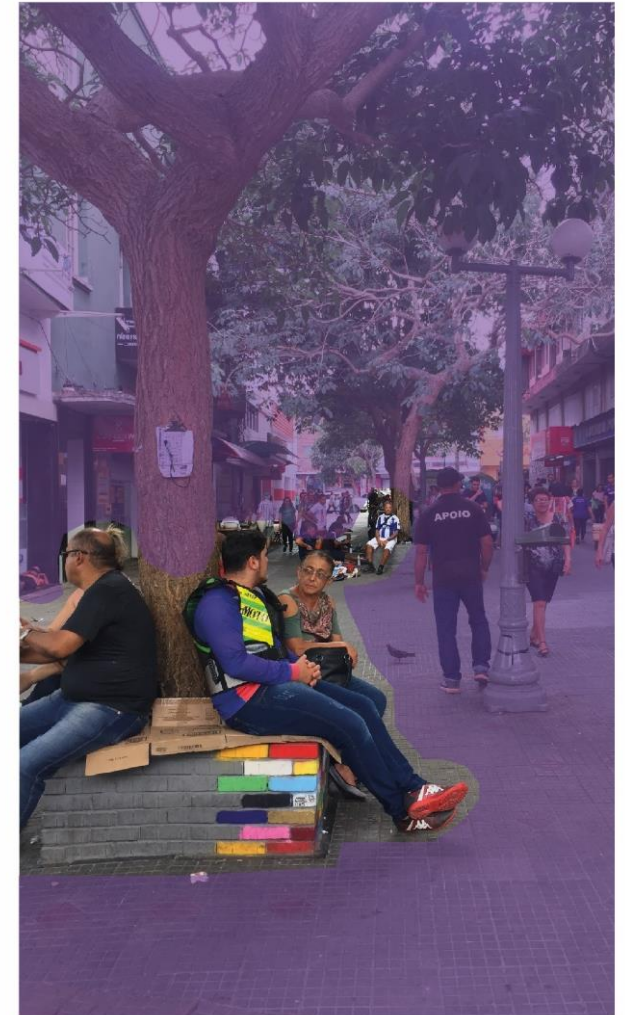
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 45: Mobiliário urbano improvisado por ambulantes na Rua Índios Cariris



Fonte: Google Earth (2019)

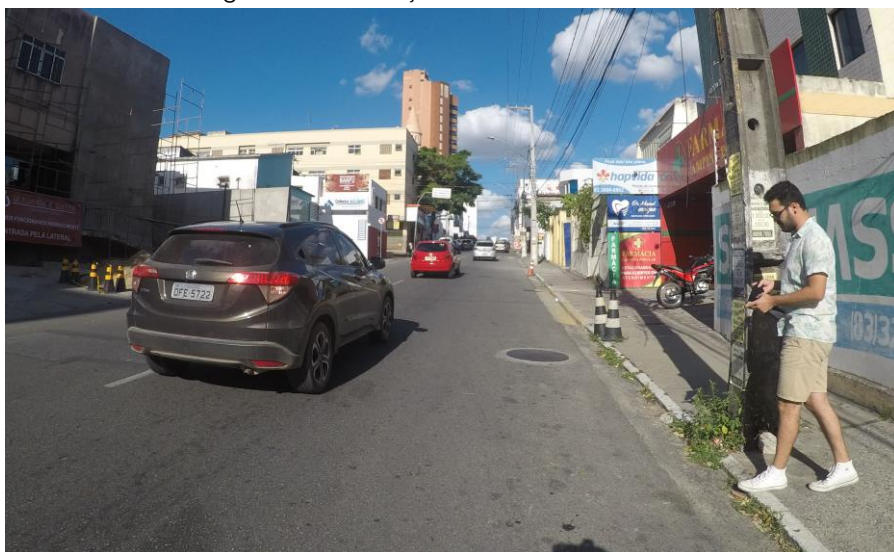
Imagem 44: Utilização dos canteiros para sentar no Calçadão da Cardoso Vieira.



Fonte: acervo pessoal (2019)

A proporção de árvores é escassa e, somada à pouca ou quase nenhuma presença de marquises nas construções de algumas ruas, faz com que o sombreamento seja insuficiente ao longo das calçadas (imagem 47). A vegetação e o sombreamento acompanham a lógica já percebida na observação dos mobiliários urbanos: existem mais em praças e predominam no Calçadão da Cardoso Vieira. Nas outras vias, aparecem eventualmente nos recuos frontais dos lotes residenciais, como em alguns da Rua Desembargador Trindade, ou isolados na calçada, embora, muitas vezes, sem o tratamento adequado, o que termina por destruir a pavimentação e prejudicar a acessibilidade (*cf. infra*, imagem 48).

Imagem 47: Insolação na Rua Treze de Maio



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 48: Presença de árvores na calçada da Rua Desembargador Trindade, sem canteiro delimitado, danificando o piso



Fonte: acervo pessoal (2021)

As calçadas têm entre 1 e 2,5 metros de largura e, por vezes, além de serem ocupadas com vegetação, não raro, apresentam outras interrupções que obstruam e dificultam a passagem de pedestres, como o pavimento quebrado, a presença de postes, ambulantes ou produtos das lojas. Além dessa obstrução com equipamentos públicos e privados, por vezes, a relação da largura das calçadas com a quantidade de carros estacionados, seja paralelamente a elas ou nos recuos frontais das edificações, gera conflitos e faz com que, em alguns pontos, os pedestres caminhem pelo leito carroçável em busca de melhor acessibilidade e visibilidade. As ruas que possuem melhor regularidade no passeio são as ruas Treze de Maio e Cardoso Vieira, com dimensões mais

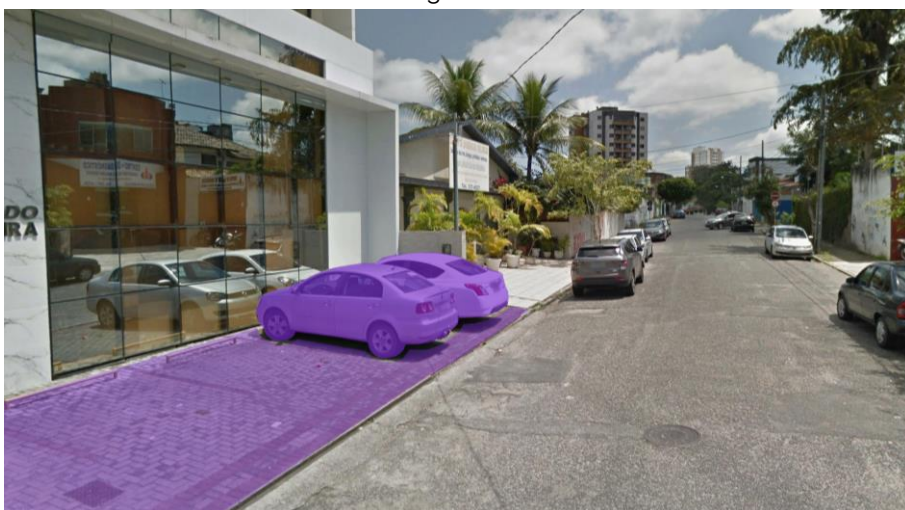
padronizadas e sem muitas interrupções. O restante das ruas apresenta muitas irregularidades, comprometendo a acessibilidade e o conforto em diversos pontos ao longo da via (imagem 49 e 50).

Imagem 49: Interrupções nas calçadas, dificultando o passeio na Rua Índios Cariris



Fonte: acervo pessoal (2021)

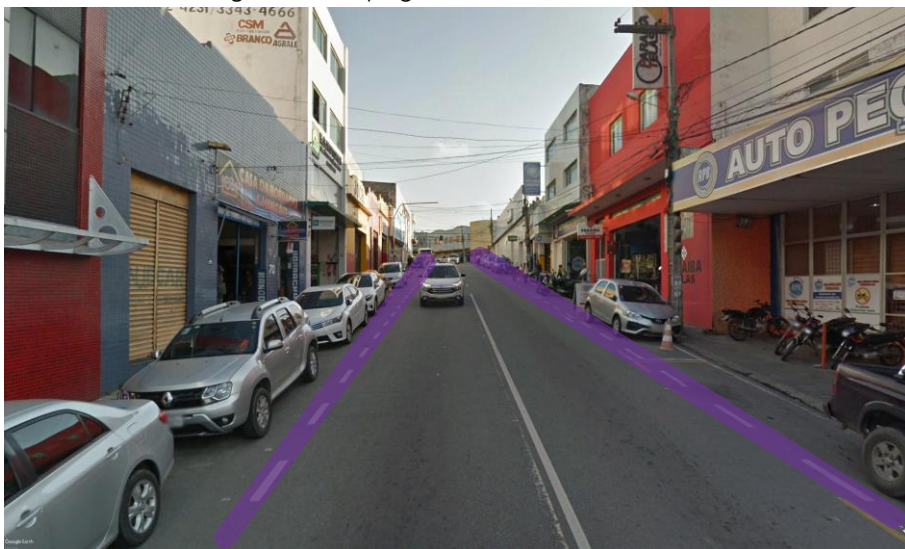
Imagem 50: Interrupções nas calçadas, dificultando o passeio na Rua Desembargador Trindade



Fonte: acervo pessoal (2021)

Quanto à topografia, duas ruas têm desnível bastante acentuado (Índios Cariris e Vila Nova da Rainha) em toda sua extensão. Esse declive contribui para prejudicar a visibilidade e legibilidade da rua e, aliado a outras características, como insolação/sombreamento, para o afastamento de pedestres e usos mais ativos (*cf. infra*, imagem 51 e 52). As outras três ruas (Cardoso Vieira, Treze de Maio e Desembargador Trindade) têm topografia mais plana e, quando apresentam desnível, pode-se dizer que este ocorre em pequenos trechos, o que acaba sendo mais imperceptível no caminhar, causando pouca interferência nos interesses e rotas.

Imagem 51: Topografia da Rua Índios Cariris



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 52: Topografia da Rua Vila Nova da Rainha



Fonte: Google Earth (2019)

Em alguns pontos onde essas diferenças de nível existem, é comum que muitos micro-ônibus, vans e caminhões se aglomerem em um lado da calçada, permanecendo por um longo período de tempo, seja à espera de passageiros ou para realizar carga e descarga, como nas ruas Vila Nova da Rainha e ao lado da Rodoviária Velha na Cardoso Vieira. A massiva presença de automóveis, de médio e grande porte, estacionados no espaço, criam, por vezes, lugares de constrangimento de passagem, e como o fornecimento desses serviços ligados ao transporte é majoritariamente oferecido por homens, é comum, por exemplo, ver mulheres desviarem desses pontos, trocando de calçada ou caminhando pela rua.

Imagem 53: Acúmulo de vans na Rua Cardoso Vieira, na fachada da Rodoviária Velha



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 54: Concentração de caminhões na Rua Vila Nova da Rainha



Fonte: Google Earth (2019)

4.3 Usos e comportamentos urbanos

Investigar as conexões existentes entre os pedestres, os tipos de usos existentes e os atributos físicos do espaço, constitui importante passo para refletir sobre as diferentes experiências urbanas, no sentido de possibilitar o envolvimento de diferentes usuários no processo de produção do espaço e, assim, de repensar a configuração das cidades (GEHL, 2017; SAFFIOTI, 2004). Um dos instrumentos apontados tanto por Gehl (2017), como por Jacobs (2010), para auxiliar nessa compreensão, é a observação urbana. Dessa forma, o mapeamento de usos, percursos e atividades; a contagem de pessoas; e o registro fotográfico, por exemplo, são metodologias eficientes e que facilitam a leitura dos dados (GEHL, 2017).

141

Neste sentido, a observação dos comportamentos, por parte dos usuários, reforça que os fatores tratados anteriormente (usos e ocupação do solo, iluminação, mobiliário urbano, fachadas e infraestrutura da via) repercutem nas interações existentes nos espaços. A intensa insolação ou falta de iluminação, obstrução das calçadas, pouca diversidade de usos e existência de fachadas cegas, notadamente, dificultam que muitos pedestres usem determinada calçada ou rua na sua rota. Na imagem 55 (cf. infra), ao observar as marcações que indicam pessoas paradas no espaço, pode-se constatar também que a diversidade de usos, construções

com maior transparência entre o exterior e interior, presença de mobiliário ou maior número de pessoas circulando, por exemplo, atraem mais indivíduos a utilizar e permanecer no espaço.

Além disso, é possível perceber também que a sobreposição de características citadas anteriormente, em particular, as relacionadas ao uso da rua e tipo de fachadas, apesar de repercutirem nos usos do espaço, independentemente da questão do gênero, acabam afetando mais as mulheres. Trata-se de um ponto possível de se constatar, devido às evidências de que tais características atraem mais usuários, melhoram a sensação de segurança e permite que elas se sintam mais convidadas a circular.

142

Acredita-se que essas associações entre configurações espaciais e comportamentos sociais, evidenciadas aqui através da presença feminina e da ausência ou concentração de determinados usos, podem ser justificadas pela ligação existente entre os usos distribuídos no espaço e as funções sociais atribuídas e desempenhadas por homens e mulheres na sociedade. De fato, a presença feminina é comumente associada à divisão sexual do trabalho, ou seja, aos serviços ligados aos cuidados da casa e dos filhos, de maneira que lojas de utensílios domésticos, cosméticos, roupas, calçados, tecidos, etc. podem ser observadas nas ruas (TARDIN *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2017; MONTANER e MUXÍ, 2014). Isso

acontece igualmente com a Rua Cardoso Vieira, a qual, além de possuir muitos desses usos, possibilita ligação com outras ruas do entorno, as quais apresentam igual vocação.

No que concerne à Rua Índios Cariris, tipicamente constituída por serviços de oficinas mecânicas e lojas de peças e de materiais de construção, assim como a Rua Vila Nova da Rainha, cuja força do comércio livre de rua é uma de suas principais características, percebe-se uma presença mais marcante dos homens, reforçando que a concentração de usos entendidos como majoritariamente masculinos interfere no conforto e capacidade de uso das mulheres, tanto por ser menos atrativo, como pela necessidade de se proteger de intervenções masculinas que sexualizam seus corpos, como indica Monnet (2013). O Calçadão, apesar de estar na Rua Cardoso Vieira, apresenta um padrão diferente do restante da rua, uma vez que, neste trecho em particular, os usos mudam, tornando-se mais propício à parada e às interações sociais, de tal forma que os homens, principalmente os de maior faixa etária, parecem atraídos pela boa infraestrutura urbana e pelo lazer nos bares e cafés. Acredita-se que essa massiva presença masculina estaria aliada aos turnos de nossa observação, mais concentrados durante o dia, assim como às cargas de trabalho doméstico ou assalariado desempenhados, respectivamente, por mulheres e homens;

nesta lógica, haveria, por parte das mulheres, uma certa repulsão no uso destes espaços.

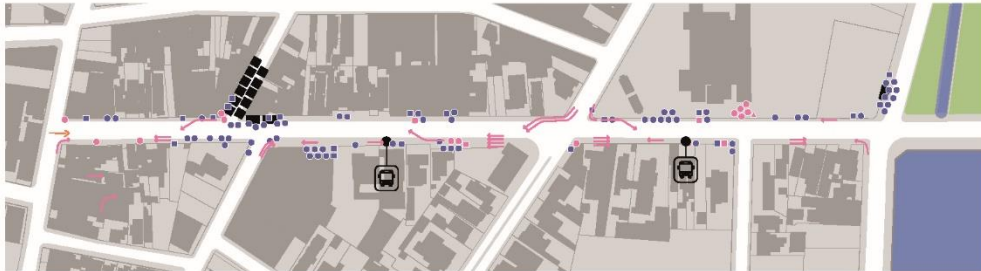
Durante o dia, na maioria das ruas estudadas, a quantidade de homens parados utilizando o espaço é superior à quantidade de mulheres realizando a mesma ou outra atividade. Por toda extensão das ruas Vila Nova da Rainha, Índios Cariris e do Calçadão, as marcações em cor azul nos mapas predominam, indicando que homens param e realizam mais atividades nesses espaços (*cf. infra*, imagem 55). Nessas mesmas vias, as poucas marcações referentes às mulheres (em rosa) indicam apenas a passagem delas pelas ruas; ademais, essas mulheres de passagem estão, na maioria das vezes, acompanhadas por amigas, familiares ou em grupos.

Em apenas um trecho das ruas pesquisadas aqui, a Rua Cardoso Vieira, foi possível observar um número de mulheres utilizando o espaço superior ao dos homens; nas outras duas restantes, Rua Treze de Maio e Rua Desembargador Trindade, não foi possível notar grandes contrastes entre essas quantidades

Imagem 55: Comportamento dos pedestres nas ruas selecionadas – dia

1. RUA VILA NOVA DA RAINHA

Novembro de 2019 - 10:00h



0 25 100

3. RUA ÍNDIOS CARIRIS

Novembro de 2019 - 10:00h



0 25 100

4. RUA TREZE DE MAIO

Novembro de 2019 - 09:00h

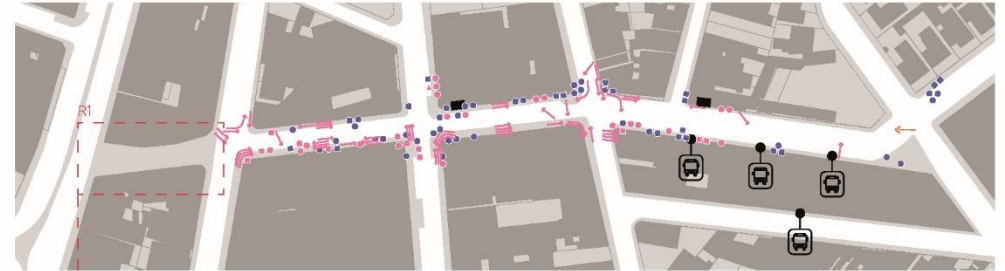


Detalhes do Levantamento: ➡ Por onde chegou

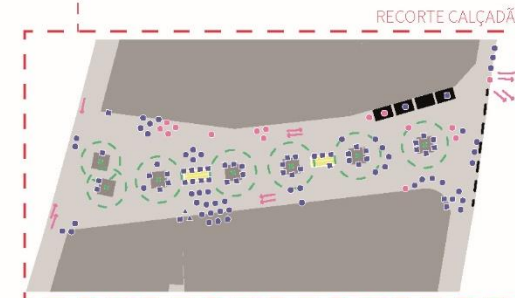
0 25 100

2. RUA CARDOSO VIEIRA

Novembro de 2019 - 10:00h



0 25 100



Mulher/Homen
■ ■ sentada/o
▲ ▲ criança
● ● em pé parada/o
~ Mulher caminhando
■ Ambulantes
■ Bancos
🚌 Pontos de ônibus

5. RUA DESEMBARGADOR TRINDADE

Novembro de 2019 - 09:00h

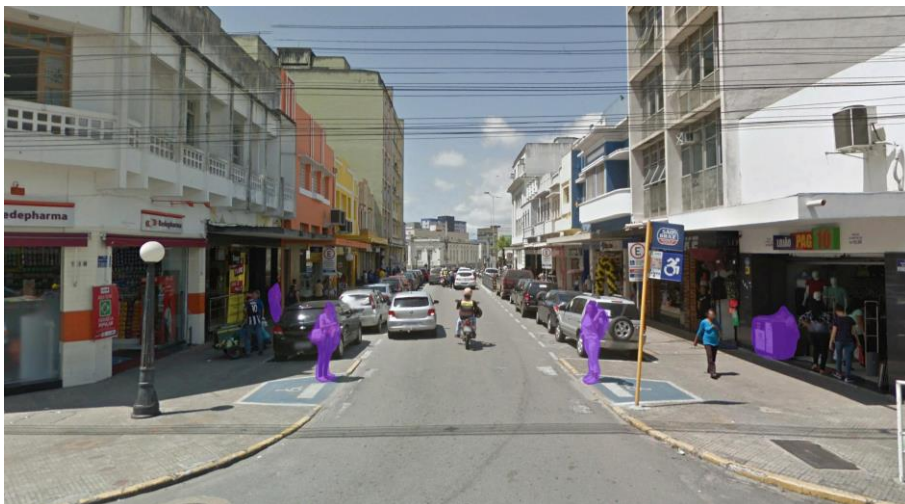


0 25 100

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Em todas as ruas, quando paradas no espaço, é notória a presença de mulheres ligada à atividade de espera, como em pontos de transporte, quiosques ou nas esquinas esperando para atravessar a rua. Essa característica indica que a presença delas tem forte relação com a constante realização de alguma atividade, como se estivessem sempre indo ou voltando de algum lugar; como mencionado acima, raramente, as mulheres observadas estão desenvolvendo alguma atividade de lazer. Além dos usos de passagem ou usos específicos pontuais, tais quais consumir alimentos ou esperar alguém, em determinados pontos do bairro (como, frequentemente, pode ser visto nas ruas Cardoso Vieira, Maciel Pinheiro e Treze de Maio), as mulheres se fazem geralmente presentes na rua, por trabalharem em alguma loja. De fato, essa relação é nítida quando as mulheres usam fardamentos das lojas ou interagem com quem passa, à procura de clientes (*cf. infra*, imagens 56 e 57), situações para as quais elas ficam em pé, nas portas dos estabelecimentos, ou nas calçadas, esperando demandas ligadas ao trabalho.

Imagem 56: Mulheres esperando e trabalhando, registro da Rua Maciel Pinheiro.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 57: Mulheres na frente das lojas na Rua Cardoso Vieira



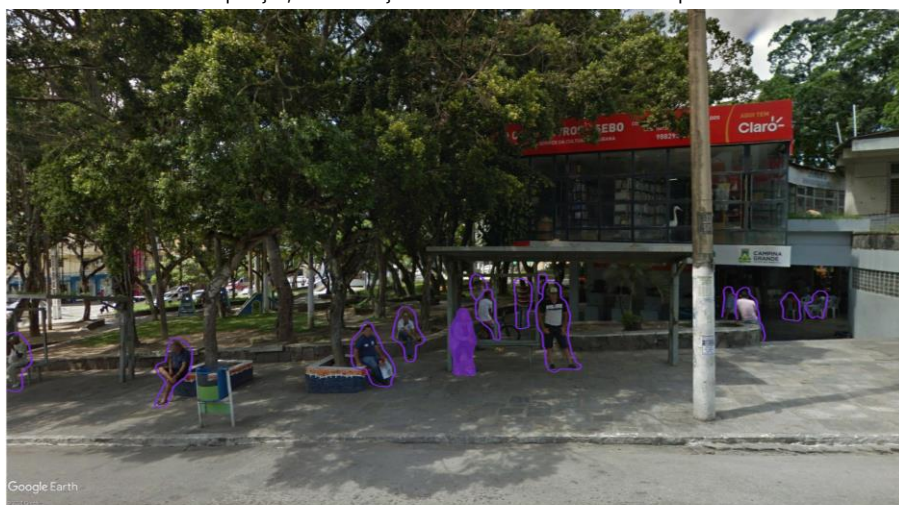
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 58: Mulheres paradas no ponto de ônibus da Rua Vila Nova da Rainha



Fonte: acervo pessoal (2020)

Imagem 59: Contraste de mulheres e homens parados, usando o espaço, na Praça da Clementino Prócópio



Fonte: Google Earth (2019), editado pela autora (2021)

Imagem 60: Contraste de mulheres e homens parados, usando o espaço, na Praça da Bandeira.



○ HOMENS ● MULHERES

Fonte: PAIXÃO (2019), editado pela autora (2021)

Imagem 61: Contraste de mulheres e homens parados, usando o café da Praça da Bandeira.



○ HOMENS ● MULHERES

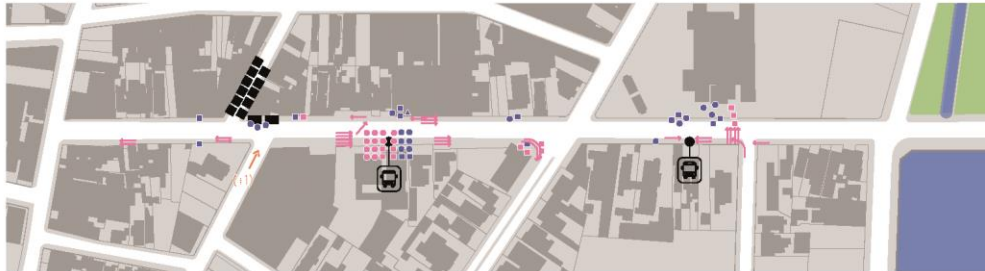
Fonte: AQUINO (2021), editado pela autora (2021)

Assim como foi observado com os usos das edificações, durante a noite, a dinâmica de pedestres nas ruas muda e o número de pessoas circulando ou usando os espaços diminui mais ainda à medida que as horas avançam (*cf. infra*, imagem 62). Quase não é possível encontrar mulheres depois do horário comercial; quando esta presença ocorre, normalmente elas estão acompanhadas, entrando ou saindo de alguma residência ou estabelecimento comercial, à espera de algum transporte ou carona, com grupos em paradas de transporte coletivo, trabalhando ou consumindo em ambulantes que fornecem alimento, como o espetinho da Cardoso Vieira (*cf. infra*, imagem 37, 63 e 64).

Imagem 62: Comportamento dos pedestres nas ruas selecionadas – noite

1. RUA VILA NOVA DA RAINHA

Novembro de 2019 - 18:30h



0 25 100

3. RUA ÍNDIOS CARIRIS

Novembro de 2019 - 19:00h



0 25 100

4. RUA TREZE DE MAIO

Novembro de 2019 - 19:10h

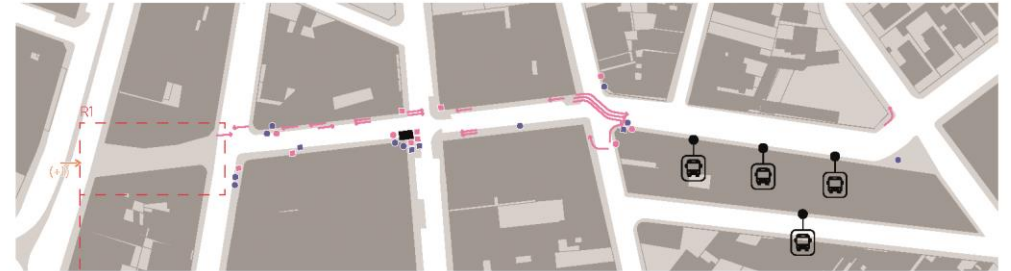


Detalhes do Levantamento: ➡ Por onde chegou

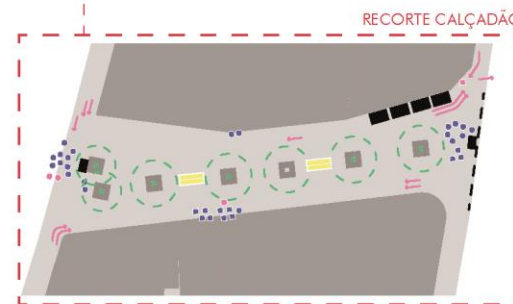
0 25 100

2. RUA CARDOSO VIEIRA

Dezembro de 2019 - 18:50h



0 25 100



- Mulher/Homen
- sentada/o
- criança
- em pé parada/o
- Mulher caminhando
- Ambulantes
- Bancos
- Pontos de ônibus

5. RUA DESEMBARGADOR TRINDADE

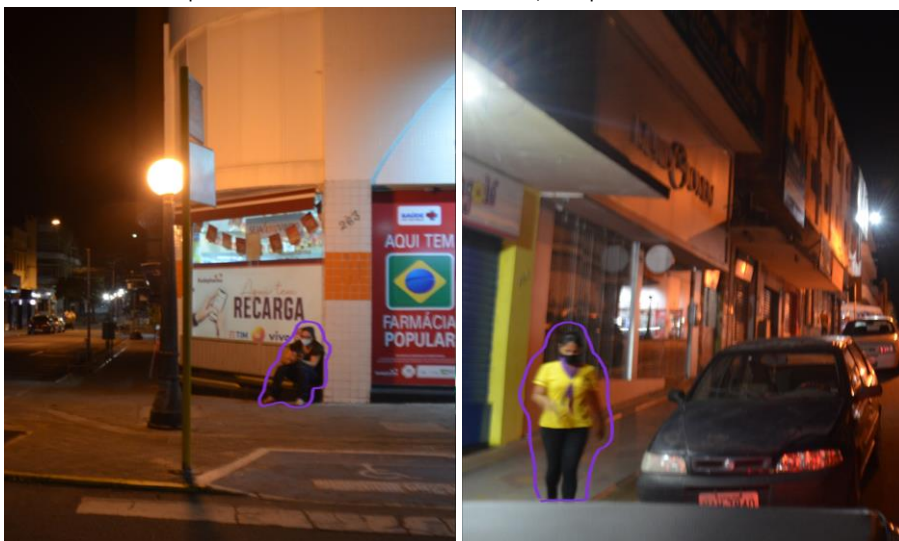
Novembro de 2019 - 18:30h



0 25 100

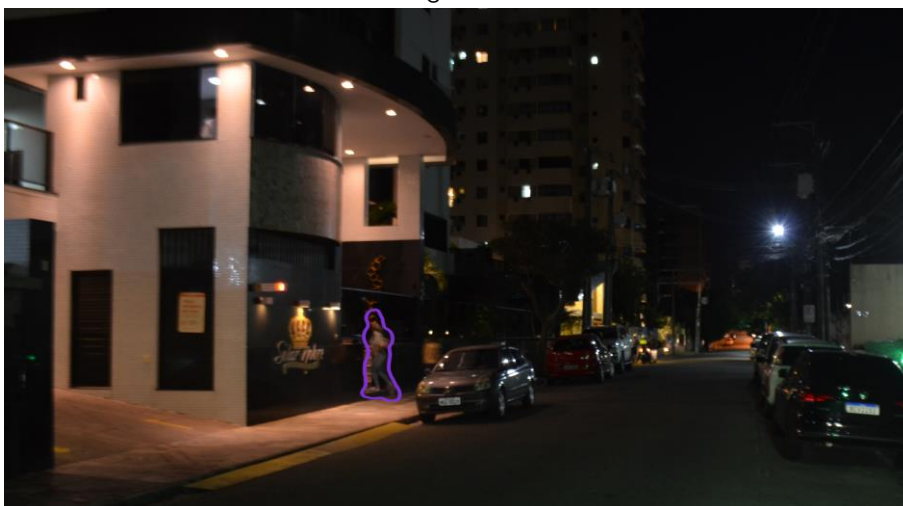
Fonte: elaborado pela autora (2021)

Imagem 63: Mulheres saindo da loja onde trabalha na Rua Cardoso Vieira e esperando na frente de um estabelecimento comercial na esquina da Rua Maciel Pinheiro, respectivamente.



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 64: Mulher entrando em prédio residencial na Rua Desembargador Trindade



Fonte: acervo pessoal (2021)

O último item da lista de observações existentes para essa etapa do trabalho refere-se às mulheres e ao entendimento de como elas aparentam se sentir nas ruas no que concerne à segurança. A apreensão deste dado fundamenta-se em uma percepção da pesquisadora sobre a sensação de segurança, com base na observação de situações nos espaços públicos. Neste sentido, trata-se de uma interpretação sobre as diferentes situações observadas e da atribuição de uma escala de valor hipotética, que vai de “muito segura” até “muito insegura”, segundo as situações presenciadas. Ainda que à distância, de “fora em segredo” (DEL RIO, 1990), e muito embora este tipo de apreensão tenha seus limites, pode-se dizer que a riqueza dos eventos observados, os quais associam fatores como configuração do espaço, atitudes das mulheres observadas, grupos nos quais elas se inserem, etc. são elementos que, nesta escala subjetiva, são capazes de indicar determinados graus de segurança percebidos. Aliado a essa percepção, está o que Gonçalves e Leitão (2015, p. 21) propõe sobre o “processo de apreensão da paisagem”: segundo a autora, nesse processo, “há um olhar reflexivo sobre a constituição do eu e do outro” e, à medida que o sujeito observa e se identifica, “(‘o outro’) revela-se tanto como *modelo*, e assim como espelho, como também como algo a *incorporar*” (*idem*, p.19).

Durante o dia, e em quase todas as ruas, foi possível notar que as mulheres mostram se sentir seguras, se levamos em consideração seus padrões de comportamento, bem como suas indicações das ruas que elas realmente indicam evitar – segundo as entrevistas, há ruas “pouco adequadas”. Durante a noite, a percepção que temos sobre esta segurança foi outra, notadamente se considerarmos a maioria das marcações nas opções de “inseguro” e alguns pontos percebidos como “perigoso”. As marcações que indicam percepções mais negativas relacionadas à segurança, tanto de manhã como à noite, coincidem com pontos de pouca diversidade de usos, fachadas mais monótonas ou inativas, pouca movimentação de pessoas e baixa iluminação, como no trecho entre o Hospital e o Açude na Rua Vila Nova da Rainha; nas proximidades do Parque do Povo e do Açude na Rua Des. Trindade; em quase toda a extensão da Rua Índios Cariris, com destaque para a divisa com o bairro da Conceição; ao lado da Praça Clementino Procópio na Treze de Maio; e nas extremidades da Rua Cardoso Vieira – dentro do Calçadão e na lateral da Rodoviária Velha (*cf. infra*, imagem 65 à 70).

Imagem 65: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Cardoso Vieira, nas proximidades da Rodoviária Velha – dia



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 66: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Cardoso Vieira, nas proximidades da Rodoviária Velha – noite



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 67: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Treze de Maio, perto do Açude Novo (dia)



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 68: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Treze de Maio, nas proximidades da Praça Clementino Procópio (noite)



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 69: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Desembargador Trindade, nas proximidades do Parque do Povo – dia



Fonte: acervo pessoal (2021)

Imagem 70: Pontos entendidos como inseguro para as mulheres na Rua Desembargador Trindade – nas proximidades do Parque do Povo – noite



Fonte: acervo pessoal (2021)

Esse conjunto de levantamentos e caracterizações permite perceber que, apesar da organização dos espaços interferirem no comportamento de todas as pessoas que os utilizam, as mulheres têm mais sensibilidade e cuidado ao circular por eles e/ou permanecer nos mesmos. As relações entre os aspectos físicos-espaciais e as usuárias são complexas e possuem muitos desdobramentos, principalmente ao considerar o papel social que desempenham ou que lhes é atribuído (MUXÍ e MONTANER, 2014). Na busca de aprofundar o entendimento sobre essas questões e a percepção que elas têm sobre o espaço público e essas relações, foi necessário conversar com moradoras e usuárias do bairro. Assim, o próximo capítulo se propõe a fazer esse mergulho e dar atenção às vivências e interpretações que elas têm do espaço da cidade, dos usos que fazem do mesmo, assim como das relações sociais de gênero na cidade, considerando que esses entendimentos podem ter interferência das experiências acumuladas por elas ao longo da vida e das várias sobreposições de características espaciais que as ruas acumulam.

5. PERCEPÇÕES FEMININAS SOBRE O CENTRO

*Fomos socializadas para respeitar mais
ao medo que às nossas próprias
necessidades de linguagem e
definição, e enquanto a gente espera
em silêncio por aquele luxo final do
destemor, o peso do silêncio vai
terminar nos engasgando*
(Audre Lorde)

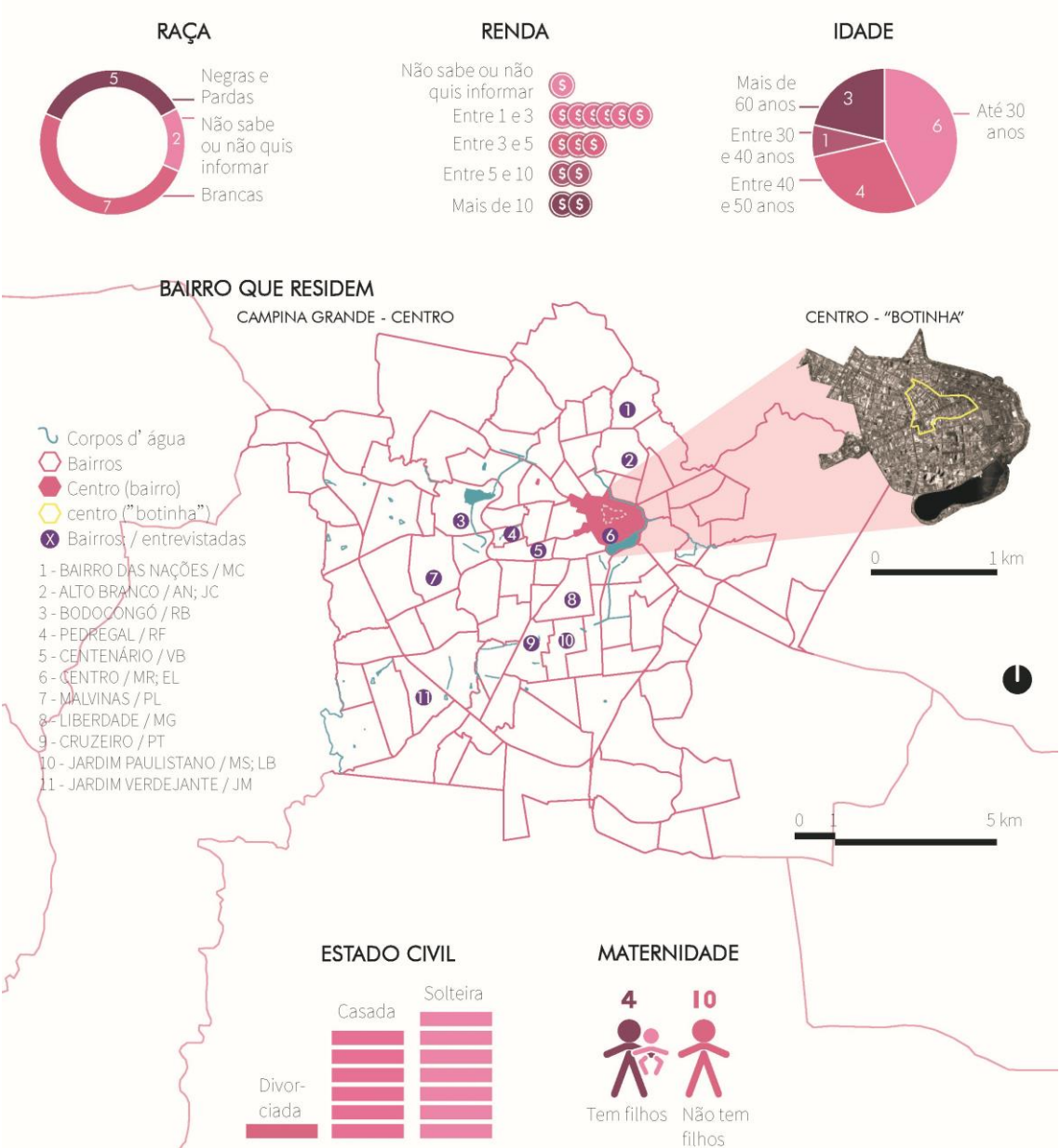
A apreensão da percepção das mulheres a respeito dos espaços públicos do Centro de Campina Grande, que frequentam em seu cotidiano, passa nesta pesquisa pela aproximação de suas experiências, as quais foram relatadas durante uma série de entrevistas, realizadas com um universo de mulheres usuárias do bairro. Diante do contexto pandêmico e do isolamento social, deflagrado a partir de março de 2020, as conversas ocorreram por meio de reuniões *online*, em modalidade de vídeo, entre os meses de julho e setembro de 2020. O roteiro das entrevistas foi semiestruturado, permitindo a adição de perguntas, via réplicas ou tréplicas construídas ao longo das trocas, assim como assuntos complementares. Fundamentalmente, foram abordados e desenvolvidos nas conversas temas tais como o uso de ruas e os sentimentos decorrentes destes usos;

perguntas que permitissem apreender o perfil socioeconômico das usuárias foram igualmente elaboradas (cf. roteiro no Apêndice 3 ou no volume do Caderno de Entrevistas). O presente capítulo tem por objetivo restituir o *corpus* de entrevistas, analisando-o à luz de determinadas categorias teóricas, construídas ao longo da pesquisa, tais quais a vivência dessas mulheres e como se estabelecem as relações com a cidade, bairro e ruas pesquisadas, a partir dos papéis de gênero, socialmente atribuídos e incorporados. As principais questões levantadas nas entrevistas serão apresentadas a seguir e foram confrontadas com as informações levantadas nas observações de campo, apresentadas no capítulo anterior.

5.1. Quem são essas mulheres

Ao todo, 14 mulheres foram entrevistadas: seis com idades entre 20 e 30 anos; três entre 30 e 40 anos; duas entre 40 e 50 anos; e três com mais de 60 anos. Quanto à identificação por raça, sete se identificam como brancas, cinco como negras ou pardas e duas preferiram não se identificar. Sete delas estão casadas, uma é divorciada e, dentro deste grupo de oito mulheres, quatro são mães; as seis restantes são solteiras e ainda não possuem filhos (*cf. infra*, imagem 71).

Imagem 71: Características e dados das entrevistadas



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Quanto à escolaridade, todas terminaram o ensino médio, com quatro ainda cursando o ensino superior. Das nove que já se formaram na universidade, sete já fizeram ou estão fazendo algum curso de pós-graduação. A ocupação apresenta bastante variação, uma vez que o grupo conta desde estudantes a servidoras públicas, vendedoras, professoras ou aposentadas. A metade das entrevistadas está em um intervalo de renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos.

A respeito do local de nascimento, quatro delas não são naturais de Campina Grande, com origem em alguma cidade do interior do Estado ou de outras localidades do Nordeste. Destas quatro entrevistadas, a que mora há mais tempo na cidade chegou há 47 anos, e a que reside há menos tempo chegou há cinco anos. As outras dez entrevistadas são campinenses e moram na cidade desde que nasceram, com alguns casos de experiências de moradia em outras cidades do país por um intervalo de tempo, seja para estudar ou para trabalhar.

A maioria mora com a família, seja pais e irmãos ou com marido e filhos, e apenas três moram sozinhas ou com amigas(os). A distribuição geográfica dessas moradias é diversa, com residências em vários bairros da cidade, seja no próprio Centro; em bairros próximos, como Alto Branco; ou

mais distantes, como Malvinas e Jardim Verdejante, entre outros (*cf. infra*, Imagem 71).

Todas elas moram na cidade, conhecem e visitam o Centro com frequência. No entanto, ao longo das entrevistas, foi possível identificar que há uma certa sobreposição entre dois entendimentos diferentes no que concerne ao “Centro” ou ao “centro”, enquanto referências de espaço e lugar, respectivamente. De fato, em alguns momentos, as mulheres entrevistadas se referem ao “Centro” – que nós tenderíamos a transcrever com “C” maiúsculo, enquanto bairro. No entanto, na maioria das vezes, é para fazer referência a um recorte desta região, que elas usam a palavra “centro” – transcrita com “c” minúsculo, uma vez que aludem a um conjunto de ruas dentro do bairro, caracterizadas por possuírem uma maior concentração de comércios e de serviços, ou seja, a um lugar bastante utilizado por elas, seja para atividades de compras ou para o trabalho. Nenhuma das duas categorias apresenta limites geográficos bem definidos: o Centro, por vezes, abrange lugares e ruas de bairros vizinhos, como Prata e São José; e o centro, também conhecido como “botinha”, por conta do desenho que se forma no mapa (destaque em amarelo na imagem 71), possui uma demarcação muito mais pertencente ao imaginário coletivo do que a uma definição geográfica, abarcando ruas adjacentes a esse recorte.

5.2 Como as mulheres experienciam os Centros

Mesmo vivendo em diferentes partes da cidade, todas as entrevistadas recorrem ao Centro para realizar diferentes atividades, como trabalhar, fazer compras, visitar familiares, apenas de passagem ou se manter na região onde moram. A localização do bairro, em relação aos outros da cidade, e seu forte uso comercial e de serviço são os principais motores para que elas sempre usem seus espaços, principalmente nos dias de semana. Em outros termos, a centralidade do bairro e sua capacidade de conexão aos outros da cidade, assim como a diversidade de atividades que oferece tornam-no atrativo e fortemente mobilizado pelas mulheres entrevistadas (AQUINO *et. al.*, 2016).

164

Uso pra trabalhar, compras... de resumo, pra mim, tudo se resume ao Centro. Na verdade, a principal... moro no Centro, trabalho no Centro e vivo... assim, as compras, tudo é em relação ao Centro. (MR, 62 anos)¹⁴

(...) eu sempre vou ao Centro... é uma coisa que eu sempre vou. Quando eu cheguei em CG era um programa certo todo sábado de manhã eu ir pro Centro. Era muito batata. Porque quando eu cheguei aqui as pessoas sempre indicavam o centro pra resolver a vida. Então ia muito pra comprar coisas, resolver coisas ou só pra passear mesmo...

¹⁴ Os trechos trazidos das entrevistas estão transcritos com total fidelidade à fala das mulheres entrevistadas; optou-se, aqui, por não corrigir eventuais vícios de linguagem, expressões orais ou erros de português. Além disso, algumas ruas e espaços têm seus nomes abreviados ou falados de maneira não formal, como Cardoso, para se referir a Rua Cardoso Vieira, por exemplo.

era o lugar que eu mais me sentia pertencente à cidade. Eu ia e ainda vou muito frequente. (MG, 34 anos)

la muito... gostava de ir no horário do almoço, que eu tinha mais tempo. Mas eu usava muito o Centro pra fazer pesquisa de preço, pelo meu comércio... e também só pra sentar ali às vezes na Praça da Bandeira e ver ali o pessoal passar e tudo (...). (MC, 61 anos)

Eu sempre passo por aí, ele está sempre ali no caminho. Primeiro porque é próximo do ambiente de trabalho (...), depois porque bem no centro é onde minha filha estuda, então eu passo por ai todos os dias (...). É uma relação de cotidiano mesmo. Os únicos dias que eu não passo no Centro de Campina é sábado e domingo (...). (AN, 32 anos)

Em relação a minha pessoa de ir ao centro... eu sempre fui ao Centro, eu amo o Centro. Eu gosto muito de espaços que você possa caminhar, com coisas diferentes. Eu gosto de shopping, mas eu não sou muito fã, eu gosto mais do Centro (...). (VB, 61 anos)

Quando questionadas sobre os motivos de utilização do bairro (se eram por necessidades próprias, de trabalho ou da casa/família), muitas das entrevistadas alegaram interesses próprios, mas, principalmente as mais velhas e casadas indicaram que fazem uso desses espaços para atender às demandas do funcionamento da casa ou de questões familiares (reposição de utensílios, comprar roupas e materiais de limpeza, pegar e deixar filhos, etc.). Já as mais jovens indicaram necessidade individual e de trabalho. Essa diferenciação sugere que fatores como idade, estado civil e maternidade exerçam influência nos motivos de utilização, como consequência das responsabilidades socialmente atribuídas às mulheres e ligadas à logística doméstica (DA

MATTA, 1997; SAFFIOTI, 2013; FEDERTI, 2017; HAYDEN, 1998 apud MUXÍ, 2011).

Nessas idas ao Centro, a maioria das mulheres relata que acumulam funções. Elas tanto saem de casa com várias tarefas a cumprir, como também circulam por essas ruas pensando sobre outras atividades e demandas que podem suprir ao longo do deslocamento: se está faltando algo em casa, se precisam de algo pessoal ou algo referente ao trabalho. Essa estratégia interfere na forma como se deslocam no espaço, pois muitas vezes acabam circulando em muito mais ruas e em um ritmo menos acelerado que permita observar as vitrines e interiores dos estabelecimentos à procura do que é ofertado. Além disso, essa costura urbana e a necessidade de “dar conta” do que é ofertado contribuem para alimentar a memória, mapeando e guardando informações de diferentes serviços e ofertas pelo espaço.

166

Às vezes eu quero ir comprar umas coisas, aí... “não... vou não, porque amanhã eu vou na Prefeitura resolver uma coisa ou no cartório”, aí já resolve muita coisa. Às vezes eu vou ao centro também comprar coisa pra casa... tipo assim, prato, talher... essas coisas de cozinha que às vezes falta em casa. Eu prefiro ir ao centro do que ir pra supermercado. Eu não gosto muito dessas lojas grandes. Eu gosto dessas coisas menores, assim. (VB, 61 anos)

(...) porque a vantagem de você morar no centro é a facilidade, tudo que você precisa está a alguns metros de distância (...). Então o centro sempre me deixou muito confortável nesse sentido de segurança... e tipo é um lugar

que se você for fazer uma coisa você pode encontrar outra no caminho... lembrar "eu preciso fazer isso também"... então você facilmente já encontra o que você precisa. (EL, 29 anos)

Algumas delas preferem ir sozinhas, principalmente quando vão a trabalho, e, em alguns casos, a visita ao Centro é internalizada como um momento de lazer e divertimento, mesmo que com um objetivo específico e cercada de estratégias protetivas. Há também alguns relatos de temor de usarem as ruas centrais sozinhas, e a preferência por irem acompanhadas, que é quase sempre com alguma outra mulher, como alguma amiga, a mãe ou irmã. No caso das mulheres entrevistadas, quando os maridos as acompanham ao Centro, normalmente é para lhes dar carona ou para compartilhar o percurso, indo para outro destino ou para cumprir demandas diferentes. Ou seja, a escolha ou não por companhia não segue um padrão óbvio, e depende muito da mulher, de para onde vai, do que vai fazer e se ela sente segura no caminho.

Eu gosto de ir só, as vezes quando eu vou (acompanhada) é no máximo com alguma amiga ou minha mãe... ou então a mãe do namorado. Era assim, eu gosto de ir só. Ou com minha mãe que adora bater perna. (MG, 34 anos)

Sozinha. É uma atividade que eu gosto de fazer sozinha... é o meu momento. (...) Me sinto meio desconfortável com a atmosfera daquele medo eminente de um assalto... tipo isso. Mas que isso me acabou levando a sair sempre sem celular, aí ando mais tranquila. (RB, 24 anos)

Costumo mais ir só. Eu costumava ir muito... sempre assim, eu minha mãe e minha irmã, a gente todo sábado ia pro

centro. Eu sempre trabalhei muito e minha irmã também, então todo sábado era o dia que a gente saía com minha mãe, e minha mãe gostava muito de ir ao centro, ela amava. (...) Eu me sinto segura. Eu não ligo muito pra isso não. Eu também vou bem à vontade, não levo celular, vou de tênis, procuro usar uma roupa muito simples pra ficar igual às pessoas e não chamar atenção. (VB, 61 anos)

A trabalho, só... mas quando eu vou resolver alguma coisa sempre eu vou com minha irmã. Eu nunca vou só não, sempre eu vou com ela (...). (JC, 61 anos)

Agora minha movimentação mesmo nesses espaços, majoritariamente está atrelada a estar em companhia. Porque circular nesses espaços só, eu muitas vezes não me garanto... eu tenho medo. (LB, 26 anos)

Deslocamentos das mulheres: realidade e alternativas possíveis

A investigação sobre os meios de transporte que essas mulheres utilizam para ir ao Centro mostrou que é comum o uso de mais de um tipo de modal, escolhidos a depender da atividade que vão realizar, disponibilidade ou horário do dia. Em todos os casos, seja com o uso da bicicleta, carro, ônibus, veículo próprio ou de serviço privado (*Uber, 99Táxi etc.*), é comum que estacionem ou cheguem por vias próximas ao(s) destino(s) e circulem a maior parte do tempo a pé entre as ruas.

Busão ou a bicicleta... mas quase não uso com a bicicleta, por que eu acho meio ruim de estacionar... deixar assim em algum lugar (...). Depende também do que eu vou fazer no centro... pra fazer feira eu não ia com a bike, e aí, e pra comprar alguma coisa... mesmo que fosse no busão batendo... eu achava mais fácil. (MG, 34 anos)

De carro... mas aí eu caminho, porque eu não costumo colocar em estacionamentos privados... e também pra

caminhar um pouco. Então eu deixo o carro distante, geralmente ali por trás da Treze de Maio, e caminho pelo centro. É impossível (estacionar). (PT, 48 anos)

Como nunca tinha estacionamento eu gostava de deixar o carro distante... mas geralmente eu ia também de ônibus... eu gosto de andar de ônibus pra me inteirar. Não gosto de moto-táxi... mas de ônibus eu gosto. Eu geralmente ia de ônibus porque é mais fácil de me locomover e tudo, e não tinha problema de estacionamento... porque estacionamento em Campina é triste, e os que tem são pagos (...) então, quando eu vou, eu vou de ônibus. E muito a pé... estacionava distante e ia a pé. (MC, 61 anos)

Sempre a pé... raramente de carro. Só quando vou ao supermercado que (nome da filha) está aqui, ou quando vou em direção aos bairros... aí é que eu vou de carro. (MR, 62 anos)¹⁵

Geralmente a gente vai de carro... eu não dirijo, diga-se de passagem... mas a gente vai de carro. Geralmente (nome do marido) vai comigo... ou eu vou de Uber. (JM, 40 anos)

Geralmente ou carro ou moto. Sempre meu esposo que me deixa, eu não dirijo ((risos)). Aí sempre ele me deixa lá, sabe? Aí de lá que eu faço rota a pé ou vou pra algum outro canto. (JC, 61 anos)

Nos depoimentos sobre o tipo de deslocamento chamou atenção o número significativo de mulheres que, apesar de maduras e da presença de veículo particular na família, não sabem dirigir. Três das 14 mulheres entrevistadas têm acesso a carro ou moto na casa em que vivem, mas dependem da disponibilidade dos maridos, filhos ou pais para se locomover. Essa dependência aponta para uma privação de liberdade

¹⁵ A entrevistada MR também não sabe dirigir e depende da filha ou filho para fazer algo mais específico ou fora do bairro.

feminina, além contribuir e facilitar o controle sobre suas rotinas, destinos e decisões.

Por outro lado, percebeu-se que a chegada de modelos de deslocamento por aplicativo, como *Uber*, apesar serem alvo de muitas críticas sociais e urbanas¹⁶, ocasionou uma mudança positiva na forma segundo a qual essas mulheres vivenciam os espaços. A utilização de um aplicativo de celular para solicitar transporte a qualquer horário do dia e com possibilidade de compartilhar informações da corrida (motorista, destino e trajeto), em tempo real com amigos/familiares, possibilitou novas experiências e uma maior liberdade feminina, à medida que permitem diminuir tanto a dependência com algum familiar para deslocamentos, como também a preocupação com segurança própria ao se deslocar.

170

Lá no centro depois do trabalho é gostoso porque não tem uma multidão de gente, mas aí, quando você vai vendo, vai ficando tão esquisito que eu não raciocino mais nem direito... vou rápido, nas pressas. E aí com o Uber, em um cenário sozinha, eu fico mais tranquila, por que eu vou pegar um Uber, entendeu? Uma amiga morava no centro... ela ficava preocupada também comigo. Aí eu dizia, "amiga eu vou de Uber", aí ela: "é mesmo". Se eu

¹⁶ Precarização do trabalho, atuação nas margens da ilegalidade e não recolhimento de impostos público que muitas vezes seriam revertidos em obras de melhoramento urbano são algumas das críticas que plataformas como a *Uber* estão sujeitas. Para ler e entender mais sobre algumas dessas críticas acesse o artigo "Melhor que acessar", escrito por Roberto Andrés e publicado na revista *Piseagrama*, disponível em: www.piseagrama.org/melhor-que-acessar/

tivesse de bicicleta eu também iria de noite, mas não tão tarde. Com o Uber eu me sinto mais tranquila... posso ficar. (MG, 34 anos)

Não uso mais transporte público, não me sinto segura. Eu sempre compartilho a corrida com meu esposo. Mas o Uber dá uma sensação de liberdade... de você se sentir livre pelo fato de você poder ir a algum lugar ou resolver alguma coisa, mas você também tem a segurança de compartilhar a sua corrida com alguém que você se sinta seguro, com alguém que em qualquer situação vai saber onde você tá. (AN, 32 anos)

Mesmo com a possibilidade de usar aplicativos de transporte privados, muitas dessas mulheres não se sentem confiantes para usar alguns espaços do Centro, principalmente à noite. Com as lojas fechadas após o término do horário comercial e nos fins de semana, as possibilidades de uso desse Centro ficam limitadas e se restringem a atividades como o lazer em praças, bares ou restaurantes; a passagem para outras áreas da cidade; à trabalho; ou acesso a serviços hospitalares, por exemplo. Essa característica diminui muito a movimentação de pessoas nas ruas e acaba fazendo com que a maioria das mulheres entrevistadas sintam medo de circular e não utilizem esses espaços de forma ativa.

Em um artigo publicado pela revista *Piseagrama*, Andrés (2018) chama atenção para os dados levantados em uma pesquisa americana, segundo os quais se serviços de transporte, como a *Uber*, não existissem, pelo menos metade das viagens feitas por aplicativo poderiam ter sido realizadas por outro modal ativo ou público, como a pé, bicicleta ou

ônibus. Ou seja, enquanto ganham conotação de aprimoramento ou de libertação, também se configuram como uma ferramenta de negação do espaço público, à medida que afastam mais pessoas das ruas e dos transportes públicos e, conseqüentemente, diminuem o investimento nesse tipo de infraestrutura coletiva. No caso das mulheres, elas acabam se sentindo individualmente protegidas, mas os problemas que elas enfrentam diariamente na rua ou no transporte público continuam sendo negligenciados, e o que parece um problema individual acaba impactando em nível coletivo.

Inseguranças femininas e táticas de mobilização dos espaços

Mesmo com pouca movimentação e os relatos de muita insegurança em horários mais avançados, há algumas mulheres mais jovens que se propõem a utilizar o Centro ou imediações nesses horários de menor movimento. Seja para encontrarem com amigos em bares e restaurantes, como também para pontuais eventos culturais em praças públicas, como os citados Festivais de Coco e de Inverno, que acontecem na Praça da Bandeira, por exemplo. Quanto mais avançada a idade das mulheres entrevistadas, menos apareceram depoimentos de utilização noturna desses espaços, e são muito comuns falas que apresentam temor e que indicam a impossibilidade de utilização dessas áreas nos períodos noturnos e de comércio fechado, mesmo sem nunca

terem experimentado usufruir de tais espaços nesses horários.

A hora é sempre um fator importante pra você avaliar... depois de dezessete (horas) nunca é interessante (...). (JM, 40 anos)

Quando vai anoitecendo aí eu fico com mais medo ainda... as ruas vão esvaziando, o fluxo de pessoas é menor, e aí a gente tende a ficar com medo mesmo. (PL, 22 anos)

Mas o Centro... principalmente à noite, eu já vou pra um canto certo... aí geralmente é um grupo. Só se estiver em grupo e mesmo assim tenho medo... a depender nem vai. (LB, 26 anos)

(...) De noite eu não vou. Porque de noite não tem praticamente... não fica nada aberto aqui, e não tem um canto de ir, tipo uma lanchonete, uma pizzaria. Só fica aberto de manhã essas daí, então de noite fica um canto muito mais esquisito. Aí eu não gosto não... à noite eu nunca vou. Acho que eu nunca andei a pé no centro de noite. (JC, 61 anos)

Sim, por exemplo, não tem homem no mundo que me faça ir no centro à noite. Vou nada... não vou mesmo. Às vezes, quando meu marido era ainda meu noivo, ele estudava ali na região do centro e ele dizia: "vamos lanchar ali no centro, tem uns cachorro-quente"... vou nada. Eu NÃO me sinto segura. (...) O Centro de Campina parece que é assim... tem uma função de dia, comércio, e à noite ele ganha uma outra função (...). Então é como se a cidade só existisse pela manhã. Depois do horário comercial, a noite cai, a rua fica escura... ela fica como se fosse uma cidade abandonada... fico com essa sensação. E às vezes, andando de carro... Às vezes a gente anda de carro de noite pra ver aquela rua Maciel Pinheiro, aquela rua é charmosíssima à noite... é uns postes antigos, é lindo... mas é uma escuridão. O Centro da cidade é mal iluminado desse jeito. Às vezes eu vou de carro só pra dar uma volta. (AN, 32 anos)

E eu não conto as vezes que eu me deparei com um pavor, assim de "entrei numa roubada, eu não devia estar aqui a

essa hora”. Os horários influenciam sim. (Acontece) mais a pé, mas acontece de carro também... principalmente à noite, tem trechos que eu evito. (PT, 48 anos)

(...) quando eu me mudei pra lá todo mundo falava “ah o centro é ótimo durante o dia, de noite não saia”. Mas aí com o tempo e a necessidade eu comecei a sair um pouco mais tarde... e lá na esquina tem um espetinho que funciona à noite... então isso já me dava segurança. Está sempre relacionado à ocupação de pessoas, né? Quando tem alguma aglomeraçãozinha eu me sinto mais segura (...) (EL, 29 anos)

O histórico de vida das mulheres também aparece como quesito que interfere na utilização da cidade. As experiências de vida são acumuladas e casos de violência verbal ou física, relacionados ao assédio, ficam registrados no subconsciente e acabam sendo associados a algumas características urbanas. Em muitos casos, as mulheres também se responsabilizam por evitar tais violências e acabam mudando seus comportamentos e aparência física, como a forma de se vestir ou até corte de cabelo. Apesar dessa investigação não abordar diretamente sobre casos de assédio que sofreram, algumas entrevistadas, para ilustrar suas perspectivas, trouxeram em suas respostas casos de experiências negativas, principalmente na infância ou adolescência, que marcaram sua utilização na cidade e que as afastam de alguns espaços.

Relatos que expuseram alguma violência urbana sofrida durante a vida foram mais comuns nos depoimentos de entrevistadas negras e pardas, o que indica que, apesar de

casos de assédio serem intrínsecos à existência de ser mulher e de muitas das características evitadas por elas nos espaços coincidirem, as experiências, intensidade do medo e insegurança na cidade também mudam de acordo com as características dessas mulheres. Como vimos nos primeiros capítulos, a associação do machismo e racismo potencializa a sexualização dos corpos negros e as coloca em uma posição de vulnerabilidade maior do que as mulheres brancas (AKOTIRENE, 2019; FEDERICI, 2017).

(...) eu tenho lembranças terríveis da feira. Eu acompanhava a minha mãe e ela já não gostava de frequentar (...). E era muito ruim, porque era uma espécie de batalha, ela ficava me protegendo e sempre tendo que agir quando tinha algum fulano que dizia alguma coisa... e ela "seu... você não tem o que fazer? Não tá vendo que é uma menina? Sai, seu nojento!". Eu vi muito e vivi também, então é uma experiência ruim. (PT, 48 anos)

(...) porque querendo ou não, sendo mulher, a gente tem um certo receio de assédio e abuso... e eu sou uma pessoa muito desconfiada nesse sentido... apesar de nunca ter sofrido nada muito diretamente, além de olhares e comentários mais comuns. Quando eu morava na (rua) Quebra Quilos tinha mais isso (...) as pessoas que frequentavam eram mais homens (...) e foi logo quando eu cheguei aqui em Campina... me assustou um pouco... que se você passasse na rua todos os homens olhavam e faziam algum comentário sem pudor nenhum (...). (EL, 29 anos)

Onde eu trabalho nossa farda parece farda de professor de educação física, sabe? E eu sempre usei o cabelo curtinho. E aí como eu não tenho aquele padrão... não vai soltar uma graça. (...) Eu não chamo atenção, então por isso acaba sendo indiferente essa questão de andar em lugar com muitos homens ou mulheres (...). Quando eu tinha o cabelão grande eu me sentia muito olhada... aí quando eu cortei o cabelo é como se as pessoas... "ah não,

ela é diferente”... aí você se sente mais seguro... tem essas estratégias de a gente acabar mudando. Aí claro, hoje eu gosto do meu cabelo curto (...). (AN, 32 anos)

(...) então tinha trechos que eu não ia... porque na quarta-feira que era dia de feira.... que era fim de feira... estava muito sujo (...) e (tinham) figuras estranhas... eu digo masculinas mesmo, aqueles homens que passavam o dia inteiro, desde a madrugada trabalhando... e tinha muita piada, muita coisa nesse dia... assédio mesmo, né? Então eram partes que eu evitava... e ainda hoje... talvez não aconteça porque eu não ando muito mesmo ali... mas que hoje eu não me sentiria a vontade de passar. Automaticamente fica essa memória. E ali, particularmente, é um lugar que eu nem cogito passar. (JM, 40 anos)¹⁷

Imagem 72: Organização das barracas nas ruas da Feira Central



Fonte: AQUINO (2021)

Imagem 73: Entrada da Feira Central pela Rua Afonso Campos



Fonte: Google Earth (2019)

¹⁷ Dos quatro relatos acima, três são de mulheres que se autodeclararam negras (JM) e pardas (PT e NA).

Pela fala das entrevistadas, percebe-se que o medo e o desconforto ao percorrerem lugares e ruas, apesar de serem potencializados em alguns casos, são inerentes a todas as mulheres, independente de faixa etária ou raça. A escolha de caminhos segue vários critérios e muitas delas já saem de casa com algumas opções de onde passar e onde não passar em mente. Há relatos de mulheres que procuram sempre usar as mesmas ruas como uma estratégia de criar cada vez mais intimidade com o lugar, conhecer e ser reconhecida. Já outras, muitas vezes por ensinamentos paternos e dos companheiros, se sentem mais protegidas quando alternam os caminhos com o objetivo de não ter sua rotina gravada por outras pessoas e com isso evitarem algum ato violento.

(...) eu gosto muito de mudar de caminho, sabe? Vou um dia por um caminho, vou um dia por outra rua, e sempre essa coisa como se fosse quase um jogo de experimentar as ruas (...). (MR, 62 anos)

Normalmente eu sempre faço os mesmos percursos, só que eu sempre alterno... um dia eu vou por uma região, outro dia por outra... mas é sempre o mesmo caminho (...). Mas essa questão da alternância é só por questão de segurança. (...) Meu pai disse "ó, não faça mais o mesmo caminho todos os dias, altere seu caminho, não deixe que alguém perceba que você faz o mesmo caminho e passa sempre no mesmo horário". E como eu sou professora eu tenho sempre os mesmos horários, aí o que eu faço? Quando vou pegar (nome da filha), às vezes eu vou por dentro, ao invés de ir pela rua João Pessoa eu vou pela rua de trás, e faço o outro caminho ou nunca saio no mesmo horário. Às vezes eu dou aula e dou uma atrasadinha pra sair dez minutos depois ou dez minutos antes. Então assim, é nessa de me sentir mais segura e nunca fazer o mesmo caminho, porque, naquela educação de mãe e de pai, eles

sempre diziam “evite fazer o mesmo caminho no mesmo horário, pra que as pessoas não saibam teu horário”... isso, eu sempre ouvi. (AN, 32 anos)

Geralmente... eu sou aconselhada assim, a andar nem sempre pelo mesmo caminho. Isso já foi uma coisa que eu aprendi no meu curso (...), numa disciplina falava assim “que você deve evitar andar sempre pelo mesmo caminho, que você fica muito visada”... se anda muito por uma rua que são as mesmas pessoas que estão naquela rua, que moram e trabalham, olham que você passa aqui todo dia. Então assim... o motivo mais é sempre por questão de segurança... de andar assim sempre por ruas diferentes. E o outro motivo, por conhecer mesmo... ficar vendo assim... e eu aprendi muita coisa com (nome do filho)... você grava os lugares das lojas, um exercício de memória. (MC, 61 anos)

Mesmo com interferência de históricos e características mais subjetivas, pertencentes a cada mulher, todas as entrevistadas associaram a insegurança e desconforto ressentidos à ausência de pessoas utilizando o espaço e à pouca diversidade de usos na rua – uma associação já bastante conhecida e reforçada por estudiosos da cidade, que avaliam o impacto de suas configurações e diversidade de atividades urbanas no movimento de pessoas e estímulo à copresença nos espaços públicos (JACOBS, 2011; GEHL, 2013). Neste sentido, para elas, o fato de haver pessoas passando, paradas ou realizando alguma atividade no espaço da cidade contribui para a participação do que Jane Jacobs (2010) chama de “os olhos da rua”, ajudando-as a se sentirem menos sozinhas e mais protegidas. Para elas, é como se cada pessoa ou grupo de pessoas circulando nos espaços públicos

do bairro funcionasse como “vigias”, capazes de interferir, em caso de violência ou diante de alguma necessidade. Na fala das entrevistadas, percebe-se que quanto maior a diversidade de atividades e de pessoas nos espaços que frequentam, menor a chance de episódios de violência, maior a probabilidade de ação diante de qualquer eventual violência e, portanto, maior a segurança ressentida.

Por outro lado, em algumas falas, elas denunciam que, quando a presença de pessoas usando os espaços assume a forma de “aglomeração”, a sensação de segurança e proteção não é a mesma. Essa ponderação no que concerne à quantidade de pessoas e sensação de segurança parece estar ligada à necessidade das mulheres de, nessas condições, se manterem mais atentas, assim como à mecanização da vida e certa “impessoalidade” na rua. Segundo as entrevistadas, quando o espaço apresenta mais usuários, a passagem de cada um tende a ser mais automática, a percepção do outro tendendo igualmente a diminuir, acarretando em relações que vão se estabelecendo com menor intensidade entre os copresentes ou entre as pessoas e o lugar. Isso acaba contribuindo para a sensação de insegurança e colocando essas situações ou lugares na lista de espaços evitados por elas, como acontece com algumas ruas da Feira e com o Calçadão.

Quando questionadas sobre os lugares “que evitam passar”, além de ambientes lotados, foram listados também lugares com determinadas características, tais como: a presença de lotes sem uso ou com fachadas cegas; construções com pouca ou nenhuma abertura de conexão com a rua; ruas largas e com grande fluxo de automóveis; pela presença de pessoas entendidas como “perigosas”; e presença massiva de homens no espaço. Esses critérios são também os mais utilizados quando precisam usar ruas que não usam normalmente, e na necessidade de recalcularem a rota.

Eu acho que a segurança vem muito pela quantidade de pessoas, acho que quanto mais gente têm, mais segura eu me sinto. Porque eu acho que de certa forma... por exemplo, em relação a assalto ou algum assédio... você fica mais protegida tendo outras pessoas observando, mesmo que não estejam prestando atenção diretamente a você... se acontecer alguma movimentação fica mais fácil... ou então até impede a pessoa que vai lhe assediar ou te assaltar de alguma forma de fazer isso. Então o vazio, as ruas mais vazias... ou então essas avenidas muito grandes... que é necessário por conta do fluxo do trânsito... mas que realmente não tem muito espaço para pedestre... é mais carro... eu acho que isso faz com eu me sinta mais insegura. E também ruas que têm mais residenciais ou com muito prédio que em baixo é só portaria... que você não tem muito isso das pessoas na rua saindo de casa... essas ruas que são mais residenciais, muito muro, pouca gente na rua... eu acho que me deixa um pouco mais insegura. (EL, 29 anos)

Quando a rua não tem gente, tem poucos pedestres... eu acho que principalmente isso. Quando tem pouca gente circulando na rua a pé eu fico meio... é... eu evito passar. Prefiro andar por ruas mais movimentadas (...) Eu acabo priorizando a segurança, eu me sinto segura do que a distância menor. (MS, 27 anos)

Pessoas (me fazem sentir segura). Mas depende das pessoas entende... se for muito homem, independente de como ele está vestido, ele pode estar de terno ou de chinela, eu olho... é homem? Eu já fico meio assim. Mas tipo se tiver crianças eu me sinto mais acolhida. E estudantes também, acredita? Se eu passar e tiver tipo assim muito estudante eu me sinto assim "ah posso passar tranquila aqui". (...) é uma escala... se não tiver ninguém eu não vou, se tiver uns homens eu...((expressão facial de que está pensando)). Tipo uma escala. (MG, 34 anos)

Várias vezes... várias vezes. Às vezes ali quando eu chego... muitas vezes eu vou pro trabalho aí digo "hoje eu vou por aqui"... subindo na (rua) Otacílio de Albuquerque... mas aí eu vejo alguém que intuitivamente digo "melhor não". Aí eu vou em frente... e aí eu mudo. (...) não importa não a distância... não. Nesse caso importa mais nesse sentido de estar protegida... pode ser que eu nem esteja, mas a impressão é essa. Não importa o percurso não. (MR, 62 anos)

Essas pessoas entendidas como "perigosas" são atribuídas por um conjunto de fatores que relacionam características físicas com maneiras de se vestir, de andar, modos de usar espaço ou quando são relacionadas à realização de determinados serviços. "Mofis", "noinhas" e "trombadinhas" são algumas nomenclaturas que aparecem nas falas para definir algumas dessas pessoas que causam medo e são entendidos como uma ameaça à integridade dessas mulheres, em sua maioria homens, negros e jovens. Essas características estão também ligadas a estereótipos sociais de renda e raça, e colocam no conjunto pessoas em situação de rua, usuários de drogas, trabalhadores do sinal, catadores de papel, guardadores de carro, etc. Ao citarem exemplos de quem são essas pessoas que causam medo nas ruas, muitas

das mulheres entrevistadas já denunciavam que tal sentimento vem de preconceitos enraizados socialmente, como o racismo.

(...) tardinha-noite já fica mais perigoso. Porque já entram aqueles catadores... os rapazes que vão catar os papelões no final da tarde. Dizem que a rua fica mais perigosa... dizem, né? Eu não sei. Eu evito ir à noite também. (VB, 61 anos)

(...) e aí quando for dez horas da noite, aí vão estar o que a gente chama usualmente de noinha... aquela galera que passa o dia diluído entre as pessoas mas que à noite vão aparecer mais e vão se tornar essas figuras perigosas... que você vai automaticamente evitar (...). (JM, 40 anos)

E ali no centro tem outra questão que é muita gente sem casa vivendo ali nos Bancos... que por mais que a gente saiba que isso não deveria necessariamente significar uma ameaça, a gente tem essa ideia de que pessoas que vivem na rua são mais perigosas, mais ameaçadoras (...). Tem essa coisa também que a gente vive numa cidade racista, né? Então querendo ou não a gente reproduz isso de certa forma... não tirando minha culpa... apesar de me declarar como uma pessoa negra de pele clara... (mas) a gente foi ensinado que pessoas negras são ameaçadoras... homens negros principalmente, né? Então tem muito isso... até hoje, meio inconscientemente... e aí você para e pensa um minuto e vê que aquilo não faz muito sentido.... mas a primeira reação quando você vê um rapaz, um jovem negro na rua... é mesmo de se assustar. Eu tenho me reeducado pra parar de repetir esse comportamento, mas às vezes acontece... não tem jeito. (EL, 29 anos).

O medo que a mulher foi induzida a ter na cidade e os obstáculos e desafios que ela enfrenta, diariamente, no intuito de poder vivenciá-la têm muitas camadas e suas origens extrapolam a dimensão da materialidade objetiva da cidade (VARGAS, 2007; MUXÍ e MONTANER, 2014). Jacques

(2014) chamou atenção para a constante tentativa hegemônica de estetização social e urbana, com a criação de espaços públicos domesticados e a tendência de negligenciar as experiências sociais e seus possíveis desdobramentos. Dessa forma, é preciso lançar o olhar sobre a capacidade que cidade e seus espaços públicos têm de criar e agenciar subjetividades (GONÇALVES E LEITÃO, 2015).

O Centro como opção: critérios de escolha ou evitamento por parte das entrevistadas

Apesar de todas possuírem restrições de circulação e não se sentirem totalmente livres, seguras e confortáveis ao usar a cidade, quando questionadas sobre como se sentem ao usar o bairro, a maioria diz que usa o Centro com frequência e que gosta de fazê-lo. Apenas uma relatou que não gosta e evita usar, listando algumas outras características que para ela também se configuram como empecilhos, tais como: aglomeração, sujeira e barulho.

Mas eu gostava muito de ir no Centro. (...) Eu sinto muita falta disso, e queria que tivessem mais lugares que a gente pudesse ir para sentar só na grama e ficasse vendo, conversando... que tivesse alguma atividade com o público. (MC, 61 anos)

Então assim, o que eu acho massa no Centro é porque no Centro você encontra lojas pra todo tipo de gente. Eu entro numa loja, eu encontro todo tipo de gente, eu encontro gente velha, gente rica, gente pobre, gente nova, gente velha, gente branca, gente preta... é diversidade que existe no Centro. Eu acho isso muito legal. E o que eu acho bom

no centro é que você pode caminhar bem tranquilo, com uma roupa bem simples, de tênis. (VB, 61 anos)

Assim... depende, né? Eu gosto de ir ao Centro e me sinto bem, porque eu conheço a maioria dos lugares... eu vou rápido, volto rápido. Mas tem alguns lugares que eu não gosto muito de andar. (PL, 22 anos)

Não gosto muito... acho atribulado, acho conturbado... e aí às vezes acho perigoso (...). (O Calçadão) é um espaço que é sujo, é fedido mesmo... inclusive esses dias estava bem mais sujo, porque chegaram as andorinhas e elas ocupam aquele espaço, então é bem sujo. E eu também não gosto de passar ali em frente à Praça da Bandeira, porque é um espaço que geralmente é muito fedido, tem um cheiro muito ruim... porque acho que à noite ali tem uma movimentação bastante intensa de foodtruck e a limpeza não é feita de maneira adequada e fica o cheiro muito ruim de esgoto, de resíduo, de xixi (...). Bem, a estética pra mim é bem importante... então se o lugar está organizado, arrumado... se está arborizado, se está limpo, se está iluminado... isso me faz sentir bem. E são raros os espaços aqui em Campina Grande... especialmente no Centro, que têm essa característica, né? (PT, 48 anos)

O principal critério que apareceu como essencial para que se sintam bem e seguras em uma rua foi a presença de outras pessoas passando ou utilizando esses espaços. A diversidade de usos nas edificações, como dito anteriormente, também foi um critério importante, tanto por incentivar a presença de pessoas, de “vigias urbanos”, como por se firmarem como uma possível rota de fuga no caso de alguma adversidade. A organização da fachada além de permitir a interação entre quem está dentro do estabelecimento e quem está passando na rua, possibilitando alguma interferência de proteção em caso de necessidade ou

ameaça, permite que essas mulheres possam entrar ou pedir ajuda (*cf. infra*, imagem 74 a 77).

Imagem 74: Fachadas “cegas” e ausência de pessoas circulando na Rua José Bonifácio, conhecida como “Rua das Castanholas”.



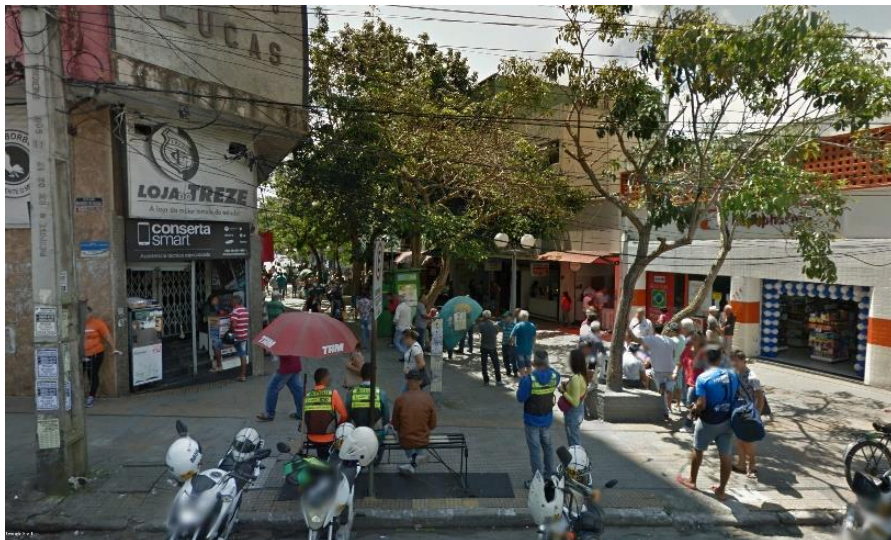
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 75: Fachadas “cegas” e ausência de pessoas circulando na Rua Cel. Salvino Figueiredo.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 76: Calçadão com bastante movimento de pessoas – vista da entrada na Rua Marquês do Herval.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 77: Calçadão com bastante movimento de pessoas – vista do interior.



Fonte: Google Earth (2019)

A boa iluminação, infraestrutura de calçadas e presença de policiamento também apareceram, principalmente pelas pessoas mais velhas. Este último nos faz refletir sobre ideia de segurança estar associada à de ordem, e por muitas vezes desconsiderar outros fatores mais subjetivos ao relacionar segurança apenas com a presença de policiais no ambiente. A necessidade da existência de policiais ou seguranças fazendo a ronda também está atrelado a existência desses “seres perigosos” em alguns espaços (*cf. infra*, Imagem 78).

((Risos)) Confortável eu acho que é um pouco demais de se dizer quando eu vou lá ((risos)). Mas tipo, os ambientes que têm mais gente eu me sinto um pouco mais segura em relação a outros espaços que não circula pessoas. Eu não sei o nome da rua... mas é por detrás dos Correios. Eu sempre fico apavorada naquele ambiente, porque eu sempre fico com medo de acontecer alguma coisa. (...) Eu acho que pelo número de pessoas... aquelas ruas por detrás dos Correios eu fico me sentindo estranha, não consigo de forma alguma... em nenhum percurso que eu faço no Centro... eu evito o máximo ir lá. (...) Porque essas ruas não têm tanto ponto de comércio, algumas casas são abandonadas... acho que tudo isso influencia um pouco. Enquanto que nas outras ruas do Centro tem mais comércio, mais pessoas circulando, tem museu, essas coisas... essas coisas que fazem com que a pessoa rode muito por lá. (RF, 23 anos)

É, quando tem mais gente, é... quando não tem só homem, quando tem mais mulher, eu acho que eu fico mais tranquila. Até assim na Feira, por exemplo, na Feira Central, é... quando tem só homem eu fico assim meio desconfortável, mesmo que tenha muita gente, se tiver mais homem do que mulher. (...) eu me sinto mais segura quando tem alguma atividade comercial e não é só residencial. (MS, 27 anos)

Pra mim sempre foi muito tranquilo transitar pelo centro. As áreas que eu me sentia um pouco mais insegura realmente era quando estava mais vazio... (por exemplo) chegando ali mais pro Parque do Povo, pela Integração... quando eu precisava fazer alguma coisa ali por perto eu ficava mais atenta... mas em relação ao centro comercial sempre foi muito tranquilo pra fazer tudo... a Feira também. (...) mas se tiver muito vazio eu prefiro procurar uma rua mais movimentada... eu sempre procuro onde tem mais gente pra passar... em ruas muito vazias, eu me sinto mais insegura. Acho que mais do que ver pessoas suspeitas entre aspas, nessa leitura social que a gente faz, né? A rua vazia me deixa mais insegura. (EL, 29 anos)

Eu... eu me sinto segura, tem bastante policial também hoje em dia. Que anda... sempre você vê... um grupinho, um triozinho de três em vários pontos principais do Centro. Eu me sinto segura, eu não vejo tanto caso de assalto no Centro, não vejo muito. E eu gosto assim, é bem organizado ele (o Centro). (JC, 61 anos)

(...) Mas seria iluminar e ter uma vigilância... câmeras, e que eles percebessem que tem uma vigilância, como uma guarda municipal, policiamento, até mesmo os vigias das ruas. Que você passa e sente que tem alguém olhando. (MC, 61 anos)

No Centro de Campina o único lugar que eu vejo que tem uma segurança, um polícia, é ali perto daquele cartório vizinho aos Correios, sempre tem um policial ali. Bem em frente ao cartório tem uma praçazinha... em frente à Praça da Bandeira... ali tem sempre policial. É o único lugar que eu vejo policial ali no centro, fora ali eu não vejo. (AN, 32 anos)

Imagem 78: Posto policial no canteiro da Rua Marquês do Herval, ao lado da Praça da Bandeira.

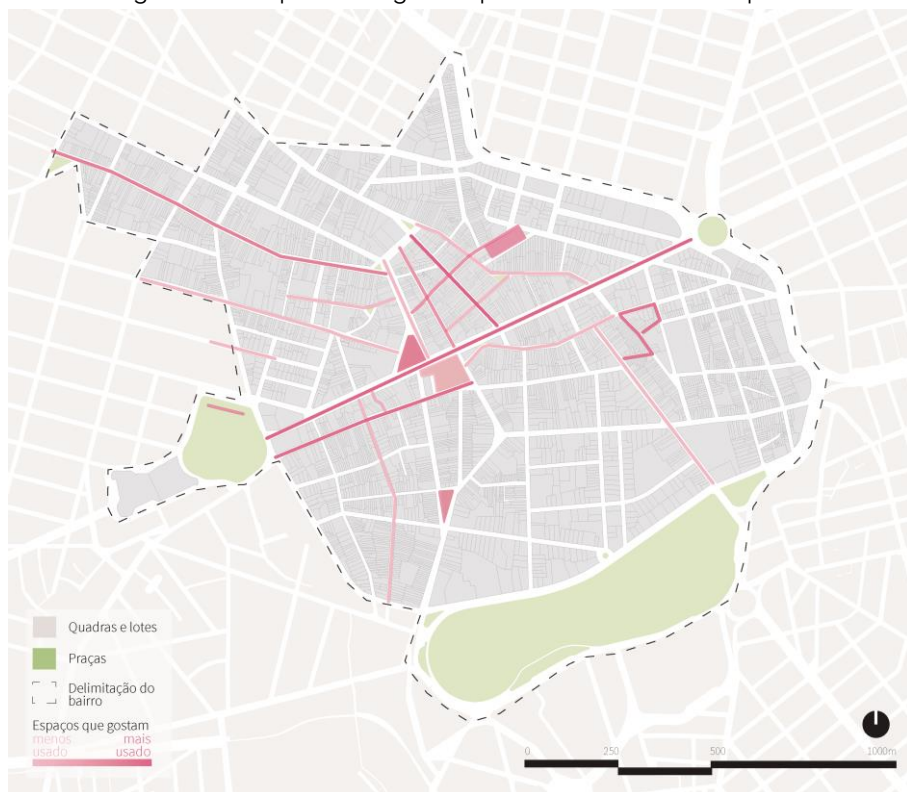


Fonte: Google Earth (2015)

Alguns espaços foram utilizados como exemplo dessas características boas e ruins para circulação e classificados em lugares pelos quais elas “gostam” ou “não gostam de passar”, como pode ser observado nos mapas a seguir (*cf. infra*, imagem 79 e 80). A tonalidade de cor fica mais escura a cada vez que as respostas se sobrepõem, de maneira tal que, quanto mais clara a cor, menos citado foi o trecho de rua ou área. A rua Maciel Pinheiro, Treze de Maio, Floriano Peixoto, João Pessoa e a praça Coronel Antônio Vieira, marcados em rosa mais escuro, apareceram como os lures para onde elas mais vão no Centro. Já o Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), Praça Clementino Procópio, Avenida Canal e Parque do Povo, marcados em laranja, formam a lista dos lugares que elas mais evitam. Além disso, muitas delas

apontam lugares para onde até gostam de ir, mas não necessariamente se sentem confortáveis, ou espaços dos quais usam apenas uma parte ou em circunstâncias específicas, com marcações que coincidem nos dois mapas, como é o caso do Calçadão da rua Cardoso Vieira e da Feira Central.

Imagem 79: Mapa dos lugares que vão com mais frequência



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Imagem 80: Mapa dos lugares que evitam de ir



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Imagem 81: Parque do Povo - Rua Sebastião Donato



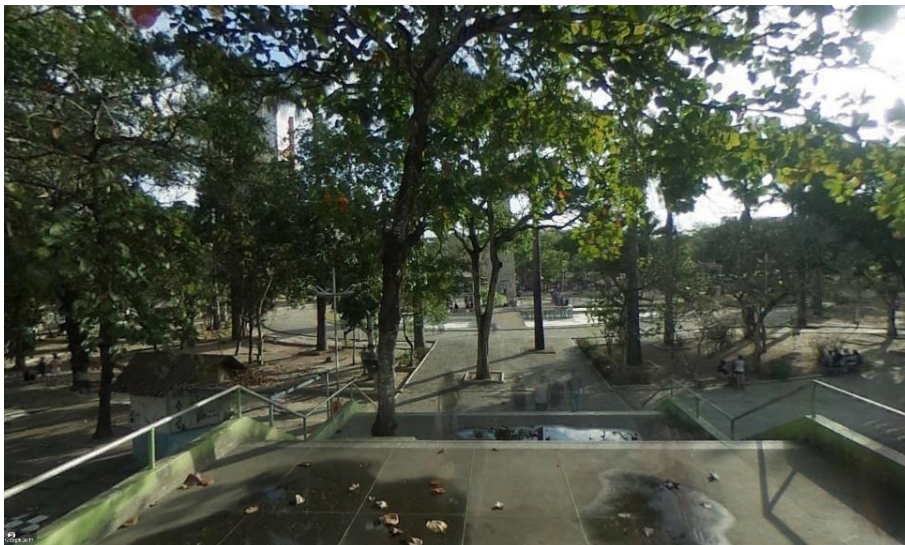
Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 82: Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), trecho da Rua Sebastião Donato.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 83: Interior do Parque Evaldo Cruz (Açude Novo)



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 84: Rua Pedro Álvares Cabral, esquina do prédio principal da Feira Central



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 85: Avenida Canal (Janúncio Ferreira) com vista para o Viaduto Elpídio de Almeida.



Fonte: Google Earth (2019)

Mesmo conhecendo bem as ruas que usam nos seus caminhos, a presença de alguns critérios de insegurança, por vezes, gera a necessidade de interromper o percurso ou de recalcular a rota. Para repensar seus caminhos, elas se baseiam tanto nos critérios que, segundo apontam, trazem segurança como nas suas experiências acumuladas, e nem sempre o caminho escolhido é o mais curto até o destino final.

Dentre as circunstâncias específicas positivas para o uso, uma que apareceu nas respostas e merece atenção refere-se aos eventos públicos culturais. Algumas mulheres relatam que só usam ou se sentem bem em usar espaços como a Praça da Bandeira e Parque do Povo quando está acontecendo algum evento, festival de música ou feira, como é o caso dos Festivais de Inverno e de Coco, e o Maior São João do Mundo, respectivamente. É interessante perceber como a possibilidade de utilizar alguns ambientes a partir de uma experiência coletiva, seja organizada pela sociedade civil ou pelo Estado, é capaz de mudar a percepção dessas mulheres sobre um espaço e como encontros desse tipo aparecem como uma demanda delas. A exemplo disso, foram citados o OcupAçude (*cf. infra*, imagem 86), evento que aconteceu entre 2015 e 2016 para ocupar e questionar o descaso público com o Parque Evaldo Cruz (Açude Novo); encontros de grupos de dança ou ativistas de bicicletas,

como o Cavalo Marinho e o Bike Anjas (*cf. infra*, imagem 87), que promovem encontros mensais em diferentes espaços da cidade; e até aulas e rotas turísticas para conhecer a o Centro Histórico e a Feira Central. Nos depoimentos, elas relatam que essas atividades em grupo foram capazes de mudar a percepção que elas tinham daquele espaço ou que possibilitaram que começassem a usá-los em outras situações e com mais frequência.

A minha visão do Açude Novo mudou completamente em um período aqui em Campina, por um período quando estava tendo o OcupAçude. Quando tinha o OcupAçude tinha um fluxo enorme de pessoas, né? E aí eu ia também e eu me sentia mais segura. Tinha muita gente, muitas atrações... e era todo sábado e era um novo lugar pra mim. Era um lugar que eu não conhecia, e por morar em Campina e muitas vezes eu passava por lá... passava mas não ia ao lugar... eu só passava. E quando teve eu passei a frequentar e vi o Açude com outros olhos. Hoje em dia eu acho que não tá tendo... mas aí eu passo por lá e não permaneço. Porque minha visão com o OcupAçude é uma e sem, é outra... porque tem pessoas, e por não ter pessoas eu não fico. (PL, 22 anos)

Eu me sinto bem ali na rua da Feira, eu gosto muito de ir à Feira. Eu não tinha muito o costume de ir, mas aí eu tive uma aula de campo "Conhecendo a Feira"... e foi bastante interessante porque eu vi a Feira com outro olhar, eu não sabia nem que vendia tanta coisa por lá. (PL, 22 anos)

(...) eu faço parte de grupo de estudo (nome do grupo) que a gente faz uns estudos bem práticos. E é interessante porque a gente ocupa as praças... então a Praça da Morgação é onde a gente faz estudo, a Praça da Bandeira, lá nos Três Pandeiros... e a gente ainda não se sentiu confortável de fazer, por exemplo, na Praça dos Hippies. Acho que a iluminação dela a noite colabora também com isso. (RB, 24 anos)

Eu tenho a impressão que elas não se sentem seguras ao andar por todas essas ruas, porque geralmente eu vejo quatro ou cinco mulheres e sempre tem um menino ou um homem, sempre tem uma figura masculina. Então assim... talvez isso seja um receio de que você não ande só, as mulheres... elas sempre andam em conjunto, eu percebo... é como se um homem, a figura masculina, fosse dar mais segurança, fosse proteger. E acredito que ainda protege em alguma coisa. (MC, 61 anos)

Imagem 86: Evento OcupAçude e cartaz de divulgação da ação



Fonte: GOMES (2015) e Movimento OcupAçude (2016)

196

Imagem 87: Pedal do Bike anjas, parada no Parque da Liberdade e cartaz de divulgação de ação



Fonte: Coletivo Bike Anjas Campina Grande (2020; 2019)

A necessidade de existir outras pessoas usando os espaços foi um fator primordial, mas o gênero dos usuários também

apareceu de forma significativa para garantir o bem-estar das entrevistadas. O incômodo com olhares e interações inoportunas são as principais queixas sobre a presença masculina nas ruas, e, para driblar o assédio e a possibilidade de sofrê-lo, elas deixam de usar espaços, mudam rotas e até pensam nas roupas e comportamentos a adotar. O Calçadão da rua Cardoso Vieira e a Praça da Bandeira foram os principais lugares que apareceram na lista dos evitados, devido à presença masculina. Alguns outros pontos de acúmulo de homens espalhados pelas ruas ou calçadas, como pontos de moto-táxis, também foram citados (*cf. infra*, imagem 88 e 99). Já a presença feminina ajuda, e mesmo com maioria masculina, o fato de elas perceberem que há mulheres usando aquele espaço as encoraja para seguir e utilizá-lo também.

Imagem 88: Ponto de mototaxistas na Rua Monsenhor Sales.



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 89: Ponto de mototaxistas na Tavares Cavalcanti.



Fonte: Google Earth (2019)

Eu baixo a cabeça (quando tem muitos homens)... eu não gosto não... dou uma baixada na cabeça. Às vezes é o jeito, não tem como. Mas se tiver assim muito homem, não vou mentir, eu saio, entendeu? Se tiver numa calçada e tiver como, eu vou pra pista, se não vier carro. Eu não passo no meio não, gosto não. (JC, 61 anos)

Não que eu me sinta insegura com eles, mas, às vezes quando você passa tem um monte de moto estacionada, e tem um bando de motoqueiro, e eles ficam tudo sem fazer nada. Então assim... às vezes eles fazem um corredor, se a rua for estreita fica moto e eles na calçada, aí eu não gosto muito de passar não. Eu não ligo muito não... mas não me sinto muito confortável. Eles ficam chamando "ei quer moto? Quer moto? Quer moto?"... gosto não. (VB, 61 anos)

Não... eu presto atenção, porque se for mais homem eu fico mais insegura. Por exemplo... uma rua que eu teria medo de passar, seria aquela parte das oficinas ali no Centro, no final da (rua) João Pessoa quando começa loja de material de construção. (LB, 26 anos)

Por exemplo... tem uma rua paralela à rua João Pessoa que costuma ter muitos homens, porque são oficinas, coisas de carro... é só mais homem que tem por lá. Não costumo ir pra essa rua, até por causa dos olhares também... detesto. Um local com muito homem assim eu

não vou, evito... se tiver que ir eu vou, mas evito. (PL, 22 anos)

Não gosto de passar no Calçadão da Cardoso Vieira... eu passo ali voando... inclusive às vezes me sinto torturada quando tenho que usar aquela lotérica lá, ou por algum motivo tenha que ficar lá... eu acho uma tortura. Porque eu acho um espaço hostil para as mulheres, tem muitos homens sentados ali naqueles banquinhos e eles ocupam aquela área de forma assim bem territorializada mesmo. (PT, 48 anos)

Mas realmente é um pouco assustador você passar por um lugar e todo os homens fazem um comentário... você não sabe se dá pra confiar de terminar de fazer o trajeto... se é melhor voltar. Então, a princípio, até me acostumar com isso... porque eu tive que me acostumar de certa forma... como mudar meu trajeto e entender que talvez a invasão seja mais verbal mesmo... em nenhum momento cheguei a sofrer a física. Mas tem isso, né? Quando a rua tem mais homens eu me sinto mais ameaçada, naturalmente... e quando eu estou sozinha em um lugar e me sinto ameaçada eu sempre procuro mulheres pra ficar perto... a gente se entende, né? Olha, sabe e se comunica mesmo não estando juntas. (EL, 29 anos)

Esses resultados encontram reforço nos levantamentos de observação, apresentados no capítulo anterior; de fato, os dados mostram que, em alguns espaços, as mulheres entrevistadas evitam seu uso ou indicam mudar de calçada, justamente devido à presença de homens no caminho. Ademais, foi possível perceber grupos de mulheres situados em alguns pontos, fortalecendo o argumento de que a presença de outras mulheres as deixava mais confortáveis de utilizar a área e ainda atrair outras.

Mesmo que compartilhem do sentimento de temor em lugares nos quais a presença masculina predomina, muitas

das mulheres entrevistadas afirmam ter se acostumado a lidar com o assédio, insistindo em usar os espaços apesar das circunstâncias hostis, e criando uma relação com o lugar. Algumas das entrevistadas relataram evitar o Calçadão e os incômodos que sentem por lá, mas outras, por terem uma relação cotidiana com o empraçamento em questão (de usar, conversar com as pessoas sobre suas profissões), não se incomodam ou não notam se sofrem ou não assédio (*cf. infra*, imagem 90).

Só que eu lembro que no Calçadão era meio estranho... meio não, TOTAL estranho. Porque ali como tem muita gente parada, e o povo da gente parada são homens, majoritariamente, eu me sentia, me sinto, muito constrangida no Calçadão. E ao mesmo tempo eu gosto que só do Calçadão porque ele (...) é ótimo pra você sentar e só olhar pro povo ou pros artistas de rua. Eu gosto de ficar no Calçadão, de tomar um café ali, mas ao mesmo tempo eu me sinto constrangida. Mas é batata, eu sempre ir lá tomar um café, por mais que lá tenha muitos homens... só que aí eu dou um cotoco... mas o constrangimento existe. (...) porque lá é muito arborizado, muito legal. (MG, 34 anos)

Porque nem sempre você está com paciência né? ((risos)) Às vezes você está apressada... e vai encontrar com um conhecido que vai conversar, perguntar de política, como tá partido, num sei o que... aquela coisa toda (...). É um ponto de encontro geracional, que falam muito de política... que, por exemplo, se eu sei que quero encontrar com alguém ou conversar com alguém do universo da política que eu nunca mais tive notícia é só parar ali que você que algum lhe dá a dica (...). Dificilmente (quando) eu paro e sento pra observar e vejo outras mulheres, difícil mesmo (...). (JM, 40 anos)

Imagem 90: Mulher sendo alvo olhares masculinos no Calçadão



Fonte: Google Earth (2019)

Um elemento que causou divergência de opiniões e sensações foi a existência de ambulantes nas calçadas. Apesar de aparecerem como importantes para atrair pessoas e movimentar o espaço, principalmente à noite ou em lugares mais calmos, são qualificados negativamente, por contrariarem a organização urbana, dificultando a acessibilidade, circulação e legibilidade dos caminhos, por exemplo. Em algumas ruas, como a João Pessoa, ou ainda na praça Clementino Procópio, o acúmulo desses vendedores causa obstrução das calçadas e acaba criando também becos de passagem, provocando comportamentos de fuga e percepções negativas, por parte dessas mulheres (*cf. infra*, imagem 91, 92 e 93). Não é necessariamente o modelo de comercialização de mercadorias que causa problemas, mas a

maneira com que os ambulantes ocupam o espaço: sem diretrizes urbanas e sem fiscalização do poder público.

É... que eu fique segura é quando, por exemplo, tem alguma apresentação... o que é raro por aqui... mas de dança ou qualquer artes cênicas. Isso são elementos, tá? Quando tem alguma arte cênica, ou tipo quando tem alguma merenda, alguém vendendo lanche ou algum negócio... fiteiro, aqui falam fiteiro. (...) Rotina que atraiam mais pessoas, com lazer que atraí mais pessoas... junto com comércio que junta o útil ao agradável. (MG, 34 anos)

(...) E lá na esquina tem um espetinho que funciona à noite... então isso já me dava segurança. Está sempre relacionado à ocupação de pessoas, né? Quando tem alguma aglomeraçãozinha eu me sinto mais segura (...). (EL, 29 anos)

Geralmente as calçadas estão ocupadas por ambulantes, alguns trechos são quase que intransitáveis... como ali na rua João Pessoa. Tem uns trechos que são uns corredores bem estreitos, tem muita gente comercializando na calçada... então eu não costumo achar assim prazeroso caminhar por ali. (PT, 48 anos)

(...) por exemplo, a rua João Pessoa... um lado é ocupado por ambulantes, o outro não é. Do lado que tem os ambulantes, que a gente não consegue andar rápido, eu tenho medo. Aí o que eu faço? Eu atravesso para o outro lado e eu consigo andar com mais tranquilidade. (...) Essa questão da ocupação irregular, porque mesmo a gente sabendo que são pessoas que precisam trabalhar, são locais que em tese deveriam estar abertos. É uma relação muito confusa em relação à cidade, porque assim... ela poderia ser um espaço de comércio, mas ela poderia ser um espaço mais amplo (...). (NA, 32 anos)

Imagem 91: Ambulantes na Rua João Pessoa, ocupação da calçada



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 92: Ambulantes na Rua João Pessoa, e espaço interno



Fonte: acervo pessoal (2020)

Imagem 93: Ambulantes na Praça Clementino Procópio



Fonte: acervo pessoal (2019)

Além dos critérios citados anteriormente, outros fatores relacionados à configuração das ruas aparecem de forma diluída nos comentários, a partir de reclamações diferentes, mas que tratam do mesmo assunto, como os que prejudicam a visibilidade e sinalização. O problema acaba não sendo óbvio de ser apreendido, pelo fato de provocar reações ou sensações divergentes. Como exemplo, cite-se a questão das opiniões quanto à presença/ausência de ambulantes ou ainda no que concerne à largura das ruas. De fato, em alguns trechos das entrevistas, as mulheres apontam ruas estreitas como sendo um aspecto negativo e que interfere na sua escolha para usar aquele espaço, devido à dificuldade de visibilidade; no entanto, paradoxalmente, as ruas mais largas,

como a Avenida Floriano Peixoto, também aparecem como um espaço qualificado de negativo, devido à distância para se percorrer e a velocidade que os automóveis podem atingir. Entende-se tipicamente nessas contradições que ações de alargamento das vias não garantiriam necessariamente, para essas mulheres, uma boa visibilidade e ainda prejudicariam o caminhar pelos espaços, e para driblar a questão é comum vê-las usando o canteiro central em vez de caminhar pela calçada (*cf. infra*, imagem 94). Segundo as entrevistadas, seriam necessárias outras características físicas associadas para que seu critério de escolha fosse atendido, como por exemplo: regulação na velocidade de carros, calçadas largas e com equipamentos que não obstruam a passagem, ausência de barreiras visuais, etc.

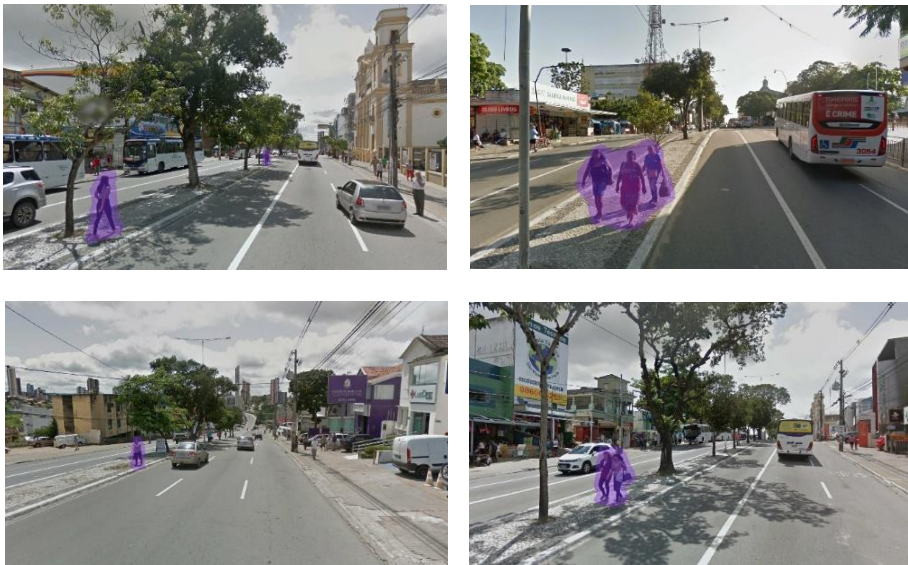
Acho que quando a rua é muito estreita, porque aí... não sei... eu acho que é só que quando ela é mais larga... tipo beco eu evito passar. Quando ela (a rua) é mais larga tem mais gente e dá pra ver melhor. E iluminação também, né? Porque eu já saí de noite do centro e tem umas ruas que é muito mal iluminada e é muito ruim de passar, eu evito também. (MS, 27 anos)

(...) assim, porque eu fico pensando como se tivesse andando a pé... aí estruturalmente falando, se a rua não é legal eu falo “não vou por ali”. (...) Outra coisa... empecilhos... se não tiver um campo livre, um lugar livre pra caminhar, se não tiver obstáculos... independente de ser coisas ou pessoas... se tiver muito lotado eu não acho legal, ou se tiver muitos obstáculos aí não é convidativo pra mim. (MG, 34 anos)

Essa do Ideal, descendo ali na Caixa... eu acho que era mais esquisito porque era uma rua mais larga e ali passa

o canal transversal então era um pouco mais vazia, (...) era uma rua que eu não me sentia muito confortável, não gostava muito. Teve um tempo que eu tentei fazer caminhada no Açude pra me mover um pouco, e aquela rua da Cavesa até chegar no Açude Velho, eu acho ela um pouco esquisita... também por ser uma rua muito larga, mais vazia... eu não gostava muito de passar por ali. (...) Porque ruas mais fechadinhas a pessoa se sente mais segura porque a aglomeração é maior... ruas mais largas não, apesar de ter mais espaço pra circular. (EL, 29 anos)

Imagem 94: Mulheres andando pelo canteiro na Avenida Floriano Peixoto



Fonte: Google Earth (2019), editado pela autora (2021)

Em contraponto a esses exemplos anteriores, a rua Maciel Pinheiro é bastante citada pelas mulheres entrevistadas como uma via atrativa e palco de boas experiências. Ao analisar suas características, presume-se que essa sensação tenha relação com um cuidado estético de suas edificações históricas e com o tipo de infraestrutura urbana existente. De fato, a Maciel Pinheiro, além de possuir acúmulo de lojas

muito procuradas por elas (comércio de roupas, tecidos, utensílios domésticos, produtos de beleza, etc.), possui fiação elétrica subterrânea, alargamentos nas esquinas, nos cruzamentos e, por vezes, em pontos no meio da quadra, diminuindo a travessia e contribuindo para melhorar a visibilidade e sinalização entre diferentes usuários (*cf. infra*, imagem 95, 96 e 97).

Imagem 95: Fachadas rua Maciel Pinheiro



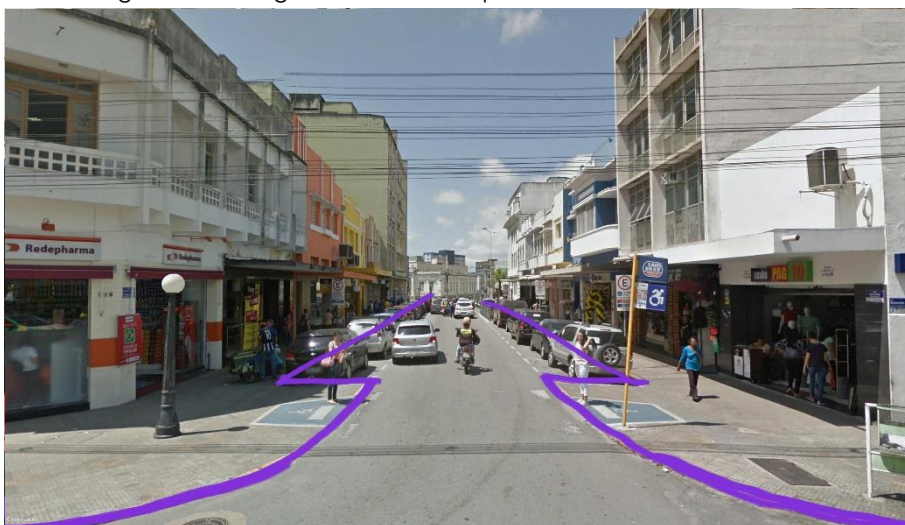
Fonte: acervo do LabRua (2015)

Imagem 96: *Parklets* da Rua Maciel Pinheiro



Fonte: Google Earth (2019)

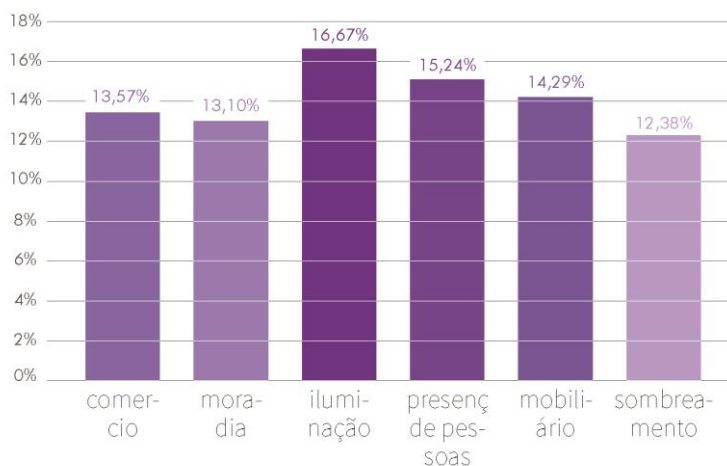
Imagem 97: Alargamento das esquinas na Rua Maciel Pinheiro



Fonte: Google Earth (2019)

No que diz respeito aos aspectos que melhorariam o uso das ruas, as mulheres entrevistadas puderam citar aqueles que, segundo sua avaliação, seriam os mais importantes, capazes de fazer com que se sentissem bem nos espaços do Centro: a existência de “comércio”, “moradias”, “iluminação”, “presença de pessoas nas ruas”, “mobiliário” e “sombreamento” foram os cinco elementos mais citados, escolhidos de acordo com os tópicos existentes nas fichas de observação de campo. Esses itens receberem notas de 0 a 5 para aferir o grau de importância de cada um (onde zero é “nada importante” e cinco equivale a “muito importante”).

Imagem 98: Importância dos critérios físicos urbanos



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

O critério que apareceu com menores notas foi o de “sombreamento” (imagem 98). Referente à presença de características que possibilitem criar uma barreira direta ou indireta a luz solar, seja pela presença de marquises ou arborização, a maioria das mulheres entrevistadas associa o sombreamento à presença de árvores na rua, canteiros ou calçadas. Elas entendem a importância deste componente na estética da rua e principalmente na garantia de conforto térmico durante o dia, mas chamam atenção para o possível conflito com a iluminação pública durante à noite. Elas argumentam que a altura e o formato da copa das árvores muitas vezes não são levados em conta na escolha dos postes, ofuscando a luz. Além disso, sinalizaram para o fato de que a escolha das espécies não condiz com a

infraestrutura das vias e das calçadas, por vezes ocasionando quebras e interrupções nos passeios.

A presença de pessoas e iluminação, não apenas na ocasião desta questão em particular, como também em vários momentos ao longo das entrevistas, foram indicados como os elementos mais importantes para gerar segurança e bem-estar no cotidiano das entrevistadas, recebendo, por parte delas, as melhores avaliações. O mobiliário urbano também teve baixa variação de notas, sendo o terceiro elemento mais importante, classificado no ranking geral, e mesmo não tendo grandes aparições em outras respostas durante a conversa, foi entendido como um elemento essencial para experiências positivas em uma rua, pela sua importância na sinalização, conforto ou na atração de pessoas (imagem 99).

210

Imagem 99: Pessoas usando o mobiliário da Rua Maciel Pinheiro



Fonte: acervo pessoal (2015)

Acredita-se que o mobiliário urbano também tenha sido associado à existência e qualidade das calçadas. Durante as entrevistas, algumas mulheres trouxeram o passeio público de pedestres como um elemento importante na escolha de caminhos, na promoção de segurança e para garantir conforto. A falta de nivelamento, padronização de pavimentação e larguras, assim como a ausência de fiscalização foram alguns critérios trazidos que, segundo elas, interferem na acessibilidade das ruas. As queixas apareceram principalmente nos depoimentos de mulheres mais velhas e mães, o que indica que a preocupação delas extrapola o limite individual, tendo também relação com a divisão sexual do trabalho, à medida que se responsabilizam pelo cuidado dos filhos ou outros entes familiares.

(Sobre Mobiliário) é uma pergunta muito ampla, eu acho que calçada boas, lixeiras, árvores seria excelente... acho que (nota) 4. (MC, 61 anos)

Eu acho que a calçada é importante... a calçada das lojas, se o acesso a loja é fácil... porque qualquer coisa você entra na loja. Ou seja, se a loja tem porta que é quase uma continuidade da calçada, eu acho que isso é uma questão de segurança. Se não tiver obstáculo físico pra caminhar. (VB, 61 anos)

(...) Agora uma coisa que me deixa muito mal é em relação as calçadas... é a minha reclamação constante... a falta de uniformidade nas calçadas... fora o perigo, o mau trato que as calçadas tem, a falta de unificar... é um absurdo. Essa minha rua então, que é uma rua antiga... fora as calçadas, tem hora que você tem que ir pro meio da rua porque os carros estacionam... as (ruas) muito antigas então, quase não têm as calçadas, as casas pegaram os

pedaços das calçadas. Essa é a única coisa que eu acho ruim. (MR, 62 anos)

(...) Você tem calçadas extremamente perigosas de você andar... perigosas no sentido físico mesmo, sabe? Investem em uma calçada de pedras e que não tem manutenção adequada e você acaba vendo muita gente tropeçar e aí (...) as pessoas mais velhas ou com alguma deficiência física tendem a evitar. Porque além da insegurança, que é uma realidade, você tem a falta de planejamento urbano de... por exemplo, eu com um carrinho de bebê... eu jamais passaria pelo Centro de Campina... é apertado, é inseguro, as calçadas são irregulares, elas são ocupadas de forma irregular, você não tem nenhum espaço preparado. Imagina... você andando com um carrinho de bebê naquela região... é quase uma aventura. Por isso que eu acho que a gente mulher não se sente segura, porque a gente normalmente nunca anda só, a gente sempre anda com menino pra um lado, pra o outro... e é muito difícil andar naquelas calçadas (...). (AN, 32 anos)

“Comércio” e “moradia” são critérios que apareceram com notas medianas em comparação ao restante dos itens, pois suas avaliações dependeram da relação entre o modo como se apresentam e de como interagem com outras características no espaço. A partir dos relatos, percebeu-se que a importância de edificações com qualquer um desses usos foi condicionada à presença de alguns critérios de funcionamento que permitam permeabilidade, interação com a rua e gerem dinamicidade ao espaço, como a ocupação frontal no lote, fachadas ativas e variedade de usos (tal como indicam GEHL, 2013; SPECK, 2016; e AQUINO *et al.*, 2016).

A existência moradias foi pontuada como importante, mas em muitas ruas do Centro há uma alta concentração do uso

residencial, por vezes com edifícios de muitos pavimentos, ausência de uso ativo no térreo, guarita fechada, muros altos ou nenhuma permeabilidade com a rua, o que prejudica a circulação e sensação de segurança ao percorrermos (*cf. infra*, imagem 100 e 101). Já para os comércios, as críticas giraram em torno do tipo de serviço, a concentração de lojas de um mesmo setor e o horário de funcionamento; para as entrevistadas, seria preciso diversificar os usuários e garantir que alguns estabelecimentos estejam abertos fora do horário comercial (*cf. infra*, imagem 102).

Eita, mas depende da moradia... porque se for uma moradia tipo prédio, com muito prédio, aí não (...). O comércio e a rotina em si, não vai ter de noite, mas podia ter de consumir cultura, merenda, cinema... mais atividades culturais... movimentação de mais pessoas, com atividades culturais... (MG, 34 anos)

Tem que ter, pelo menos um comércio na esquina (...). (Moradia é nota) 5... mas acho que depende. Lá no centro tem ruas que de residencial tem só o primeiro andar, ou a partir do primeiro andar. (EL, 29 anos)

(Comércio é) cinco. Porque eu me sinto mais segura... se eu ver (sic) qualquer movimento na rua eu entro no comércio. E aí eu vou me sentir mais tranquila, por mais que eu não deva me sentir... mas a pessoa se sente. (Moradia é) três. Por que as moradias de hoje em dia são tudo fechada, né? O portão é todo fechado. (PL, 22 anos)

Acho que algumas ruas, é... até pelo tipo de comércio, é mais habitada por homens do que por mulheres. Por exemplo, eu vejo poucas mulheres naquela parte da rua João Pessoa que é material de construção, elétrico... vejo mais homens do que mulheres. (MS, 27 anos)

Imagem 100: Áreas residenciais de casas na Rua Desembargador Trindade



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 101: Áreas residenciais de prédios na Rua Desembargador Trindade



Fonte: Google Earth (2019)

Imagem 102: Rua Venâncio Neiva no fim de semana



Fonte: acervo pessoal (2011)

Elementos e características urbanas que possam colaborar com a pouca diversidade de usos e pessoas, com falta de visibilidade e com a presença massiva de homens foram bastante elencados até aqui como critérios que afetam muito no conforto e na segurança das mulheres ao usar e circular na cidade. Segundo Silva *et. al* (2017), essas características têm relação com a forma que a cidade capitalista se organiza, de maneira que a segregação de funções na cidade e a concentração de tipos de serviços e atividades em ruas e bairros é resultado de um processo que desconsidera os papéis sociais atribuídos a mulheres e homens, contribuindo para onerar o cotidiano feminino e determinar experiências.

Em várias respostas ao longo das entrevistas também foi perceptível que além do entendimento de que há um conjunto de características que acabam atraindo mais mulheres ou homens no espaço, por vezes, há também uma estigmatização de gênero, com a internalização e reprodução de um conjunto de características e comportamentos atribuídos socialmente às mulheres.

5.3 Estigmatização e o uso do Centro por gênero

O termo “estigma” foi trabalhado, pela primeira vez, pelo sociólogo e antropólogo canadense Erving Goffman, em sua obra intitulada *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, de 1963. Para o autor, o termo pode ser definido como um status moral usado pela sociedade para categorizar as pessoas de acordo com “atributos considerados como comuns e naturais” (GOFFMAN, 1980, p.5). Ou seja, a criação de uma identidade social que faz uso de sinais corporificados para agrupar os indivíduos e definir condutas.

Para o autor, a estigmatização é o processo histórico-social pelo qual o estigma passa por diversas modificações, estando, na maioria das vezes, tão enraizado e naturalizado que não é mais sequer questionado. A estigmatização se apoia, principalmente, na desaprovação de características que confrontam normas culturais, o que pode incentivar a

reprodução de várias formas de preconceito que envolvam desde aspectos econômicos, de raça, gênero, sexualidade ou de qualquer outra segregação histórica face àquilo que é considerado “diferente”. Mesmo não sendo comum e formalmente verbalizados, os processos de estigmatização são reconhecidos e automaticamente integralizados, de maneira que os indivíduos a quem os processos de estigmatização atingem terminam sendo levados a esquematizarem suas vidas e pautarem suas condutas, com o objetivo de evitar situações de exposição de seus atributos estigmatizantes – ou aquilo que a norma social hegemônica caracteriza como “defeito” – contribuindo para privação de diversos intercâmbios sociais cotidianos e criação de sentimentos nefastos às socializações, como insegurança, desconfiança, ansiedade, medo, etc. (GOFFMAN, 1980).

Esta acepção goffmaniana do termo “estigma” oferece um caminho de análise pertinente à questão do gênero, aqui considerada como uma categoria de agrupamento de indivíduos, que passam por um processo estrutural e histórico de estigmatização. Nesse caso, os padrões de comportamento são impostos de acordo com regras sociais e também a partir de relações de poder, o que acaba contribuindo para reprodução de violências e distorções da realidade social. Considerando que, em muitas situações, a definição social também se relaciona às características

físicas, nesse sentido, tornar-se-ia difícil para muitos homens ou mulheres fugirem ou se destituírem dessas expectativas normativas, internalizando, naturalizando e, até, reproduzindo, com frequência, comportamentos de domínio e controle, apoiados numa suposta incapacidade feminina, tida como estigmatizante.

Como a cidade é o palco da vida e dos comportamentos sociais, ela acaba contribuindo para perpetuação de muitos estigmas. Para a pesquisadora Lúcia Leitão (2015), o consciente e subconsciente colocam o entendimento social de alguns comportamentos como parte do sujeito e inerente à sua existência, além de atuarem como “estruturas que fundamentam [e] que justificam a forma com a qual as pessoas estabelecem relações com outras e com a cidade” (*idem*, p. 19). Dessa forma, podemos afirmar que a conformação e funcionamento dos nossos espaços públicos também estão baseados na divisão sexual do trabalho e na reprodução dessas estruturas, com a existência de funções relacionadas ao gênero, que constantemente excluem e segregam a mulher.

A estigmatização dos corpos femininos: entrave à autonomia urbana das mulheres

Desde o capítulo anterior, podemos perceber que existem áreas, no Centro de Campina Grande, que agrupam elementos que geram desconforto ou não são atrativas para

as mulheres. As entrevistas, além de apontarem alguns dos aspectos físicos que contribuem para isso, mostraram que a forte presença masculina em algumas ruas faz com que a sexualização e tentativa de domínio do corpo feminino seja, por vezes, legitimado e naturalizado. Dentre vários exemplos que aparecem aqui, o Calçadão da rua Cardoso Vieira foi bastante citado por elas como espaço onde seus corpos são constantemente alvo de intervenções masculinas, e em vários relatos é evidente como fica a cargo delas estarem sempre atentas e criarem estratégias para driblar esse comportamento “naturalmente masculino”.

Mas tem alguns lugares que eu não gosto muito de andar... que é o Calçadão. É a parte que mais me incomoda, porque lá se concentra muitos idosos... e não é pelo fato de ser idoso, é pelo fato de esses mesmos idosos ficam olhando muito para as mulheres que ficam passando (...). É mais a questão do pessoal idoso... os homens, que ficam desrespeitando as mulheres quando a gente passa. Então o Calçadão eu evito passar por lá, pego outras vias pra evitar passar por lá. (PL, 22 anos)

(...) Hoje a gente compreende que é assédio, mas teve um período que a gente ouvia coisas como “ai como é bonitinha, como é gostosinha”. Aquela coisa que você acaba naturalizando porque sabe que se passar ali vai ouvir... então você escolhe se quer ouvir isso ou não. (...) Então você procura outras rotas, outros caminhos que não tenham tantos homens. (JM, 40 anos)

O medo vivenciado no dia a dia por parte das mulheres entrevistadas, sobretudo quando caminham pelas ruas da cidade, vai além daquele de serem assaltadas ou de sofrerem algum acidente: para elas, o maior receio é o de ter seus

corpos violados. O assédio verbal ou físico aparece, muitas vezes, como uma prévia de algo mais grave, como o estupro. Mesmo enfatizando a necessidade e urgência de se mudar a educação de meninos e meninas sobre corpos e relações de poder que envolvem o gênero, em alguns casos, as entrevistadas apontam para existência de uma responsabilização pessoal, no sentido de que mudanças de comportamento, modos de se vestir ou de se apresentar no espaço público seriam maneiras de evitar possivelmente as situações mais difíceis vivenciadas.

Porque a nossa cultura machista e misógina diz que a gente vai ser estuprada e morta... no mínimo. Por exemplo, é muito raro você ver pessoas nas ruas de noite, no caso mulheres. Quando você vê mulheres, você já se assusta. Eu tento não olhar assim: “valha como ela tem coragem”... eu tento olhar: “valha aqui não é tão perigoso”... ou “ela tá ali porque a condição diz que ela pode e tem que ficar ali”. (...) Coragem a gente até tem, às vezes... mas é pra ter essa liberdade. Nossa coragem é muito adquirida... a deles não. (...) mulher na rua ela não pensa só em assalto... eu penso em assédio em estupro... eu já fui muito assediada em ônibus, na rua, em casa, já fui na bicicleta... o cara passou e pegou na minha bunda. Muda muito, porque a mulher (...) o medo é de assédio, né nem de assalto. Vem pra levar a bolsa... venha, e só faça isso... não venha se inxirir, me assediar, me estuprar e me matar não. Acho que muda muito a percepção por conta disso, entendeu? (MG, 34 anos)

Difícil isso... porque tem muita coisa que envolve, inclusive educação. Pode ir desde as escolas públicas ensinarem pra os meninos não se sentirem predadores e as meninas presas ((risos)) quando circulem nas ruas. (PT, 48 anos)

A gente sente... principalmente quando a gente é mulher. Uma rua mais movimentada a gente se sente mais segura, uma rua mais esquisita a gente já tem medo.

Principalmente porque a gente é muito vulnerável, pela nossa fragilidade física. Eu acabo evitando ruas muito esquisitas, porque por exemplo... na hora de uma necessidade eu vou recorrer a quem, né? Não tem ninguém na rua. (AN, 32 anos)

As mulheres entrevistadas atestam também que os espaços públicos, principalmente as praças, são de domínio masculino. Quando perguntadas sobre as diferenças existentes entre a utilização, por parte da mulher e do homem, dos espaços da cidade, elas afirmam que veem muitas mulheres nas ruas, mas motivadas a realizar alguma atividade, seja para resolver um problema, fazer compras ou trabalhar. O lazer quase não é indicado como opção e, muitas vezes em seus discursos, o fato de aproveitar as praças e ruas para sentar, conversar, jogar ou simplesmente observar a vida urbana aparece como algo distante. No que diz respeito aos homens, elas destacam que, além de realizarem atividades, eles conseguem (e podem) utilizar mais os espaços públicos como instrumentos de lazer, e sempre são vistos nas praças, interagindo em grupos (*cf. infra*, imagem 103).

Talvez seja um pouco diferente pelos papeis de gênero... pelas mulheres serem mais essa pessoa de sair de casa pra fazer feira ou pra comprar algum utensilio pra casa... esse tipo de demanda fica mais a cargo das mulheres. E, pensando agora, talvez o centro seja mais ocupado por mulheres do que por homens... aliás, as ruas mais do comércio (...). Mas com certeza os homens se sentem mais donos do espaço, mais seguros... eu acho que eles são permitidos a ocupar o espaço... têm menos medo de sair à noite, por exemplo (...). Mas acho que em relação a isso os

homens têm mais liberdade de ocupar qualquer lugar e se sentir mais seguros. (EL, 29 anos)

(...) Só um espaço que eu acho que é mais de domínio masculino... que são as praças... eles ocupam mais. Os homens têm mais essa história de se reunir pra conversar, né? (...) As praças dá (sic) mais um poderio masculino. Calçada... você passa, tem muito mais homem... os velhinhos conversando (...). Eu acho que é uma coisa cultural... as mulheres num espaço... no tempo que elas têm livre, elas vão pra casa cuidar de outras coisas, e os homens não, né? Aquela coisa de "ah, vou tomar uma", "ah vou ali conversar um pouquinho"... você pode ver... desde que eu era pequeninha, eu vejo muito isso. Antigamente era nas mercearias, eram ponto de encontro... você ia comprar as coisas e era um monte de homem conversando... você olhava e dizia "num tem uma mulher?". As mulheres tudo em casa cuidando das coisas... ia, comprava e voltava... e os homens sempre têm esse espaço durante o dia. Pode notar... eles sempre têm esse espaço... termina o trabalho eles dão uma passadinha (...) e a mulher não, vem direto pra casa porque já tem mil outras coisas, né? (MR, 62 anos)

Estava comentando isso hoje com o meu marido... dizendo que eu costumo observar algumas coisas na rua... a gente estava falando sobre esse trabalho doméstico, a não valorização do trabalho doméstico. Quem fica em casa geralmente não tem o respeito de quem sai pra trabalhar fora da casa. Em alguns lugares do Centro eu percebo que tem homens jogando dominó, ou cartas, ou conversando na frente dos estabelecimentos comerciais... muito tranquilos, parecem mais que estão numa situação de lazer do que de trabalho, e que quando chegam em casa se colocam como mais importantes do que quem ficou em casa, mas estavam num ambiente muito mais descontraído. E quem fica em casa enfrenta tensões, mas as pessoas geralmente não consideram, por que estavam em casa. Tem algumas ruas que eu costumo perceber isso... você percebe que as pessoas estão descontraídas, conversam... pessoas de estabelecimentos comerciais distintos interagem. (PT, 48 anos)

Imagem 103: Relação entre quantidade de homens e mulheres no Calçadão da rua Cardoso Vieira.



Fonte: Google Earth (2019), editado pela autora (2021)

Vimos que todas as mulheres consideraram a presença de pessoas como um fator importante para se sentirem bem ao usar um espaço, mas 11 onze das 14 entrevistadas disseram notar se os usuários são homens ou mulheres, afirmando que o gênero interfere nessa sensação de bem-estar. As outras entrevistadas que afirmaram ser indiferentes à presença de homens ou de mulheres demonstraram ao longo da entrevista, no entanto, estarem munidas de artifícios para passarem despercebidas no espaço e assim não sofrerem alguma violência. Na maioria das vezes, elas expõem suas táticas para esconder seus corpos ou camuflar características consideradas femininas, como o uso de cabelo curto ou de roupas simples, mais largas/frouxas. Visivelmente, e muito embora essa parcela das entrevistadas

não o afirme formalmente, há uma incidência direta em suas práticas de uso e apropriação dos espaços, em suas condutas urbanas, que decorre da presença masculina.

Ademais, ao longo das falas, é comum a presença de palavras que indicam força, como “proteção”, “coragem” e “liberdade”, para definir as experiências masculinas; já as que indicam fragilidade, como “vulnerável”, “risco”, “medo” e “perigo”, caracterizam mais facilmente a vivência feminina dos espaços. Ao serem questionadas pelo motivo de existirem diferenças no uso dos espaços públicos, por parte dos dois gêneros, as mulheres entrevistadas sugeriram a existência de um poder que é culturalmente atribuído ao homem e negado à mulher. As explicações permearam o fato de eles crescerem sob uma ótica de liberdade, existindo em um “corpo sem defeitos”, que tem livre acesso aos espaços assim como permissão de agir sobre corpo feminino.

224

Eu acho que, assim... dificilmente os homens fazem esse caminho... de repensar essa rota como a gente faz, de pensar que se você passar por ali você vai ouvir uma gracinha (...). Eles podem até pensar que um cara pode assaltar... coisa do tipo... mas pra gente não é só o risco da segurança, a possibilidade de perder um bem, de perder um celular, bolsa ou coisa do tipo... tem sempre mais uma coisa inserida nisso, e uma delas é exatamente essa relação de assédio. (JM, 40 anos)

Não... bastante diferente. Por exemplo... teve coisas aqui que eu citei que acho que o homem não ia ter medo... ele não ia ter medo dos olhares. Então assim, é muito diferente a percepção do espaço que o homem tem e que a mulher tem. O homem tem muito mais liberdade de sair na rua e

saber que não vai ser assediado, que não vai ser olhado... e já a mulher não... a mulher já sai de casa pensando que vai receber aquele olhar “porque ela tá com aquela roupa”. Então é completamente diferente. (PL, 22 anos)

(...) a gente acaba se tornando vulnerável, a gente que é mulher. Homem não, porque em tese homem sabe se proteger... a gente não. A gente é alvo muito fácil, nossa bolsa é muito fácil (...). Eu lembro muito da cena (de um assalto e o assaltante) puxando de um lado e ela de outro e precisou que um homem interferisse pra que ela não perdesse seus bens. (AN, 32 anos)

Completamente diferente. Sendo muito pragmática e de forma meio caricatural, é como se as mulheres fossem presas e os homens predadores. Então num ambiente assim de rua, os homens se sentem livres pra fazerem o que querem, se comportarem como quiserem, andarem como quiserem. E nós, mulheres, não... a gente está condicionada a se tem muitos predadores ou não naquele espaço... essa é a sensação que eu tenho. Então a gente usa os espaços de forma muito distinta. Quando você vê um espaço que tem mais mulheres acaba se sentindo mais segura, mais livre pra circular, não tem tanta preocupação... se tem mais homens, aí já muda o cenário. (PT, 48 anos)

É muito mais confortável pra eles né, eles não tão nem aí, não precisam ter medo de absolutamente nada. Não precisam ter medo de o próprio corpo ser invadido por ninguém. Eles que fazem isso com a gente, né? (...) E as mulheres têm que bolar uma estratégia de “é medo de assalto, é medo de estupro, medo de tudo...” (RB, 24 anos)

Completamente diferente... porque a gente tem sempre essa sensação de insegurança nos espaços. Tipo, o homem vai andar mais tranquilamente, porque a gente tem essa sensação de vulnerabilidade. Claro, o homem vai olhar pra essa questão da violência etc. e tal... só que a gente olha por outro aspecto, além da violência geral, ainda tem a violência de gênero. É um duplo cuidado que temos em relação aos espaços. (LB, 26 anos)

Mesmo a presença massiva de homens no espaço estando na lista de fatores negativos para as mulheres entrevistadas,

há uma dicotomia existente entre o medo que eles provocam e a figura de proteção que, por vezes, eles assumem. Expressões que indicam que o marido participou da decisão do local de trabalho e dos caminhos a se fazer; que solicitam a presença de um policial, ou da companhia de um homem, por vezes apareceram, apontando a necessidade de se ter uma figura masculina para assumir o papel de “protetor”, de maneira que elas se sintam seguras em algum espaço ou situação. Essa crença estava presente, principalmente, nas falas das mulheres que reproduziam com mais frequência a estigmatização de gênero que divide socialmente papéis masculinos e femininos, ficando a cargo deles a função de “salvador”, que possui a força física e, portanto, a possibilidade de fazer justiça.

Copresença feminina: um convite à resistência das mulheres nos espaços da cidade

Independentemente da presença masculina, para as mulheres entrevistadas, o fato de ter outras mulheres usando os espaços da cidade constitui um convite à utilização e permanência nas mesmas áreas, uma vez que a copresença feminina aparece como fator de estímulo à prática social urbana, deixando-as mais confortáveis e melhorando sua sensação de segurança. A empatia que as entrevistas demonstram ter por supostas experiências dolorosas de outras mulheres, mesmo que nunca tenham vivido situação

emergencial parecida, alimenta uma espécie de combinação coletiva não verbalizada, porém reconhecida e internalizada, de maneira que muitas dizem se sentir “protegidas” por outras mulheres.

Quando a rua tem mais homens eu me sinto mais ameaçada, naturalmente... e quando eu estou sozinha em um lugar e me sinto ameaçada eu sempre procuro mulheres pra ficar perto... a gente se entende, né? Olha, sabe e se comunica mesmo não estando juntas. (EL, 29 anos)

Eu olho. Eu gosto mais quando tem mais mulheres... eu acho que as mulheres assim são mais solidárias, no sentido assim de ajudar. Bem mais confortável quando tem mais mulheres. (MC, 61 anos)

Experiências positivas anteriores, seja por algo que viveu na infância, por alguma experiência coletiva ou pelo uso cotidiano, criam ou potencializam a intimidade com a cidade, aparecendo também como um quesito capaz de acender nas mulheres a luz da confiança e coragem de aproveitar os espaços. Por outro lado, às vezes nunca se foi a um lugar, mas há um conjunto de histórias que nutrem um imaginário coletivo e consequentemente as barreiras de utilização, principalmente para as mulheres. Dessa forma, há ruas, praças e parques que têm fama de perigoso e intransitável – como acontece com o parque do Açude Novo, Praça Clementino Procópio e o centro à noite –, e que em Campina Grande estão na lista de espaços que elas não devem passar ou usar.

Percebeu-se que esse imaginário pode aparecer com mais força na cidade que vivem do que em outros espaços que se propõe a conhecer quando viajam. Como acontece na fala a seguir que cita uma viagem que fez à Salvador, cidade baiana com altos índices de violência urbana no país¹⁸.

(...) Por exemplo, um lugar que eu achei que eu ia sentir muito medo era Salvador, porque eu estava sozinha... mas aí foi incrível. Eu andei pelo centro de Salvador de boas. Agora qual era o fator? As ruas eram largas e amplas, então eu podia andar. Eu andava fora da calçada, mas eu tinha um campo visual muito amplo. Mas aqui não... ou é muito estreito, ou fora da calçada tem o perigo de sofrer um atropelamento. (AN, 32 anos)

(...) quando eu cheguei em Campina eu era mais assustada... e como eu morava com outras pessoas, normalmente (...) nunca ia pra um lugar sozinha por conta do medo. Mas aí a pessoa vai ganhando uma intimidade com a cidade e vai perdendo esse medo. E o Centro sempre me deixou muito confortável de sair com tudo que precisasse... com o celular, carteira, computador (...). (EL, 29 anos)

Nasci e me criei no Centro (...) então ir no Centro pra mim sempre foi muito tranquilo... desde muito nova andava nas ruas. (...) Que é uma coisa que eu sinto falta (...). (Pra matar a saudade) eu vou ajeitar o cabelo aí desço a pé... cruzo a Feira... compro uns temperos e vou na casa dela (mãe). (...) Eu tenho uma sensação... (...) acho que é a sensação de estar chegando em casa... a Rainha e Afonso Campos (...) me dá muito a sensação de tá indo pra casa. Não sei se eu associo a essa vinda da escola, essa coisa de terminar cedo e ir pra casa (...), então gosto muito dessas duas ruas. (JM, 40 anos)

¹⁸ Salvador ocupa o quinto lugar no ranking de capitais mais violentas do país segundo o Atlas da Violência do IPEA, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/21/atlas-da-violencia-dos-municipios-brasileiros-2019>.

Para essas mulheres, além do que viveram, das experiências que carregam, da maneira que foram educadas – notadamente, a partir de uma cultura que entende a mulher como “sexo frágil”, estigmatizando e limitando suas práticas e condutas –, o perfil biográfico e a leitura pessoal que fazem de algumas ruas e praças também interferem na forma como se sentem e no que se permitem vivenciar. O tópico a seguir reúne análises que dizem respeito às ruas, em Campina Grande, que, além de possuírem características espaciais, usos e atributos que influenciam no uso e interesses por parte das mulheres, também carregam um repertório de fatores históricos e experiências contadas por amigas, familiares e conhecidos, que tendem a alimentar uma “cultura do medo”.

5.4 “Se essas ruas fossem delas...”: a percepção das mulheres sobre os espaços públicos do centro

As mulheres entrevistadas conheciam bem as cinco ruas¹⁹ delimitadas pela pesquisa e, em algum momento da sua vivência na cidade, já as haviam percorrido, mobilizando

¹⁹ As ruas estudadas e seus respectivos números de identificação são: rua Vila Nova da Rainha (1); rua Cardoso Vieira (2); rua Índios Cariris (3); rua Treze de Maio (4); e rua Desembargador Trindade (5). Em quase todas as entrevistas é comum que as ruas apareçam nas falas com seus nomes abreviados ou identificadas pelos números correspondentes aos usados no mapa apresentado no momento da entrevista (cf. imagem 7 do capítulo 3).

diferentes meios de transporte. Apenas uma das cinco ruas, a rua Desembargador Trindade, gerou dúvidas quanto à sua identificação e localização, o que justifica a maneira superficial com que foi caracterizada pelas usuárias em seus discursos. Em algumas entrevistas, foi necessário usar plataformas de imagens de mapa como o *Google Earth* para ajudar no reconhecimento. O *corpus* de dados explorado indica que a facilidade ou dificuldade, por parte das mulheres, em identificar e descrever alguma dessas ruas tem relação com os atrativos e sua frequência de uso. A caracterização de cada rua, pelo discurso das mulheres entrevistadas, será apresentada e debatida a seguir.

Primeiramente, pode-se dizer que há variações na classificação das ruas pelas mulheres devido à frequência de utilização e ao tipo de modal que elas mobilizam para percorrê-las, o qual é escolhido notadamente pela finalidade de uso e, principalmente, pelo horário e dia da semana. A rua Cardoso Vieira aparece no topo da lista das ruas mais usadas a pé em horários/dias de comércio funcionando, seja para consumir algo oferecido nas lojas ou como elo para outras ruas, principalmente no caminho entre Praça da Bandeira (rua Marques do Herval) e rua Maciel Pinheiro. Quanto à rua Desembargador Trindade, pode-se afirmar que ela ocupa o fim da lista, uma vez que só é usada para atividades específicas, como visitar alguém, ou por tornar-se um

caminho de passagem entre lugares-fim ou ainda, no mês de junho, por formar um dos portais de entrada para o Parque do Povo, durante a festa de São João.

A frequência de utilização das ruas pelas mulheres entrevistadas coincide com o grau de movimentação da rua apresentado no Capítulo 2 e, conseqüentemente, com o entendimento que elas têm sobre a segurança neste espaço da cidade. Durante o dia e em horários comerciais, a rua Cardoso Viera é uma das ruas mais movimentadas do quinteto – tanto pela localização na malha como pelos usos que possui –, atraindo mais mulheres e logo sendo classificada por elas como a rua onde elas melhor se sentem em seus trajetos e/ou atividades cotidianas. A rua Vila Nova da Rainha e rua Treze de Maio também são citadas por algumas mulheres como boas ruas, pelos mesmos motivos da primeira rua, embora com menor força, e com alguns apontamentos sobre o grande fluxo de veículos como fator negativo. Já a rua Índios Cariris e a rua Desembargador Trindade, por terem a menor taxa de circulação de pessoas e usos pouco atrativos para as mulheres, acabam aparecendo com menos frequência nas avaliações positivas.

No que diz respeito à percepção dessas ruas no período noturno, a ordem das ruas mais utilizadas muda e algumas, anteriormente classificadas como “boas”, descem no ranking. A rua Cardoso Vieira, a rua Vila Nova da Rainha e a rua Índios

Cariris são mal avaliadas nesse quesito, por possuírem baixa movimentação noturna, resultado de muitos comércios que fecham ao entardecer, poucas residências existentes ou poucas atividades funcionando até horários mais avançados. A avaliação da rua Desembargador Trindade não é muito alterada e as mulheres se mantêm receosas ao circular por ela à noite – algo que é nitidamente potencializado em virtude da iluminação insuficiente da área, igualmente criticada pelas entrevistadas. A rua Treze de Maio é melhor avaliada, devido à presença de restaurantes e farmácias que ficam abertos até mais tarde assim como aos fins de semana, atraindo uma melhor movimentação de pessoas.

A mudança drástica entre os movimentos diurno e noturno nas ruas é relatado pelas mulheres entrevistadas como o principal fator que as afasta dessas ruas fora do horário comercial. Cite-se, como exemplo, a rua Vila Nova da Rainha, conhecida pelo uso que marca sua característica principal: a Feira Central. Fora dos horários de comercialização nas barracas montadas de madeira, a rua vira, para elas, um espaço vazio, inabitável, com conotação ilegal e perigosa, em total oposição à característica principal dessa rua que, comumente, corresponde à expressão “de tudo você encontra na feira”.

(À noite) A Vila Nova da Rainha por exemplo é completamente intransitável... falando agora como mulher... é impossível mesmo. Porque é uma rua que é

acesso direto à feira, né? Tanto a feira é perigosa à noite... então é um lugar que evitei muito tempo e evito ainda... então quando a gente passa de carro eu sempre digo “ó, acelera mais porque esse pedaço aqui é tal”. (...) Eu acho que das cinco ruas, talvez a mais tranquila pra você passar à noite talvez seja a Treze de Maio... até porque pelo comércio. Se você for analisar em graus de periculosidade ela talvez seja a menor... mas também assim... não passa de boas... você vai pra lá, mas vai sabendo, com certo receio. (...) A Desembargador é muito esquisita, qualquer hora do dia e da noite... é uma rua que inclusive você vê poucas pessoas andando nela. É uma rua que hoje tem muito prédio, inclusive de classe média alta, com pouca gente usando... então é uma rua que eu não passaria nela a pé se não fosse necessário e não tivesse outra opção. Porque você tem outras possibilidades, pra não pegar ela. (JM, 40 anos)

A Vila Nova da Rainha ela tá muito ligada à Feira... ela conecta a Feira com o restante da cidade, então é uma rua de muito comércio, de comércio popular e de comida... de alimento na verdade. (PT, 48 anos)

Por exemplo, eu nunca vou na feira grande de tardezinha para a noite, e ninguém faz isso... só se você quiser outras paradas. Se você for atrás de, enfim... você acha de tudo lá dentro. Mas é B.O. na certa, se você chegar lá escuro. E não adianta se você é uma cara vista lá, não adianta. E você arranja de tudo ali, já ouvi dizer que se você quiser matar alguém pode ir lá dentro que você vai achar quem faça o serviço. Então assim, uma infinidade de coisa (...). (RB, 24 anos)

Além do horário, quando as mulheres entrevistadas descrevem as ruas em relação aos seus usos e características, é perceptível que outros critérios que provocam estranhamento aparecem nos seus discursos. Além da pouca diversidade de usos, como é o caso da rua Desembargador Trindade, a presença de usos rotulados como “mais masculinos” e o histórico da rua também interferem nessa

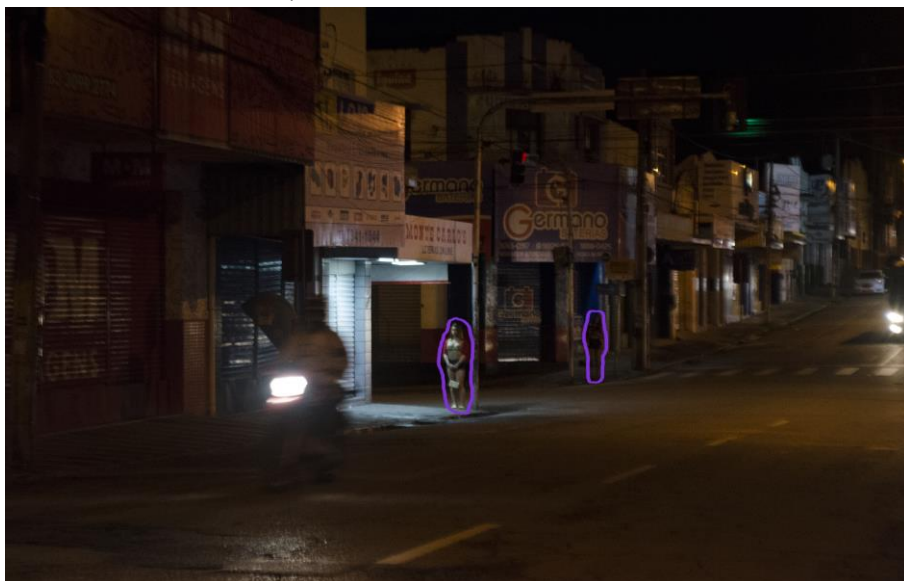
percepção. A rua Índios Cariris, que além de possuir muitas oficinas mecânicas, lojas de materiais automotivos e de construção funcionando durante o dia, também é conhecida, à noite, pela presença de cabarés e espaços de prostituição. Até hoje, a via e seu entorno, carrega essa fama e é denunciada pelas entrevistadas, principalmente mais velhas, por ainda possuir prostíbulos disfarçados e pessoas oferecendo ou à procura do mercado sexual (*cf. infra*, imagem 104).

(...) Fora a Índios Cariris que eu assim... sempre que tiver que passar eu passo, mas evito... não tenho muito o que fazer pro lado de lá não... eu evito por isso, tem umas coisas estranhas... é oficina e ao mesmo tempo não é oficina... e de noite já é... não acho legal não por ali, não me sinto insegura. (MR, 62 anos)

(...) A Índios Cariris, ela tem duas coisas aí que é importante a gente listar... tanto essa coisa de ser um universo masculino... eu digo isso de masculino entre aspas, porque obviamente tem mulher que trabalha lá... mas no geral, como a coisa lá é muito mais automobilística... oficina, coisas de lojas de parafuso... então tem muito homem usando ali. E também, eu não sei como está isso hoje, mas durante muito tempo foi um espaço voltado... ligado com a coisa da prostituição. Que não era exclusivo da Índios Cariris... mas que também foi durante muito tempo e acaba tendo uma referência dessa coisa, né? Historicamente e ainda hoje quando você passa... principalmente nos cruzamentos dela... você vai encontrar travestis... é uma marca dela, uma referência. (...). (JM, 40 anos)

(...) A Índios Cariris, quando eu era criança, minha mãe não gostava muito que eu circulasse por lá, porque era uma rua do chamado "baixo meretrício", com bordéis... eu acho que ainda tem, poucos mais ainda tem (...). (PT, 48 anos)

Imagem 104: Pontos de prostituição na calçada da rua João Pessoa, próximo à rua Índios Cariris



Fonte: acervo pessoal (2019)

O empraçamento do Calçadão da rua Cardoso Viera acaba sendo avaliado separado do restante da rua, e, como vimos anteriormente, é marcado pela aglomeração de homens. Eles estão presentes a trabalho e de passagem, mas, principalmente, por lazer, interagindo em grupos, desfrutando da sombra, dos bares, lanchonetes e serviços de engraxate. No entanto, o que é “lazer” para uns pode corresponder ao “conflito” para outros; além das mulheres entrevistadas não se sentirem convidadas a usar e a passar por esse espaço, quando o fazem, por vezes, protagonizam cenas de violência verbal e assédio sexual. Como vimos, quase todas evitam passar ou usar o Calçadão; apenas duas afirmam usar e gostar desta área – uma pela profissão pública

que possui e por conhecer as figuras que frequentam e a outra por, mesmo sendo alvo de assédio, se dizer persistente no uso desta rua, pela característica convidativa de sua localização e infraestrutura.

A Cardoso Vieira é bem frequentado... como a gente costuma dizer. Circula muita gente, e nesse circular de muita gente tem os casos de assalto e de roubo... então eu não gosto da Cardoso Vieira. E lá pra cima, pelo Calçadão, é aquela coisa de ter gente... homens ali sentados... sempre falando mal de mulher. (...) então parece ser sempre um ambiente hostil... e aí pra evitar assédio aquela coisa... hoje nem tanto mais porque chega numa idade que você nem sofre mais tanto assédio, mas quando se é jovem, é terrível... você passa e parecem verdadeiros corredores poloneses, porque assediam você de várias formas. (PT, 48 anos)

No calçadão tem pouca mulher interagindo, tem mais mulher de passagem... porque esse pedaço do calçadão é um elo entre a (rua) Marques (do Herval), a (rua) Venâncio (Neiva) e também é caminho pra quem está indo pra (rua) Maciel Pinheiro e até pra Rodoviária Velha. Tem muita mulher passando... PASSANDO... Mas que fica nesse lugar, que per-ma-ne-ce... que usufrui daquele espaço são pouquíssimas. São mais homens ali... seja na condição de parar, de ouvir e aproveitar a sombra, ou seja, na condição de trabalhador... os caras que estão engraxando, que fazem charge, vendendo coisa, ou até mesmo cantando pra ganhar alguma coisa... são muito homens. Dificilmente eu paro e sento pra observar e vejo outras mulheres, difícil mesmo (...). (JM, 40 anos)

Sobre as diferentes utilizações das ruas, analisadas a partir da perspectiva do “gênero”, as mulheres entrevistadas indicam que, durante o dia, a maioria das cinco ruas é mais utilizada por mulheres do que por homens. Pelo que elas observam no espaço, os comportamentos e sensações de

outras mulheres não diferem muito daqueles que elas mesmas atestam sentir, ao caminharem por uma rua. Segundo elas, mesmo havendo muitos trechos em que se sentem inseguras, seja pelo uso das edificações ou pela sua evolução histórica, o desconforto não ocorre em todos os trechos. Assim como acontece na rua Cardoso Vieira, há trechos que invertem um pouco a lógica e conseguem resgatar nelas boas sensações e experiências.

(...) Por exemplo... no final da rua Índios Cariris acho que tem mais homens... tanto trabalhando quanto comprando e... e acho que na feira também, eu sempre vejo mais feirante homem do que mulher... não sei se é uma impressão minha. Na Cardoso Vieira o pessoal que fica na praça... na praça não, no calçadão (é mais homem). E Desembargador Trindade... acho que é igual, mais o pessoal que mora ou fica nos estacionamentos. E a Treze de Maio também... acho que a mesma coisa que as mulheres (a quantidade de homens). (MS, 27 anos)

(...) A Vila Nova e a Treze de Maio é mista, a Cardoso Vieira e Índios Cariris é majoritariamente masculino e a Desembargador não é de ninguém ((risos)). (JM, 40 anos)

Na Cariris eu nem vejo mulher ali... acho que é também pela cultura, pelo tipo de loja... são profissões que não são dominadas por mulheres, são lojas com produtos com profissionais majoritariamente homens, e as mulheres não vão lá comprar. (MG, 34 anos)

Imagem 105: Espaços que geram sensação de insegurança nas ruas recortadas.



Fonte: Elaborado pela autora e acervo pessoal (2021)

Os lugares indicados por elas como mais inseguros, em cada rua, estão marcadas em roxo no mapa acima (*cf. infra*, imagem 105). As manchas seguem o padrão das respostas dadas nos tópicos anteriores e se relacionam com o uso existente, com o tipo de fachada, existência de algum obstáculo visual, iluminação, etc. A espacialização destas áreas de evitamento, além de evidenciarem espaços com fama negativa e que acumulam funções majoritariamente masculinas, destacam, principalmente, esquinas e cruzamentos, de tal forma que, na organização desses espaços há o acúmulo dos aspectos físicos que contribuem para dificultar a visibilidade.

Deste corpus, pode-se destacar importantes mudanças no espaço da cidade, capazes de fazer com que as mulheres se sintam mais confiantes e confortáveis nas ruas. Dentre alguns caminhos que apontam para características físicas e de gestão direcionados a espaços mais seguros e convidativos na cidade, estão: a presença de iluminação em diferentes alturas; arborização adequada; melhoria na infraestrutura das calçadas; incentivo à diversidade de usos na rua, no bairro e ao longo de todo o dia, de forma que atraiam moradores e usuários de várias etnias, gêneros, idades e classes; presença de fachadas que tenham melhor permeabilidade e sejam mais ativas; diversidade de meios de transporte; moderação da velocidade do tráfego de

automóveis; regulamento e fiscalização da presença de ambulantes; e a promoção de ações culturais que gerem movimento à noite e nos fins de semana.

Além de modificar os aspectos físicos decorrentes de políticas públicas de produção do espaço, aparece igualmente aqui, como essencial, repensar as modalidades de sociabilização urbana e interações sociais. As entrevistadas destacaram a necessidade urgente de avanços na conscientização coletiva e de mudança do entendimento sobre os papéis de gênero, principalmente na educação de jovens e crianças, para que possamos avançar e reverter o quadro de responsabilidades provenientes da divisão sexual do trabalho e da estigmatização de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Procuraremos além da história
por um encontro mais novo
e mais possível
(Outlines - Audre Lorde)*

Pesquisar sobre a cidade é um exercício complexo que envolve muitas variantes, principalmente quando se propõe a olhar para ela, não como sujeito, mas como produto das relações sociais. Ao estudar as cidades, a partir da sua historicidade e de sua espacialidade e, ao observarmos o meio físico e as relações que nele acontecem, hoje e ao longo do tempo, é possível perceber como as mulheres têm uma maneira diferente de experimentar os espaços urbanos.

Na medida em que apreendemos a questão do gênero como uma construção social que atribui características e comportamentos, a partir da divisão entre masculino e feminino, compreendemos também um forte pilar social que reflete no planejamento e utilização das cidades. Primeiro, por vivermos em um mundo que é patriarcal e que utiliza gênero para dividir o trabalho sexualmente, separando-o entre reprodutivo e produtivo. Segundo, porque nossa sociedade é capitalista e se apoia no desenvolvimento

desigual da sociedade para sobreviver e garantir lucro, e dentre várias estratégias, usa o patriarcado para multiplicar desigualdades e selecionar grupos dominantes. Ou seja, estamos inseridos em um sistema político, cultural e econômico que se alimenta e retroalimenta um ciclo vicioso, dividindo papéis de gênero e estrutura das relações de poder (FEDERICI, 2017; SAFFIOTI, 2015).

Essas estruturas de submissão têm bases tão antigas que facilmente foram naturalizadas e constantemente são reproduzidas (e produzidas), seja nos espaços e subespaços de relações interpessoais (família, igreja, escolas, trabalho, política e na mídia, por exemplo), como também territorialmente. A pouca participação das mulheres nos espaços de decisão (seja por desinteresse político, falta de tempo, de oportunidade ou sentimento de incapacidade) contribui para que as necessidades femininas não sejam levadas em consideração. Ainda há mais espaço para que o corpo masculino seja usado como modelo padrão – corpo este que normalmente é branco, adulto, jovem, saudável, cis, hétero e motorizado – produzindo cidades com tecidos urbanos de bases monofuncionais, muitas vezes desconectados e que priorizam o automóvel.

Os levantamentos realizados na pesquisa mostraram que a utilização da cidade ainda tem forte ligação com a divisão sexual do trabalho, com espaços públicos essencialmente

dominados e voltados para os homens. Por geralmente ficarem responsáveis pelas atividades do lar e logística familiar – seja em função dos cuidados da casa, dos trajetos entre casa e escola com os filhos ou ainda para reposição de mantimentos e utensílios de uso doméstico –, as mulheres usam muito mais a cidade do dia, como indicou Tereza Del Valle (1997) e acumulam muitas funções, principalmente depois de casadas e de serem mães, o que acarreta na necessidade de realizar inúmeras viagens pela cidade. A maioria desses deslocamentos acaba sendo desconsiderado quando se observa a largura e pavimentação das calçadas, altura os postes e a relação com arborização, distribuição de serviços nas ruas e bairros, ou do transporte público na malha urbana. Pudemos ver, tanto pelos depoimentos como pelos levantamentos, como isso cria dificuldades de uso e apropriação dos espaços públicos.

A separação de demandas e características urbanas também refletem na liberdade de circulação e em como as mulheres tendem a se apropriar dos espaços. Os espaços livres públicos, como as praças, aparecem como sendo de domínio majoritariamente masculino e a distribuição de usos nas ruas podem contribuir para afastar ou atrair mulheres. Mesmo quando as mulheres estão em grande número circulando, a presença masculina contribui para que normalmente elas não se sintam pertencentes àquele ambiente, usando as praças e

espaços de descanso mais para passagem do que para lazer, evitando ou criando escudos ao passar por algumas ruas, como acontece na rua Índios Cariris e rua João Pessoa, nas praças Clementino Procópio ou ainda no Calçadão da Rua Cardoso Vieira.

A reprodução dessas disparidades e as modalidades pelas quais elas são enfrentadas na cidade estão em terreno de tensão e disputa, e ainda não há interesse e atenção necessária para produções que investiguem a forma urbana e como as mulheres usam e se sentem nos espaços. É importante valorizar as experiências urbanas como instrumento de combate a essas desigualdades, para quebrar a lógica moderna e patriarcal de ocupação dos espaços – que, a partir de uma visão masculina, também domesticou ou anestesiou o cotidiano – para potencializar e construir cidades com menos diferenças (LEITÃO, 2011).

Com o objetivo de investigar como se daria as experiências de diferentes mulheres no meio urbano de Campina Grande, lancei meu corpo no espaço para observar e ouvir sobre caminhos, movimentos e escolhas que outras mulheres faziam. Mesmo com plano de pesquisa traçado e equipamentos que facilitariam meu papel de coadjuvante, percebi, ao longo da pesquisa, que é muito difícil desconectar completamente a vivência desse corpo-feminino-observador do contexto do trabalho. E como se pudessem ser meus, me

reconheci em muitos dos comportamentos e falas de medo, e senti alegria e sorri por cada passo de conquista dado pelas mulheres que compõem a amostragem desta pesquisa.

Mesmo diante desta sobreposição de opiniões e percepções, foi possível observar que cada mulher está repleta de camadas que se atravessam, causando em suas histórias perspectivas diferentes de vivências urbanas. É possível listar várias características (físicas e subjetivas) desses corpos que podem ocasionar interpretações e sensações diferentes sobre os mesmos aspectos urbanos, como: raça, idade, sexualidade, transgeneridade, deficiências (mentais e físicas), classe, estado civil, maternidade, histórico e as crenças de cada uma.

Mesmo com o entendimento inicial de algumas camadas e com uma amostragem que abrangeu várias delas, o objetivo de apreender e entender a experiência coletiva através de múltiplas vozes foi prejudicado em virtude do período pandêmico e das limitações metodológicas. É preciso destacar que quanto maior a multiplicidade de camadas socioeconômicas, culturais, étnicas, sociais, etc. maior o alcance reflexivo, principalmente no que se refere ao direito à cidade e à constante reprodução de desejos que segue a lógica hegemônica e padronizada, como apontou Monteiro (2019).

As experiências na cidade, além de serem influenciadas pela sobreposição das várias camadas que o sujeito pode carregar, também têm relação com a criação de afetividade ou hostilidade (GONÇALVES e LEITÃO, 2015; SAFFIOTI, 2004). A capacidade de criar vínculos, seja entre sujeitos ou espaços, apareceu ao longo das entrevistas como um artifício que não é necessariamente estático ou individual, e revelou-se como um importante mecanismo para criar territórios femininos e transformar positivamente muitas experiências urbanas (individuais ou coletivas), seja por incentivar usos ou por melhorar a confiança e a liberdade de circulação. Por outro lado, percebeu-se que há características que são constantemente replicadas e que além de desestimular a presença e uso da mulher, contribuem na implantação de “espaços de medo”.

O medo é intrínseco à vida urbana, todo mundo tem medo na cidade e cria táticas para se defender de sofrer algum ato violento. Mas, quando se fala de violência no espaço urbano, normalmente tratamos como um tema natural que afeta homens e mulheres de forma igual. Ela atinge a todos, de fato, mas de formas diferentes. A violência contra as mulheres, em suas diversas representações, apoia-se em hierarquias de gênero e são consideradas práticas comuns na sociedade (SILVA, 2007; BIROLI, 2018; TARDIN *et. al.*, 2015). A dominação masculina, seja de espaços ou de corpos,

muitas vezes é entendido como natural, corriqueiro e não é questionada ou investigada. São muitas as modalidades de violência narradas envolvendo mulheres e nem sempre essas são facilmente perceptíveis ou deixam marcas aparentes. Além de se protegerem da possibilidade de assaltos ou furtos, as mulheres também convivem diariamente com o medo de comportamentos e interações inoportunas, como assédio verbal ou sexual, e o estupro.

Ao longo das entrevistas, independente do histórico e característica das mulheres, o medo apareceu como uma das principais questões que dificulta a vida urbana. As funções que desempenham socialmente e a constante desconfiança de sofrerem alguma violência, acompanha corpos femininos no cotidiano das cidades. Sentimentos que são facilmente naturalizados por elas e que desencadeiam comportamentos de fuga igualmente naturais, como: mudar roupas e caminhos, pesar em modos de se deslocar, horários, rotas e companhias antes de sair de casa. Essas inúmeras táticas acarretam em um acúmulo de carga mental de proteção que também pode ser considerado como uma violência, à medida que reverbera em mais uma supressão da liberdade feminina.

Foi possível perceber, através dos levantamentos, que essas violências vivenciadas por elas, apesar de praticadas por outras pessoas, normalmente homens, também estão associadas a um cenário urbano que permita ou possibilite

que tais episódios aconteçam. Expressões como “não se sentir bem”, “não gostar” e “desconfortável”, usadas reiteradamente nas entrevistas, foram geralmente associadas, por elas, aos espaços entendidos como “inseguros”. Dessa forma, ruas com pouca movimentação de pessoas, ausência de espaços que sirvam para pedir ajuda ou que funcionem como rotas de fuga, e barreiras que dificultem a visibilidade e legibilidade, causam medo às mulheres e fazem com que elas se sintam e vivam a cidade de forma diferente.

Ainda há inúmeros acordos, políticos e sociais, que dificultam esses corpos de acessarem serviços e espaços, ou que permitam e facilitem a dominação do corpo feminino e culpabilização das mulheres. Diversas dessas desigualdades são potencializadas pela estrutura social, política e econômica do sistema capitalista (e patriarcal), que atua no mundo, com poder na seleção corpos, desejáveis e indesejáveis, a partir de preceitos morais que criam padrões e normas de classificação e discriminação (SAFFIOTI, 2015; FEDERICI, 2017; GOFFMAN, 1980).

Mesmo tendo avançado muito, a conquista de direitos não é definitiva, linear e não acontece de forma igual em todos os espaços ou para todas as mulheres. Há algumas décadas, Simone de Beauvoir (1949) escreveu sobre a necessidade de as mulheres estarem sempre vigilantes,

porque seus direitos não são permanentes e basta uma crise para que eles sejam questionados. Sete décadas depois, Silvia Federici (2019) complementa, apontando o fato de o capitalismo possuir mecanismos que se repetem ao longo do tempo, resolvendo suas crises com a expropriação de direitos e relocação de papéis sociais. Como ela se refere a um sistema que também é patriarcal, os direitos das mulheres entram nesse pacote e ocupam lugares privilegiados na fila dos que são questionados e enfraquecidos.

Podemos compreender melhor essa definição ao olharmos para os caminhos que temos percorrido nas últimas décadas. Desde 2016, com retirada da ex-presidenta Dilma Rousseff (2011-2016) do poder, o país está sob a comando de legislaturas conservadoras, que preconizam incessantemente retrocessos em todas as áreas²⁰, freando avanços democráticos populares. Cite-se em particular a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e do Ministério das Cidades; constantes declarações discriminatórias e

²⁰ Vide notadamente o caso da deputada Marielle Franco, do Rio de Janeiro, cujo assassinato foi comemorado por deputados conservadores em vídeo onde quebram a placa que homenageava a deputada em uma rua na cidade do Rio de Janeiro (<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/08/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel.ghtml>).

violentas por parte do atual presidente e seu corpo político (G1, 2021); ou ainda a proposição e aprovação de propostas que retrocedem em direitos adquiridos, tais quais a reforma da previdência e o projeto de Lei 478/07 que visa retirar o direito de realizar aborto em caso de gravidez proveniente de estupro. Formam, portanto, um conjunto de ações retrógradas que colocaram o país 22 posições abaixo daquela em que se encontrava no ranking internacional de igualdade de gênero (ARAGÃO, 2021).

Essas afirmações se efetivam em números ao olharmos os índices de sobrecarga com o trabalho doméstico, desemprego e violência potencializados pela Covid-19 e a crise sanitária-econômica-política atual. Estamos falando de índices que já apresentavam disparidades entre homens e mulheres antes da pandemia, mas que, com a chegada do vírus e das medidas de saúde e políticas adotadas pelo atual Governo Federal, atingiram índices alarmantes no Brasil, contribuindo para dificultar a independência financeira feminina e legitimar a dominação dos seus corpos.

Inúmeros retrocessos que afetam a dimensão individual e coletiva, a capacidade de se articular, agir e pensar. Uma opressão que atua de diferentes formas e de acordo com um conjunto de camadas, e que, segundo Del Valle

(1997), contribui para que a mulher “navegue pela cidade”, à medida que tende a afastá-las do meio urbano, e flutuando sobre a terra firme, não têm permissão de se apropriar e interferir nos espaços públicos.

Por outro lado, podemos olhar todas as *táticas* de utilização apresentadas durante o trabalho, e a sua constante *reinvenção* (DE CERTEAU, 1998), como um ato de resistência. Mesmo com maré contrária e o medo de circular na cidade, as mulheres marcam presença, dispostas a quebrar as lógicas estigmatizantes e opressoras de subserviência e, para tanto, adaptam suas táticas de sobrevivência, recriam laços, entrelaçando o público e o privado e rompendo, mesmo que minimamente, a dicotomia da ideologia que tais espaços e estigmas sociais trazem.

Estudar e compartilhar essas experiências é importante para pensarmos sobre a gramática dessa prática coletiva e criar novos modos de pensar e agir. A percepção crítica da realidade tem poder de construir ações transformadoras, nem que pra isso seja preciso uma “revolução dos valores” – como fala a pensadora estadunidense bell hooks (2017) – para que possamos, enfim, abraçar a mudança.

Além da crítica, é preciso olhar para essas experiências de forma positiva, enxergar as conquistas que já podem ser percebidas no cotidiano e em outros micro-espacos, assim

como usar essa prática coletiva para criarmos novos modos de pensar e de agir. E se, sempre que as mulheres saem de casa e se lançam no mar urbano, estão questionando e disputando espaços de poder, podemos considerar que o que precisa acontecer pode já estar acontecendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTIONAID. **Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público**, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/uoHUJF>>, acessado em março de 2018.

AGUIAR, Douglas A.; NETTO, Vinucius M. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem, 2012.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ANDRÉS, Roberto. **Melhor que acessar**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, página 66 - 73, 2018.

ARAGÃO, Érica. **Brasil cai no ranking global de igualdade de gênero**. CUT Brasil. 2021. Disponível em:<<https://www.cut.org.br/noticias/brasil-cai-26-posicoes-em-ranking-global-de-igualdade-de-genero-604d>> acessado em novembro de 2021.

AQUINO, Aída P. Pondes de; MENDES, Beatriz Brito; MACEDO, Fernanda Gomes de; FERNANDES, Hanna T. Rocha; TAVARES, Marihana S. Cirne; COSTA, Pedro H. Silva. **Os espaços públicos do núcleo central da cidade de Campina Grande na percepção dos seus usuários**. Revista Tema. v. 17, n26/27, Campina Grande – PB, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/bGrs4P>>, acessado em novembro de 2018.

BEAUVOIR, Simone. **Segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. Tradução Sergio Milliet – 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BELCHIOR, Karllene Rachel Cacho. **Violência contra a mulher e as políticas públicas de contenção no estado da Paraíba**. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública – UFCG, 2016.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BONATES, Mariana Fialho. **Leis que (des)orientam o processo de verticalização: transformações urbanas em Campina Grande à revelia da legislação urbanística**. XI Coloquio Internacional de Geocrítica: La planificación territorial y el urbanismo desde el diálogo y la participación. Buenos Aires, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/mHW3Ga>> acessado em novembro de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003

BRASIL. Tarcisio Nunes. Ministério do Meio Ambiente (Org.). **Sustentabilidade urbana: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes: textos para as discussões da Rio+20: Volume 1 Mobilidade Urbana**. Brasília: MMA, 2015. Disponível em: <<http://migre.me/tKLV2>>. Acessado em Março de 2016.

BRESCIANI, Maria Stella. **Dimensões do estar no mundo/cidades: o público, o privado e o íntimo**. 2017. In: JACQUES, Paola Berenstein;

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade: Gestos Urbanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

CALIÓ, Sônia Alves. **Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano**. IV Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/JXiVaj>> acessado em abril de 2018.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CESAR, Tamires Regina A. de Oliveira. **O corpo: uma discussão presente na abordagem feminista e de sexualidades no Brasil**. 13º Mundo de Mulheres e Fazendo o Gênero 11: transformações, conexões, deslocamentos. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/1qBYh3>> acessado em abril de 2018.

COELHO, Camila; SZYLAGI, Emmanuel; SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. **Violência e medo na cidade: formas de exclusão do outro na cidade contemporânea**. In: SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. (Org.). Cidade Cultura e Urbanidade. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 295-325.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DEL RIO, Vicente; SIEMBIÉBA, Willian. **Desenho Urbano Contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

DEL VALLE, Teresa. **Andamios para una nueva ciudad: Lecturas desde la antropología**. Madrid: Cátedra, 1997.

Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes. **Manual de análisis urbano: Género y vida cotidiana**. Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco. Vitoria-Gasteiz, Espanha, 2010.

ENGEL, Cíntia Liara. **A violência contra a mulher**. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA, 2016.

ESTADÃO: CIDH 'preocupada' com 'discurso de ódio' de **Bolsonaro**. Minas Gerais, 12 nov. 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/11/12/interna_internacional,1005136/cidh-preocupada-com-discurso-de-odio-de-bolsonaro.shtml>, acessado em fevereiro de 2020.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FERREIRA, Karen; SILVA, Gleyton Robson. **Urbanismo Feminista**. XVII ENANPUR. Sessão Temática 10: Perspectivas para o planejamento urbano e regional. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/7mrBGZ>> acessado em março de 2018.

FERREIRA, Marcelus Gonçalves. **Corpo e cidade: uma corpografia do medo**. Revista Contemporânea. Ed. 18, v. 9, n.2, p. 86-98, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/2MWzp1>> acessado em novembro de 2018.

FIGUEIREDO, Lucas. **Desurbanismo: um manual rápido de destruição de cidades**. In AGUIAR e NETTO. Urbanidades. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2012.

FRANCO, Bárbara Lopes; OLIVEIRA, Josiane. **As Práticas de Constituição dos Espaços Organizacionais e dos Espaços das Cidades: Contribuições de Michel de Certeau aos Estudos Organizacionais**. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Porto Alegre – RS. 2016. Disponível em: <<https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/viewFile/24/16>>, acessado em novembro de 2021.

257

FREITAS, Carolina Alvim de Oliveira. **Estudos Feministas sobre a Questão Urbana: Abordagens e Críticas**. Anais XVIII ENANPUR. Natal, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=967>>, acessado em janeiro de 2020.

FREITAS, Laleska Costa de; LIMA, Ivaldo Gonçalves de. **Ideologia cisheteropatriacal contenção (cishetero)territorial e o vídeo clipe “Flutua”**. Anais IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Recife, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/desfazendo_genero/trabalhos/TRABALHO_EV129_MD1_SA22_ID1486_31102019124655.pdf>, acessado em fevereiro de 2020.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, Jan; SVARRE, Brigitte. **Como estudar a vida pública**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

G1 (Paraíba) (Comp.). **Campina Grande lidera número de casos de violência contra a mulher investigados na PB em 2019**. G1 Paraíba. Campina Grande, on-line. 02. 01 jun. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/06/01/campina-grande-lidera-numero-de-casos-de-violencia-contr-a-mulher-investigados-na-pb-em-2019.ghtml>>. Acessado em fevereiro de 2020.

G1 (São Paulo). **Justiça condena governo Bolsonaro por ofensas contra as mulheres**. G1 São Paulo. São Paulo, on-line. 25 de jun. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/25/justica-condena-governo-bolsonaro-por-ofensas-contr-a-mulheres.ghtml>> acessado em novembro de 2021.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Jahar Editores, 1980.

GONÇALVES, Fábio Christiano Cavalcanti; LEITÃO, Lucia. **Entre o eu e o outro, a paisagem**. Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. Artigos e Ensaios. Instituto de arquitetura e urbanismo (iau-usp). Pp 17-24. 2015

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2019.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010 **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>> acessado em abril de 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Conheça a o Brasil - População: Quantidade de homens e mulheres.** Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em:< <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>>, acessado em fevereiro de 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em:< <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>>, acessado em fevereiro de 2020.

ITIKAWA, Luciana; DIAS, Gabriela; ALENCAR, Kelly; PICONI, Pauline; SANTANA, Thais. **Mapeando a violência contra a mulher: a velha e a nova fronteira urbana, o corpo feminino.** LABCIDADE. Publicado em 30 de agosto de 2019. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/mapeando-a-violencia-contr-a-mulher-a-velha-e-a-nova-fronteira-urbana-o-corpo-feminino/>> acessado em novembro de 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LAMAS, José Manuel R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LEITÃO, Lúcia. **A cidade de Simmel, a cidade dos homens**. Cadernos Metrópoles. São Paulo, v. 13 n. 26: subjetividade e cultura na metrópole contemporânea, pp 461-471. 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14764/10768>>. Acessado em outubro de 2021.

_____. **Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de Sobrados e Mucambos e outros ensaios gilbertianos**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. **Espaços do medo ou espaços do desejo? Anotações sobre a forma do espaço edificado na cidade brasileira contemporânea**. Simpósio internacional sobre geografias da violência e do medo. Recife: UFPE, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/27155317/ESPA%C3%87OS_DO_MEDO_OU_ESPA%C3%87OS_DO_DESEJO>, acessado em novembro de 2021.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2002, vol.17,

n.49, pp.11-29. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-690920020002000002&script=sci_abstract&lng=pt>, acessado em janeiro de 2020.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: SIPEQ, 2004. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rbee/a/wzSYTZwjqnRzsJFcrp6tN5y/?format=pdf&lang=pt>>, acessado em novembro de 2021.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. Coleção debates e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MONNET, Nadja. **Flanâncias femininas e etnografia**. Tradução de P.B. Jacques. Revista REDOBRA - UFBA, Salvador, v. 11, ano 4, p. 218-234, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/2xLt66>> acessado em novembro de 2018.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTEIRO, Lia Tavares. **Arquitetura da (in)segurança: estudando relações entre configuração espacial, artifícios de segurança e violência urbana no bairro Manaíra, João Pessoa, Paraíba**. 2012. Dissertação (Mestrado em Conforto no Ambiente Construído; Forma Urbana e Habitação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/GrnVTW>>, acessado em novembro de 2018.

MONTEIRO, Poliana. **A produção feminista do espaço: costurando uma colcha epistêmica para pensar a cidade e as lutas urbanas.** Anais XVIII ENANPUR. Natal, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1465>>, acessado em novembro de 2019.

MUXÍ, Zaida; *et al.* **La Ley de Barrios en Cataluña: la perspectiva de género como herramienta de planificación.** Feminismo/s. RUA. Universidad de Alicante. Centro de Estudios sobre la Mujer. Alicante, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/w5qU1C>> acessado em abril de 2018.

NETTO, Vinicius M. **Cidade & Sociedade: As tramas da prática e seus espaços.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

PENERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. **Formas Urbanas: a dissolução da quadra.** Porto Alegre: Bookman, 2013.

PONTES, Diego. **Percursos sobre corpo e a cidade.** Cadernos NAUI Vol. 4, n. 6, jan-jun 2015.

PORTAL IPHAN. **Feira de Campina Grande (PB) recebe título de Patrimônio Cultural do Brasil.** Publicado em junho de 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pb/noticias/detalhes/4689/feira-de-campina-grande-pb-recebe-titulo-de-patrimonio-cultural-do-brasil>>, acessado em janeiro de 2020.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 – 1950)**. Campina Grande: EDUFCG, 2016.

ROSSI, L. M. **Art Déco Sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco**. Revista UFG. 2010

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Lugares em ação, laboratórios de urbanidade**. In: P. A. Rheingantz, R. Pedro, & A. Szapiro (Orgs.), *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: modos de ser e habitar as cidades* (pp. 85-115). Porto Alegre: Sulina. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade**. In: *As esquerdas e as novas lutas sociais na América Latina*. Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. PUC/SP. n 2, p 59-79, 2004 [1997]. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18789>>, acessado em março de 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006

SARAIVA, Camila Mendes XVII ENANP. **Gênero e Planejamento Urbano: trajetória recente da literatura sobre essa temática**. UR.

Sessão Temática 10: Perspectivas para o planejamento urbano e regional. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/LUvFQD>> acessado em março de 2018.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2014.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SILVA, Heitor Andrade; BARROS FILHO, Mauro Normando. **Morfologia urbana e espaços livres (públicos e privados) em Campina Grande/PB**. XI Colóquio Quapá-Sel – Sistemas de espaços livres: transformações e permanências no século XXI. UFBA. Salvador, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/6G5jZj>>, acessado em novembro de 2018.

SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/%20geosul/article/viewFile/12612/11775>>, acessado em janeiro de 2020.

SILVA, Natália Alves; FARIA, Daniela; PIMENTA, Marília. **Feminismo e o espaço urbano: apontamentos para o debate**. XVII Enapur. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/RSuSLH>> acessado em março de 2018.

SIQUEIRA, Ana Lúcia Andrade. **Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Desenvolvimento Urbano, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17274>> acessado em março de 2018.

SMDU (Florianópolis). **Manual para implementação de parklets**. Florianópolis, 2018. 38 p. Disponível em: <http://espacospublicos.pmf.sc.gov.br/downloads/A&P_parklets/PARKLETS%2001_FEV2018.pdf>. Acessado em fevereiro de 2020.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **O movimento feminista em campina grande-pb entre a história e a memória (1982-1992)**. IX Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB. Desafios e Perspectivas da Democracia na América Latina. João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/f2TK5v>> acessado em abril de 2018.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. São Paulo: Perspectiva. 2016

STREVA, Andrea Moreira. **A violência contra a mulher no espaço público**. Monografia mestrado. Departamento de Direito PUCRio. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/hQ4KAV>>. acessado em abril de 2018.

TARDIN, Elaine Borges; BARBOSA, Murilo Tebaldi; LEAL, Polliana da Costa Alberone. **Mulher, trabalho e a conquista do espaço público: reflexões sobre a evolução feminina no Brasil**. Revista Transformar.

UniFSJ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/fv5ERs>> acessado em março de 2018.

THIBAUD, Jean-Paul. **A cidade através dos sentidos**. Cadernos PROARQ. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/sbRYTW>> acessado em outubro de 2018.

_____, Jean-Paul. **O devir ambiente do mundo urbano**. Revista REDOBRA - UFBA, Salvador, v. 9, ano 3, p. 30-36, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/VRfmHR>> acessado em novembro de 2018.

TRIGUEIRO, Marcele De Araújo. Morais. **Éléments pour une prise en compte du rôle des espaces publics dans les grands ensembles**. Les cas lyonnais de la Ville Nouvelle et des Minguettes. Tese de doutorado. Lyon, INSA de Lyon, 2008.

_____, BERDIER C., MEDEIROS, T. G. et CAVALCANTI J. B., **La place des acteurs privés dans la fabrication de la ville brésilienne : le cas du quartier de l'Altiplano à João Pessoa**. *Cybergeo : European Journal of Geography* [En ligne], Aménagement, Urbanisme, document 927. Disponível em : <<http://journals.openedition.org/cybergeo/33704> ; DOI : 10.4000/cybergeo.33704> acessado em fevereiro de 2020.

VARGAS, Virginia. **Ciudades sin Violencia hacia las Mujeres Ciudades Seguras para Todas y Todos**. Red Mujer y Hábitat de América Latina y el Caribe. Cuadernos de Diálogos. Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer – UNIFEM, 2007(?). Disponível em: <[266](http://americalatinagenera.org/newsite/images/cdr-</p></div><div data-bbox=)

documents/publicaciones/virginia_vargas_espacios_publicos.pdf>
acessado em janeiro de 2020.

VELLOSO, Rita. **O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço, segundo Walter Benjamin**. 2017. In: JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. *Corpocidade: Gestos Urbanos*. EDUFBA: Salvador, 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil**. 1 Ed. Flacso. Brasília, 2015. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br> acessado em abril de 2018

APÊNDICES

Apêndice 1: Ficha de campo – Análise geral da rua

FICHAS DE CAMPO

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
TURNO:

MAPA DA RUA

a DOTAÇÕES

☐ Centro educacional
☐ Centro de Saúde
☐ Assistencial
☐ Cultural
☐ Esportivo
☐ Religioso
☐ Instituições

☐ Centro comercial
☐ Mercado de bairro
☐ Supermercado
☐ Ambulantes
☐ Quiosques
☐ Comércio têxtil
☐ Livraria/papelaria

☐ Bancos
☐ Mecânicos
☐ Bares/cafeeterias
☐ Restaurantes
☐ Pubs/casa de festa
☐ Centro policial
☐ Outros:

b USO E OCUPAÇÃO (qual predomina?)

☐ Residencial
☐ Comercial
☐ Institucional
☐ Misto
☐ Outro:

c PRESENÇA DE VEGETAÇÃO

☐ Árvores em linha
☐ Árvores isoladas
☐ Árvores em vaso
☐ Flores em vaso
☐ Zonas ajardinadas
☐ Outros:

PROPORÇÃO:
☐ Abundante
☐ Suficiente
☐ Escassa

d MOBILIÁRIO URBANO

☐ Bancos
☐ Cadeiras
☐ Jogos
☐ Espaços esportivos
☐ Espaço cultural (dança, teatro, música)
☐ Zonas cobertas
☐ Terraços
☐ Cabines telefônicas
☐ Caixas de correio
☐ Postes de luz
☐ Lixeiras
☐ Quiosques
☐ Esculturas
☐ Outros:

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
HORA: :

f CARACTERÍSTICA DAS CALÇADAS

ESQUERDA

- ☐ Menos de 1 metro
- ☐ Entre 1 e 2 metros
- ☐ Mais de 2 metros
- ☐ Pavimento tátil
- ☐ Acesso à garagens
- ☐ Acessível (sem obstáculos)
- ☐ Protegida por marquise
- ☐ Canteiros
- ☐ Postes

DIREITA

- ☐ Menos de 1 metro
- ☐ Entre 1 e 2 metros
- ☐ Mais de 2 metros
- ☐ Pavimento tátil
- ☐ Acesso à garagens
- ☐ Acessível (sem obstáculos)
- ☐ Protegida por marquise
- ☐ Canteiros
- ☐ Postes

g CARACTERÍSTICA DOS ESTACIONAMENTOS

ESQUERDA

- ☐ Bolsas de estacionamento
- ☐ Paralelo
- ☐ Perpendicular
- ☐ Zona azul
- ☐ Sem estacionamento
- ☐ Zona de carga e descarga
- Outro:

DIREITA

- ☐ Bolsas de estacionamento
- ☐ Paralelo
- ☐ Perpendicular
- ☐ Zona azul
- ☐ Sem estacionamento
- ☐ Zona de carga e descarga
- Outro:

h SINALIZAÇÃO

- ☐ Faixa de pedestre
- ☐ Semáforos
- ☐ Precaução para crianças
- ☐ Parada de ônibus escolar
- Outras:

i PARADAS DE MOBILIDADE URBANA

- ☐ Ônibus
- ☐ Taxi
- ☐ Moto-táxi
- ☐ Ônibus escolar
- ☐ Alternativo
- ☐ Bicicletário

e CARACTERÍSTICA DAS VIAS

- ☐ 1 via de sentido único
- ☐ 1 via de sentido duplo
- ☐ 2 vias de sentido único
- ☐ 2 vias de sentido duplo
- ☐ 2 carros em um único sentido
- ☐ Mais de dois carros em um único sentido

- ☐ Rua pedonal
- ☐ Boulevard
- ☐ Passagem de transporte público
- ☐ Ponto de moto-táxi
- ☐ Ponto de taxi
- ☐ Ciclovia/ciclofaixa
- Outro:

PERCEPÇÕES E SENSações NO ESPAÇO

Apêndice 2: Ficha de campo – Análise da rua por turno

FICHAS DE CAMPO

TURN

RUA: R. Índios Cariris
PESQUISADORES:

DIA: / /
TURN:

COMPORTAMENTO NA RUA

COMO CHEGOU?

POR ONDE CHEGOU?

MARCAR:

Mulheres: cor ☐
Em pé ☐
Sentada ☐
Criança ☐
Fluxos ☐

Homens: cor ☐
Em pé ☐
Sentada ☐
Criança ☐
Fluxos ☐

Fotos

OBSERVAR E DESCREVER: Relações que estão acontecendo no espaço:

Sensações gerais que o espaço te provoca:

α

AS PESSOAS QUE VOCÊ OBSERVA ESTAR NO ESPAÇO, ESTÃO/SÃO:

☐	Adultos	☐	Trabalhadores do lugar
☐	Brancos	☐	Ambulantes
☐	Negros	☐	Turistas
☐	Idosos	☐	Mães
☐	Crianças	☐	País
☐	Jovens	☐	Cuidadores
☐	Pessoas fazendo compras	☐	Passeadores de cães
☐	Moradores de rua	☐	Outros:

PODE-SE CONSIDERAR QUE HÁ PONTOS INSEGUROS A ESSA HORA? POR QUE?

FICHAS DE CAMPO

TURNO

RUA:
PESQUISADORES:

DIA: / /
HORA: :

b ILUMINAÇÃO

- ☐ A iluminação:
☐ Excessiva
☐ Boa
☐ Suficiente
☐ Escassa

c SOMBREAMENTO

- ☐ Ensolarado
☐ Semi ensolarado
☐ Sombra
☐ Escuro

d1 QUAIS ELEMENTOS ESTÃO SENDO USADOS NO MOMENTO?

- ☐ Bancos
☐ Cadeiras
☐ Canteiros
Outros:

d2 EM QUE CONDIÇÕES ESTÃO SENDO USADOS? ESTÃO EM BOAS CONDIÇÕES DE USO?

e QUE USO VOCÊ OBSERVA?

- ☐ Estar
☐ Passagem
☐ Passeio
☐ Ôcio
☐ Espera
☐ Encontro

- ☐ Recreativo/Esportivo
☐ Trabalho
☐ Compras
Outros:

Qual deles predomina?

f OLHANDO PARA AS MULHERES QUE USAM O ESPAÇO, CONSIDERA O ESPAÇO:

- | | |
|---|---|
| ☐ Muito seguro | ☐ Inseguro |
| ☐ Seguro | ☐ Perigoso |
| ☐ Normal | ☐ Muito perigoso |
| ☐ Pouco adequado | Outro: |

Apêndice 3: Roteiro entrevista semiestruturada

I. GERAL



CENTRO

Você costuma usar o **Centro de Campina**?

Que **áreas** frequenta mais no Centro e que **atividades** faz por lá?

Com que frequência faz uso dessas **áreas** para suas **atividades** no Centro de Campina?

Também **usa** para para lazer/passear?

Essas idas ao Centro, são para necessidade própria ou da casa/família?

Quando você vai, que **meio de transporte** costuma **usar**?

Costuma ir sozinha ou acompanhada de alguém? (Se acompanhada, vai com quem?)

Como você se sente ao usar essas **áreas** ou **espaços** para suas atividades?

ESPAÇOS E RUAS

Tem alguma **rua** ou **espaço** que você costuma usar mais?

Tem alguma **rua** ou **espaço** que você nunca vai ou pelos quais evita passar?

O que lhe faz sentir bem, segura, ao percorrer uma **rua** ou **espaço** ?

O que lhe faz se sentir insegura?

Tem algum **aspecto físico** (de organização de **cidade**, ou de características dos **espaços**) que faz com que você goste/não goste de andar ali?

Existe alguma dessas características que influencia você na escolha de **caminhos**?

Você já sentiu necessidade de mudar de **rota** por conta de algo na **rua** ou **espaço** (**aspecto físico**, evento, presença de pessoas, etc.)?

Diante da necessidade de mudar de **rota**, que critérios você normalmente usa para pensar em uma nova **rota**?

O horário do dia muda a forma como você usa essas **ruas** ou **espaços**? Por quê?

O horário do dia já lhe fez deixar de usar ou mudar de **caminho**?

Ter a **presença de pessoas** muda alguma dessas percepções das ruas ou espaços?

Quando tem **mulheres**?

Quando tem **homens**?

Você acha que **homens** e **mulheres** usam os **espaços públicos** (**ruas**, praças) de forma igual? Por quê?

Que experiências você considera que são diferentes nos **espaços públicos** quando se é **homem** ou **mulher**?

Qual o grau de importância você daria para a existência dessas categorias nas ruas? (Dar uma nota de 0 à 5, onde zero é 'nada importante' e cinco é 'muito importante'):

- Comércio
- Moradias
- Iluminação
- Presença de pessoas na rua
- Mobiliário
- Sombreamento

2. ESPECÍFICO

Para as ruas:
Rua Vila Nova da Rainha (1);
Rua Cardoso Vieira (2);
Rua Índios Cariris (3);
Rua Treze de Maio (4);
e Rua Desembargador Trindade (5)

MAPA 3



POR RUA

Você conhece essas ruas?
Já passou em alguma delas?
Como? (carro, a pé, bicicleta)
Em qual você costuma ir com mais **frequência**? Por que?
Em qual você vai com menos **frequência**? Por que?

Que **sensações** essa rua provoca em você?
Em alguma você teve boas **sensações**?
Em alguma você teve alguma **sensação** de mal-estar?

Você pode descrever as **principais características** de cada uma dessas ruas?
Que tipo de **relações** acontecem nessas ruas?
Você costuma observar se há outras **mulheres** nessa rua?
E o que **elas** faziam?

Você acha que **mulheres em geral** se sentem **seguras** ao circular nessas ruas?
Você acha que há pontos inseguros de dia nessa **rua**? Quais? E de noite? Quais?
Você acha que o **horário** interfere nas **sensações** de circular por essas ruas?
Que outras **características** dessas ruas você acha que provocam determinadas **sensações** (boas e ruins)?

O que você acha que poderia mudar nessas ruas para que **você e outras mulheres** se sintam mais confortáveis em usar essa **rua**?

3. PERFIL ENTREVISTADA

Você é natural de **Campina Grande**?
Há **quanto tempo** mora na cidade?
Em que **bairro** você mora?
Com quem você mora?

Qual o seu **estado civil**?
Você possui **filhos**? Quantos e de que idade?

Em que **ano** você nasceu?
Com que **etnia** você se identifica?
Qual seu **grau de instrução/escolaridade**?
Qual a sua **ocupação/profissão**?
Qual é o intervalo da **renda familiar**?
(menos de 1 salário (R\$ 1.045); entre 1 e 3 (R\$ 1.045 – 3.135); entre 3 e 5 (R\$ 3.135 – 5.225); entre 5 e 10 (R\$ 5.225 – 10.450); ou mais de 10 salários)

Apêndice 4: Tabela resumo - dados das entrevistadas

N	REF.	ANO	RAÇA	RENDA	ESTADO CIVIL	FILHOS	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	BAIRRO QUE MORA	HÁ QUANTO TEMPO VIVE EM CAMPINA
	MS	1994	NÃO SOUBE/ QUIS INFORMAR	MAIS DE 10	SOLTEIRA	NÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	ESTUDANTE	JARDIM PAULISTANO	DESDE QUE NASCEU - MAS MOROU FORA
	MG	1987	BRANCA	ENTRE 5 E 10	SOLTEIRA	NÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	SERVIDORA PÚBLICA	LIBERDADE	HÁ 8 ANOS (DEDE 2013)
	JM	1981	NEGRA	ENTRE 1 E 3	CASADA	NÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	SERVIDORA PÚBLICA	JARDIM VERDEJANTE	DESDE QUE NASCEU
	MR	1959	NÃO SOUBE/ QUIS INFORMAR	ENTRE 1 E 3	DIVORCIADA	SIM	SUPERIOR COMPLETO	SERVIDORA PÚBLICA	CENTRO	DESDE QUE NASCEU
	EL	1992	NEGRA	ENTRE 1 E 3	SOLTEIRA	NÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	PESQUISADORA	CENTRO	HÁ 11 ANOS (2010)
	PT	1973	PARDA	ENTRE 3 E 5	CASADA	NÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	CIENTISTA SOCIAL	CRUZEIRO	DESDE QUE NASCEU - MAS MOROU FORA
	MC	1960	BRANCA	ENTRE 5 E 10	CASADA	SIM	SUPERIOR COMPLETO	COMERCIANTE	BAIRRO DAS NAÇÕES	HÁ 45 ANOS (DESDE 1975)
	RB	1997	BRANCA	NÃO SABE	SOLTEIRA	NÃO	SUPERIOR INCOMPLETO	ESTUDANTE	BODOCONGÓ	DESDE QUE NASCEU
	AN	1989	PARDA	ENTRE 3 E 5	CASADA	SIM	PÓS-GRADUAÇÃO	PROFESSORA	ALTO BRANCO	DESDE QUE NASCEU
	PL	1999	BRANCA	ENTRE 3 E 5	SOLTEIRA	NÃO	SUPERIOR INCOMPLETO	ESTUDANTE	MALVINAS	DESDE QUE NASCEU
	RF	1998	BRANCA	ENTRE 1 E 2	SOLTEIRA	NÃO	SUPERIOR INCOMPLETO	MARKETING	PEDREGAL	DESDE QUE NASCEU
	LB	1995	BRANCA	ENTRE 1 E 3	CASADA	NÃO	SUPERIOR INCOMPLETO	AUTONOMA	JARDIM PAULISTANO	HÁ 5 ANOS (DESDE 2016)
	VB	1960	BRANCA	MAIS DE 10	CASADA	SIM	PÓS-GRADUAÇÃO	APOSENTADA	CENTENÁRIO	DESDE QUE NASCEU - MAS MOROU FORA
	JC	1988	PARDA	ENTRE 1 E 3	CASADA	NÃO	ENSINO MÉDIO COMPLETO	VENDEDORA	ALTO BRANCO	DESDE QUE NASCEU